

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

SÉRGIO RICARDO COUTINHO DOS SANTOS

CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UM
SOLDADO DE CRISTO.

A trajetória político-religiosa
de Victor Coelho de Almeida
(1879-1944).

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau
de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Jaime de Almeida.

BRASÍLIA

1995

À Dona Talitha Coelho de Almeida, que por seu amor às letras, e ao seu pai, preservou uma parte de nosso passado

À memória de todos aqueles que conviveram com Victor Coelho de Almeida

O historiador traz para a vida sobre a qual está escrevendo, ou para as passagens biográficas que ajusta à sua narrativa ou análise, um comprometimento com o meio social relevante, uma sensibilidade informada e treinada sobre os mundos nos quais o seu objeto viveu.

Peter Gay

A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Ecléa Bosi

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas ajudaram-me na trajetória que realizei durante o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Sem dúvida, elas fazem parte da minha biografia.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por estar sempre perto de mim.

Ao professor, orientador e amigo Jaime de Almeida, agradeço a orientação do trabalho, que com seu entusiasmo pelo "objeto de pesquisa" ajudou-me muito, pois demonstrou compreensão frente às minhas dúvidas e dificuldades na superação dos obstáculos, além do auxílio decisivo nos instantes finais.

Aos professores Victor Leonardi, Tereza Kirschner, Adalgisa Vieira e Albene Míriam que deram-me apoio, estimulando-me com críticas sinceras e construtivas, principalmente quando o trabalho ainda estava em sua fase inicial.

A todos os professores do Departamento de História da Universidade de Brasília que, de alguma maneira, incentivaram-me e conduziram-me para o mundo da produção científica.

A Leila e Arlete pelas constantes ajudas "burocráticas".

A todos os colegas do mestrado, deixo meu agradecimento pelo companheirismo e a saudade da convivência diária: Walter, João, Chico, Joelma, Kelerson, Junior, Elias, José Teodoro e Roberta.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, da biblioteca da CNBB em Brasília e da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro sou grato pelo excelente atendimento e auxílio na localização de fontes imprescindíveis ao meu trabalho. Vai um especial agradecimento ao sr. Humberto Crispim Borges da Academia Goiana de Letras pelo envio de vários documentos. O incentivo da CAPES foi essencial.

Ao lado dessas pessoas com as quais convivi através de atividades relacionadas à pesquisa, outras me acompanharam há muito tempo, dando-me amor e segurança: meu pai e minha mãe, sem os quais nada seria possível; meus irmãos, cuja amizade sempre se faz presente.

A Patrícia, minha esposa, e a Elisa, minha filha, sem elas minha vida estaria incompleta, pois são elas que fazem a vida ficar "linda demais".

Mas há alguém de quem não poderia esquecer: Victor Coelho de Almeida, junto ao qual aprendi sobre mundos que antes desconhecia. Foi ele sem dúvida, o meu constante companheiro durante as solitárias tarefas de pesquisa.

SUMÁRIO

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES _____	vii
RESUMO _____	viii
ABSTRACT _____	ix
INTRODUÇÃO _____	1

Capítulo I

INIMICI HÔMINUS DOMÉSTICI EJUS

O menino luz _____	15
A cidade luz _____	25
A luz de Deus _____	32
A Santa Madre Igreja _____	41

Capítulo II

A SERVIÇO DE DEUS

A cidade de Deus _____	55
A cidade maravilhosa _____	69
A cidade operária _____	74

Capítulo III

O EX-PADRE

Fugas _____	93
O Protestantismo no Rio de Janeiro _____	96

O intelectual protestante _____	106
Do Esoterismo Cristão ao Catolicismo _____	121
 Capítulo IV	
O POLÍTICO E O ACADEMICO	
De volta ao Brasil Central _____	125
Da L.E.C. a Coligação Libertadora _____	131
O Deputado Estadual _____	138
A Feminilidade das Letras _____	142
CONCLUSÃO _____	150
FONTES E BIBLIOGRAFIA _____	155

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

- 1) GRUPO DE ALUNOS DO SEMINÁRIO SÃO JOSÉ, RIO DE JANEIRO, 1906.

Entre as páginas 14 e 15.

- 2) DIPLOMA OFERECIDO PELOS ALUNOS DE FILOSOFIA DO COLÉGIO PIO LATINO-AMERICANO NO DIA 1º DE NOVEMBRO DE 1902.

Entre as páginas 54 e 55.

- 3) VICTOR COELHO DE ALMEIDA, PASTOR PRESBITERIANO, 1920.

Entre as páginas 92 e 93.

- 4) FOTOGRAFIA DE VICTOR COELHO DE ALMEIDA NO LIVRO GOIÁS: USOS, COSTUMES E RIQUEZAS MINERAIS, 1944.

Entre as páginas 124 e 125.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a vida do sacerdote, político e intelectual Victor Coelho de Almeida. Trata-se de uma pesquisa biográfica, no sentido em que indaga sobre o "universal" no "particular". Buscou-se observar, através da trajetória deste personagem, a formação ultramontana do clero em Roma, a atuação da Igreja junto aos operários, as disputas político-religiosas entre católicos e protestantes e alguns aspectos da história política e intelectual do estado de Goiás. O trabalho se inspira na proposta do historiador Peter Gay: uma história que, instruída pela psicanálise, busca "um estilo de ver o passado". As principais fontes são os artigos, livros e jornais produzidos por Victor Coelho de Almeida, sobretudo o seu diário pessoal.

ABSTRACT

This work focuses the trajectory of the priest, political and intellectual Victor Coelho de Almeida. It is a biography research that inquires about the "general" in the "particular". It was noticed, during his life, the ultramontane formation of the clergy in Rome, the action of the Catholic Church with the working class, the political and religious dispute between the catholics and protestants and some aspects of the political and intellectual history of the state of Goiás (Brazil). It is inspired in the proposal of the historian Peter Gay: it is a history, based on psychoanalysis, that searches "a style of seeing the past". The main sources are the articles, books and journals written by Victor Coelho de Almeida, especially his own diary.

INTRODUÇÃO

Quando elaborava meu trabalho final para conclusão do curso de Graduação em História - a ação social católica no bairro operário carioca de Bangu durante as duas primeiras décadas do nosso século¹ - deparei-me com um personagem intrigante.

Durante a fase de levantamento de fontes, procurei conhecer a biografia dos sacerdotes católicos que atuaram na paróquia de Bangu ao longo do período estudado.

Assim, encontrei o nome do primeiro vigário, o cônego Victor Coelho de Almeida, ordenado em Roma, onde se formou em Filosofia e Teologia, pela Universidade Gregoriana, como aluno do Colégio Pio Latino Americano. Antes de assumir a comunidade de Bangu, foi reitor do Seminário Maior do Rio de Janeiro e exercia outras comissões de confiança como examinador do clero e superior de religiosas.²

¹ - SANTOS, Sérgio Ricardo C. Bangu: a Questão Social e a Construção de um novo modelo de Igreja no Brasil (1903-1920), Dissertação de Graduação, Brasília, 1992, mimeo.

² - SANTOS, Ferreira dos. A Archidiocese do Rio de Janeiro, RJ, Leuzinger, 1914, pp.402-403.

Na sequência da pesquisa sobre a ação da Igreja naquele bairro, encontrei uma circular de 1919 do Vigário-Geral da Arquidiocese do Rio, comunicando a todo o clero católico a excomunhão de Victor Coelho por ter se tornado "público e notório a sua apostasia da fé católica", tendo também aderido ao Protestantismo do qual se tornou "ardoroso apologista".³

Este documento muito me intrigou. Por que um homem tão preparado para assumir posições de importância no interior da elite eclesiástica brasileira teria decidido romper com a Igreja e aderir ao Protestantismo? Como, naquele momento, o meu objetivo não era responder a esta questão, deixei-a de lado para concluir a monografia.

Terminado o trabalho e concluído o curso de Graduação, comecei a preparar meu projeto de pesquisa para o Mestrado. Decidi investir em um trabalho que abordasse a trajetória daquele homem.

Desta forma, minha pesquisa prosseguiu chegando a novas e estimulantes descobertas: Victor Coelho de Almeida deixou o Protestantismo em 1928 e retornou ao catolicismo; convocado pelo bispo de Goiás, se estabeleceu na capital daquele Estado como redator-chefe do jornal oficial da diocese; trabalhou na implantação da Liga Eleitoral Católica (LEC), elegendo-se deputado estadual em 1935; anos depois foi um dos fundadores da Academia Goiana de Letras; faleceu em 1944, na então recém-inaugurada Goiânia.

³ - Aos Revms. Snrs. Párocos, Capelães, Superiores Religiosos e Confessores, RJ, Typ. Martins de Araújo, 1919, p.3.

Victor Coelho foi um homem com formação intelectual bastante sólida, tendo deixado uma produção literária densa com vários artigos escritos em jornais católicos e protestantes, como também naqueles que ele próprio fundou, além de diversas publicações de folhetos, conferências, livros e revistas.⁴

Desta forma, visualizei vários objetivos a atingir com a biografia de Victor Coelho. Um primeiro objetivo seria analisar a estrutura familiar, procurando ver como as relações de parentesco e as formas de transmissão da cultura, no final do século XIX, pesariam na formação do caráter de uma pessoa, num quadro maior de grandes transformações da ordem social, política e econômica do Brasil. Em segundo lugar, o estudo biográfico poderia informar sobre as características da formação ultramontana de nosso personagem, ao longo de mais de dez anos no Seminário de Goiás e em Roma. Em consequência, caberia rever a importância do processo de romanização da Igreja Católica, em especial a campanha de arregimentação da classe operária e as disputas políticas no interior do clero e da intelectualidade católica na cidade do Rio de Janeiro no início do século. O projeto permitiria também uma aproximação à organização e à prática do Protestantismo, mais especificamente do Presbiterianismo, durante os anos vinte na Capital Federal. Por fim, a trajetória individual de Victor Coelho de Almeida conduz a uma pequena contribuição ao estudo da vida

⁴ - A Voz do Povo (1911), O Ex-Padre (1920); cf. os demais títulos nas Fontes.

política e intelectual de Goiás durante a década de trinta até meados dos quarenta.

Como bem disse Bárbara Tuchman, a biografia, como um prisma da história, "é útil porque abrange o universal no particular". Mas, ultimamente, a biografia vem sendo dominada por uma escola que abandonou a seleção em favor da inclusão de todo e qualquer detalhe. Tais biografias mostram a vida do personagem reconstituída dia a dia, do nascimento à morte, incluindo todo vestido ou calças novas, todos os poemas da juventude, todas as viagens, todas as cartas, todos os empréstimos, todo convite aceito ou recusado, todo recado telefônico, todos os drinques em todos os bares.⁵

Contra esta banalização, a revalorização do indivíduo na História, que também responde ao processo de massificação da sociedade, pode ser observada na historiografia mais recente, tendo sido objeto de um colóquio na Sorbonne em 1985.⁶ O retorno da biografia se insere na prática historiográfica da micro-história. Esta toma o particular (que com frequência é altamente específico e individual) como seu ponto de partida e prossegue identificando seu significado à luz do próprio contexto específico. A micro-

⁵- TUCHMAN, Barbara. A Prática da História, RJ, José Olympio, 1991, pp.70-78.

⁶ Problèmes et méthodes de la biographie. Paris, maio de 1985. Cf. também SCHMIDT, Benito Bisso. "A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia" in Cadernos de Estudo do Curso de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, UFRGS, 1994, pp.33-56.

história, assim como todo trabalho experimental, não tem um corpo de ortodoxia estabelecida para dele se servir.⁷

Basicamente, a micro-história tem se pautado pela busca de uma descrição mais satisfatória do comportamento humano. Toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações pessoais.

Esta opção de trabalho historiográfico não tem a pretensão de extrair, forçosamente, do conhecimento dos elementos individuais uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais, porém, ao mesmo tempo, não rejeita quaisquer formas de abstração, já que situações aparentemente insignificantes e casos individuais podem revelar fenômenos mais gerais.

Neste sentido, estamos próximos daquilo que é bastante conhecido pelos antropólogos: a **descrição densa** de Clifford Geertz. Essa técnica possibilita situar um acontecimento social dentro de seu contexto cultural pleno, possibilitando estudá-lo em um nível analítico e não apenas em um nível descritivo. O acontecimento social individual isolado pode proporcionar uma base para uma compreensão mais profunda da sociedade.⁸

⁷- LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história" in BURKE, op. cit., p.134.

⁸- SHARPE, Jim, op. cit., p.58.

A micro-história ataca por dois lados. Primeiro, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstrução do vivido, impensável em outras opções de trabalho historiográfico. Em segundo lugar, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula, isto é, atingir "a história que os homens não sabem que fazem."

Neste sentido, não podemos deixar de comentar algumas obras que aplicam esta metodologia.

O *Queijo e os Vermes* de Carlo Ginzburg é um belo exemplo. O objetivo do historiador italiano não foi reconstruir a mentalidade e o modo de viver de uma comunidade camponesa, mas antes explorar o mundo intelectual e espiritual de um moleiro chamado Domenico Scandella (apelidado Menocchio), nascido em 1532, que viveu em Friuli, no nordeste da Itália. Menocchio teve complicações com a Inquisição (foi afinal executado, provavelmente em 1600) e a volumosa documentação que se refere ao seu caso permitiu que Ginzburg reconstruísse grande parte do seu sistema religioso⁹. O estudo de indivíduos, com a profundidade empreendida pelo autor, é tão valioso quanto as abordagens coletivas mais familiares à história social.

Jonathan Spence, especializado na história da China, também se interessa pela micro-história e pela biografia. Um de seus primeiros livros foi a biografia do imperador K'ang-Hsi, ou

⁹- GINZBURG, Carlo. A Micro-história e outros ensaios, Lisboa, DIFEL, 1991, pp.177-178.

¹⁰- GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes: o universo de um moleiro no séc. XVI, SP, Cia. das Letras, 1989.

antes um retrato do imperador, uma tentativa de explorar sua mente, fazendo uma espécie de mosaico ou montagem de suas observações pessoais, encontradas dispersas entre os documentos oficiais, dispondo-as em capítulos cujos títulos são: "filhos", "governando", "envelhecendo". Em sua obra mais recente, Spence organizou um primoroso estudo sobre a vida e obra do famoso missionário jesuíta Matteo Ricci na China, a partir de várias imagens visuais, obedecendo uma sequência cronológica, produzindo um efeito reminiscendente, segundo o próprio método de Matteo Ricci.¹¹

Entre os brasileiros, encontrei dois trabalhos muito importantes para a revalorização da biografia.

O primeiro focaliza a trajetória política e intelectual do escritor anarquista mineiro Avelino Fóscolo. Regina Horta Duarte, com sua análise da vida e das publicações de Avelino, apresenta-nos com clareza um quadro representativo da história de Minas Gerais nas duas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX. Provavelmente maçom em sua mocidade, envolvido na luta abolicionista e na causa republicana, Avelino Fosco foi um exemplo de ação radical no período, cuja sede de justiça social o levaria a identificar-se com os ideais socialistas e depois com o comunismo libertário, em especial.¹²

Outro trabalho interessante é do antropólogo Oracy Nogueira. Pesquisando a vida do médico negro Alfredo Casemiro

¹¹- SPENCE, Jonathan. Emperor of China, Londres, 1974; Idem. A Memória do Palácio de Matteo Ricci, SP, Cia. das Letras, 1989.

¹²- DUARTE, Regina H. A Imagem Rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo, SP, Ed. da UNICAMP, 1991.

Rocha, o autor recorre às reminiscências pessoais, depoimentos de amigos e à sua farta correspondência para pintar um retrato do universo sociopolítico do Brasil da Primeira República. Médico negro numa comunidade branca ainda constrangida com a recente libertação dos escravos, ele representava as duas faces da integração do negro à sociedade. Deputado estadual, deputado federal e senador estadual durante muitos anos, a carreira política do Dr. Rocha reconstitui o jogo das relações, de apadrinhamento e de interesses que determinavam os mecanismos de poder da época; e, como contrapartida a essa difícil inserção na esfera pública, surgem no âmbito privado as barreiras do preconceito racial.¹³

Todos esses trabalhos, sem dúvida nenhuma, procuram descrever de maneira realista o comportamento humano. Assim, estes pesquisadores se utilizaram de outras ciências, como a antropologia e a sociologia, para a reconstrução de seus objetos de estudo. Nenhum deles recorreu, no entanto, à psicanálise.

"A psicanálise é uma ferramenta legítima para ajudar na compreensão do passado?". Peter Gay argumenta que todos os historiadores, e demais cientistas sociais e humanos, são psicólogos amadores. Diz ele que a psicanálise pode ser aplicada a todos os ramos da pesquisa histórica sem substituir outras abordagens interpretativas. Se a história "está preocupada com todos os ditados, os pensamentos, os atos e os sofrimentos humanos que ocorreram no passado e deixaram depósitos no presente", o

¹³- NOGUEIRA, Oracy. Negro Político, Político Negro: a vida do Doutor Alfredo Casemiro da Rocha, parlamentar da "República Velha", SP, EdUSP, 1992.

historiador é chamado, de fato obrigado, a pesquisar como tais ditados, pensamentos, atos e sofrimentos podem ser investigados mais efetivamente e compreendidos com maior sensibilidade.¹⁴

Assim, conceitos freudianos como Complexo de Édipo, ego, id e superego, poderiam ajudar na compreensão dos interesses privados de cada indivíduo. Foi desse modo que Eric Erikson - utilizando o esquema desenvolvimentista freudiano que analisa como o indivíduo internaliza os costumes, as crenças e as proibições sociais, e como a sua cultura, agindo principalmente através da mediação do que lhe é mais próximo, fornece direções para as suas pulsões cruas, desejos ocultos e ansiedades flutuantes -, no seu livro *Younger Man Luther*, analisou a juventude de Martinho Lutero. Erikson pressupõe que a personalidade do jovem Lutero reflete e articula as tensões mais profundas de sua época e do temperamento subjacente de seus contemporâneos.¹⁵

Para Peter Gay este tipo de análise, no qual o historiador lê a cultura através de um indivíduo, tem seus riscos e vantagens; sua eficácia depende muito mais de uma exploração histórica cuidadosa do mundo social em que está inserido o indivíduo do que do diagnóstico de sua estrutura de caráter.¹⁶

Um exemplo não muito bem sucedido foi o que fizeram o próprio Freud e William Bullitt quando escreveram a história do

¹⁴- GAY, Peter. Freud para historiadores, RJ, Paz e Terra, 1989, p.28.

¹⁵- Id. *ibid.*, p.144.

¹⁶- Id. *ibid.*

presidente norte-americano Woodrow Wilson. Bárbara Tuchman diz que o livro "é uma boa psicologia, mas uma história ruim". Segundo os autores, Wilson tinha combinado o poder mundial com extraordinárias contradições de caráter que revelavam um torturante conflito íntimo. A neurose central que teria exercido profundo e inconsciente domínio sobre toda a vida de Wilson foi por eles identificada como a fixação no Pai. A conclusão final dos autores foi que o presidente norte-americano tinha o poder de ditar uma paz justa, com o Tratado de Versalhes, mas deixou de exercê-lo em razão de sua neurose. Para Tuchman, mais séria do que este retrato unilateral do homem é a deformação da história pelos autores. "Teria bastado aos autores analisar a natureza das neuroses de Wilson, o que fizeram de maneira brilhante e convincente. Não era necessário pretender que elas fossem a causa histórica do que chamam de 'paz maligna' de Versalhes".¹⁷

É por razões como esta que muitos historiadores acusam a psico-história de reducionista, isto é, de deduzir as complexidades de um adulto individual (ou de um conflito entre adultos) ao relacionamento de uma criança pequena com seus pais. O reducionismo é sem dúvida uma das tentações constantes da psico-história. Mas ele é mais um acidente do que sua essência. Na verdade, em qualquer ciência humana e social, como também na prática histórica, só podemos decidir se uma interpretação - seja ela antropológica, sociológica ou psicológica - cruzou a linha que separa o estatuto

¹⁷- TUCHMAN, op. cit., p.112.

acadêmico do terreno proibido da ingenuidade, depois que a elaboramos, e isto, caso a caso.

Diante de tudo isso, optei, com a cumplicidade de meu orientador, por uma abordagem da trajetória política e religiosa de nosso personagem, que incorporasse alguns caminhos da **psico-história**. Mais que evitar o risco de cair no reducionismo, tratava-se de fugir da simplicidade e "procurar a complexidade", enfrentando as dificuldades apresentadas pelos manuscritos de Victor Coelho de Almeida, de caráter marcadamente autobiográfico e, portanto, guiados por algum sentido implícito de auto-análise psicológica. Mergulhar na psicanálise não obriga os historiadores a verem somente a criança no homem; podem também observar o homem desenvolver-se a partir da criança¹⁶.

Este trabalho oscila entre uma análise freudianamente ortodoxa e alguns pressupostos junguianos. Lidei com o **Conflito de Édipo**, mas também com o **Complexo de Castração** e com a **Integração do Feminino**.

Adotei como referencial mais direto a abordagem psicanalítica de Eugene Monik. Em seu livro **Castração e fúria masculina**, o autor retoma o antigo tema freudiano de castração e o revê na perspectiva de Jung, tirando do esquecimento uma área importante da psicologia masculina. O livro examina as forças e fraquezas das estruturas psicológicas masculinas, procurando mapear

¹⁶- GAY, op. cit., p.166.

os poderes que desde a infância alimentam a fúria do homem e os temores da castração e, ao mesmo tempo, sugere antídotos.¹⁹

Monik constrói, em seis estágios, a formação da estrutura psicológica masculina - pré-natal, pré-edípico, edípico, adolescente, realização e individuação. A castração, o clássico dano metafórico à formação masculina, permeia a análise.

Considerarei pelo menos cinco destes estágios na biografia de Victor Coelho de Almeida, distribuindo-os em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, *Inimici Hominus Doméstici Ejus*, cujo título alude a uma frase constantemente dita aos jovens seminaristas pelo bispo de Goiás Dom Eduardo Duarte da Silva, remete-nos à infância de Victor Coelho, vivida no Rio de Janeiro, em Paris e no Seminário de Goiás. Aqui, muitas observações psicanalíticas serão feitas, no intuito de problematizar a formação de sua personalidade e, conseqüentemente, melhor compreender situações posteriores. Cabe lembrar que o enfoque psicológico não elimina, nem pretende ultrapassar a pertinência de outros enfoques.

O segundo capítulo, *A Serviço de Deus*, reconstitui a atuação de Victor desde quando era aluno do Colégio Pio-Latino Americano em Roma, passando pelo momento em que foi reitor do Seminário São José no Rio de Janeiro, as atividades sociais com os operários de Bangu, até a crise provocada pela discussão em torno da criação de um Partido Católico no Brasil.

¹⁹- MONIK, Eugene. Castração e fúria masculina, SP, Paulinas, 1993.

O penúltimo capítulo, *O Ex-Padre*, busca avaliar, através da vida de Victor, as atividades políticas-religiosas do Presbiterianos no Brasil: suas lutas, suas vitórias e derrotas.

No quarto e último capítulo, *O Político e o Acadêmico*, Victor retorna ao catolicismo e ao Estado de Goiás onde trabalha incansavelmente pela criação da Liga Eleitoral Católica. Ali acompanho as disputas políticas entre o Partido Social Republicano e a Coligação Libertadora, partido de oposição no qual nossa personagem foi muito atuante. Retomo a esta altura a análise psicanalítica, recorrendo à proposta metodológica de Eugene Monik para avaliar o fechamento de todas as fases da estruturação psíquica de Victor Coelho no momento da individuação, destacando em particular o movimento de Integração do Feminino na sua atividade literária na Academia Goiana de Letras.

Neste trabalho de reconstrução da vida de um religioso, político e intelectual, utilizei largamente suas obras, artigos e folhetos. Vários outros tipos de documentos, tais como jornais da época, o depoimento de sua filha, documentos eclesiais das duas igrejas em que atuou, foram fartamente utilizados. Porém, nossa principal fonte, foram dois cadernos manuscritos deixados pelo próprio Victor Coelho. O primeiro, *Miscelânea*, é uma espécie de diário pessoal que relata, às vezes pormenorizadamente, os principais fatos de sua vida de 1897 até 1938. O segundo manuscrito, *Memórias*, relata toda sua infância e foi escrito já quase no final da vida, em 1935.

O acesso a estas fontes inéditas colocaram-me diante de um enorme desafio: minha Dissertação de Mestrado em História teria de definir-se como uma nova interpretação da trajetória de Victor Coelho de Almeida, já que ele próprio o fez nestes dois cadernos que legou ao futuro e que sua filha passou às minhas mãos. Isto significa que meu trabalho não poderia ser a simples divulgação de tais manuscritos - que, aliás, já seria algo importante - mas que teria de incorporar a preocupação deste indivíduo com o sentido de sua própria vida no conjunto de problemas a discutir.



Capítulo I

Inimici hōminus doméstici ejus¹

O MENINO-LUZ

No dia 6 de outubro de 1877, na paróquia do Divino Espírito Santo, freguesia do mesmo nome, cidade do Rio de Janeiro, se realizava o casamento de dois jovens oriundos de famílias da aristocracia imperial. O rapaz, Aristídes de Melo Moraes, deveria ter uns 20 anos e sua esposa, Noelina Coelho de Almeida, tinha treze anos de idade. O jovem Aristídes era filho do famoso historiador, político e médico alagoano Alexandre José de Melo Moraes, enquanto Noelina tinha como pais José Thomaz Coelho de Almeida - advogado e grande proprietário rural em Campos (RJ), tio do conselheiro do Império Thomaz Coelho -, e Victoriene Cousin de Almeida, francesa, sobrinha do filósofo e estadista Victor Cousin.

¹- "São inimigos do homem seus parentes", frase de Dom Eduardo Duarte da Silva (1852-1924), bispo de Goiás.

A igreja onde se casaram "só se recomendava pelo seu valor histórico". Entretanto, a região era conhecida pelas suas entusiasmadas festas do Divino². No ano seguinte, poucas horas antes de dar à luz o primeiro filho, Noelina teve um sonho estranho: viu uma linda mulher, Nossa Senhora, que lhe trazia um menino dentro de um lampião de iluminação pública. O sonho provavelmente tinha relação com uma inovação técnica que transformava o cotidiano do Rio de Janeiro naquela época: os lampiões de azeite estavam desaparecendo dos bairros. Perto dali, no Engenho Novo, estavam sendo substituídos 217 lampiões pelo novo sistema *gás globo*, completando 898 combustores pelo novo sistema nos subúrbios³. Mas a matéria dos sonhos pouco tem a ver com suas fontes materiais de inspiração. O sonho de Noelina deve tê-la tocado profundamente, aumentando sua expectativa pela chegada da criança. Por sua vez, ao tomar conhecimento dele, mais tarde, Victor Coelho de Almeida também o interpretou como um sonho profético.

Às 6 horas da manhã do dia 8 de setembro nasceu, numa casa do Largo do Catumbi, um menino. Era o dia em que a Igreja comemorava a festa da Natividade de Nossa Senhora. Chamaram-no

²- SANTOS, Noronha. As Freguesias do Rio Antigo, RJ, Ed. O Cruzeiro, 1965; primeira ed. 1900, p. 51; sobre esta festa naquela freguesia cf. MORAIS FILHO, Melo. Festas e Tradições Populares do Brasil, BH, Ed. Itatiaia; SP, EdUSP, 1979, pp. 117-126 (este autor era tio paterno de Victor Coelho).

³- RENAULT, Delso. O Dia-a-dia no Rio de Janeiro, segundo os jornais (1870-1889), RJ, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1982, p.118.

Victor, um nome comum do lado materno. Mais tarde foi apelidado de "Bibi".

Meses depois, a sogra de Aristίδes o expulsava de casa, provavelmente por adultério. Anos mais tarde, ao relatar esta cena, Victor Coelho de Almeida o fez de modo a sugerir que sua avó tomava então o papel do homem na família. Dona Victorine era extremamente enérgica. Grandona e decidida, avançou contra Aristίδes dizendo: "Ponha-se parra forra! Se non quiserr sairr pela porrta, sai pela janela..."⁴.

Permaneceram no Catumbi por alguns meses, mudando-se então para uma chácara de propriedade de Noelina no bairro do Engenho Novo. Aí batizaram a crianças, na matriz de Nossa Senhora da Conceição. Com este gesto, Noelina agradecia à Virgem Maria a graça recebida e lhe consagrava para sempre o filho.

Neste bairro decorreram os três primeiros anos de vida de Victor. Ele era o alvo de todas as atenções da mãe, da avó e da madrinha, tia Tatá. Além delas, vivia sob o mesmo teto o tio Leão, de apenas 14 anos.

Como se sabe, pelo final do século XIX, em todos os meios da sociedade ocidental, os primeiros anos da infância tinham características femininas e feminilizadoras: tanto meninos como meninas usavam camisolões e cabelos compridos até os três ou

⁴- Sobre Dona Victorine cf. COUSIN, Almeida. "Febre Amarela" in Folhetim do Jornal do Commercio, Jornal do Commercio (RJ), 11/01/68.

quatro anos de idade, e muitas vezes até por mais tempo, brincando nas saias da mãe ou de uma pajem.⁵

Com Victor não foi diferente. Sua avó adotara uma menina de 8 anos, Maria, filha de ciganos, que cuidou dele até aos 6; como relataria mais tarde, ele não gostava muito dela porque, para fazê-lo dormir, o amedrontava com histórias de "bicho-papao", "almas do outro mundo", "bichos ferozes"...⁶.

A avó Victorine iniciou-o na alfabetização usando uns dados grandes com as letras alfabéticas. A tia Tatá o introduziu nos elementos da fé, ensinando-o rezar, a fazer o sinal da cruz e falando-lhe sobre "Papai-do-Céu" e "Mamãe-do-Céu".

Em maio de 1883, Victor e sua mãe viajaram para um pequeno vilarejo no interior da província, chamado Porto Velho do Cunha. Lá se achava seu pai trabalhando na instalação de um engenho de café, na fazenda de um coronel. Foi nesta oportunidade que o conheceu. Muito sintomaticamente, em sua autobiografia, escrita mais tarde, não teve nenhuma preocupação em compreender este reatamento do matrimônio do ponto de vista do casal.

O relacionamento com o pai não foi dos melhores. Aristídes trabalhava o dia todo, ficando pouco em casa; quando isto se dava, passava o tempo a tocar flauta. É bastante provável que Victor, ao evocar esta lembrança, tinha consciência de que a

⁵- PERROT, Michelle. "Figuras e papéis" in ARIÉS, Philippi. História da Vida Privada, SP, Cia. das Letras, vol. 4, 1992, p.152.

⁶- As informações descritas neste capítulo foram obtidas em anotações autobiográficas de Victor, intitulado Memórias (1935).

expressão "tocar flauta" denota "não fazer nada". Em dois momentos, a relação ficou tensa.

O primeiro se deu quando Noelina, sem muita prática, deixou queimar o arroz. A reação foi imediata por parte de Aristídes: "Casei com uma mulher que sequer sabe cozinhar!". O pequeno Victor teria retrucado: "Se foi a mamãe quem fez, está muito bom.". Aristides enfurecido teria avançado contra o filho, sendo contido por Noelina. O casal discutiu, Aristides saiu e, a partir daí, pouco apareceu na casa.

O segundo conflito ocorreu quando Victor tinha 4 anos e meio. Seu pai resolveu matriculá-lo numa escola primária; devido aos ensinamentos que recebera da avó, Victor já estava bem à frente dos demais alunos da classe, porém o professor não fora informado. Certo dia, obrigou-o a cantar, juntamente com os outros, o "A, B, C" e o "Bê-A-Bá". A princípio, obedeceu ao mestre, porém logo se recusou a continuar. O professor queixou-se com Aristídes e este, em casa, castigou o filho aplicando-lhe dois "bolos" com a palmatória.

Este fato foi a gota d'água para Noelina. Escreveu uma carta à mãe, e contou que Aristídes sustentava muito bem uma amante, enquanto ela e o menino viviam numa casa apertada e sem conforto. Poucos dias depois, dona Victoriene veio buscá-los dizendo: "Noelina, arruma já o que é teu e do Bibi, e vamos-nos embora. Só as roupas porque a tróli não comporta mais." "E Aristídes?" perguntou Noelina. "Ele não terá coragem de me aparecer. Nem eu quero vê-lo" retrucou dona Victorine.

Victor Coelho entrava, segundo a psicanálise, no chamado período Edípico, fase em que a criança passa por um momento de importância crítica para determinar e quantificar sua identidade sexual, bem como para estabelecer bases do seu desenvolvimento psicológico posterior. Entretanto, a fase anterior também é de suma importância: se o relacionamento dos pais for antitético, provocando na mãe uma atitude negativa em relação ao marido, algo desse negativismo será comunicado ao filho⁷.

Já na fase edípica, se o pai for incapaz de intervir no romance mãe-filho, o menino corre um risco de morte da sua masculinidade, pois o vínculo libidinal que o une à mãe não será rompido. A ausência do pai e o incesto com a mãe são ambos computados, subjetiva e inconscientemente, pelo menino, como castração. A ausência do pai priva o filho de um modelo de masculinidade que lhe sirva como parâmetro. O incesto com a mãe mantém o filho "dentro" dela. A consequência deste incesto psicológico é que o menino terá a mãe por modelo, e não o pai, verá o mundo através dos olhos dela, sentindo o mundo através dos sentidos dela. Como ela é mulher, tal identificação é prejudicial para a sua futura descoberta como indivíduo masculino.⁸

Estas noções psicanalíticas parecem aplicar-se bastante bem às primeiras reminiscências de Victor Coelho de Almeida, as

⁷- Uma prova disto está nas anotações de Victor referentes ao caso da amante de seu pai: elas foram rasuradas dando mostras de repúdio ao fato e ao autor dele. A rejeição continuava, passados quase 50 anos.

⁸- MONICK, Eugene. Castração e fúria masculina: a ferida fálica, SP, Ed. Paulinas, 1993, p.52.

mais decisivas na conformação da personalidade. Aí se pode vislumbrar um pai fálico (a flauta, uma amante, a palmatória) disputando inutilmente com o filho a sexualidade (o arroz) da mãe; e já foi salientada a presença autoritária da avó materna, sempre pronta a expulsar o genro e a assumir o comando da família.

De 1885 até 1888, Victor e sua família residiram em várias cidades do sul de Minas: São João Del Rey, Amparo, Lavras e Três Corações, mas terminaram mesmo por fixar-se na capital. Em março de 1888, Victor foi internado no Colégio Internacional, na rua S. Cristóvão. Depois do famoso Colégio Pedro II, aquele era o melhor da Corte. A disciplina era rígida; além do ensino, o colégio oferecia banhos diários, ginástica, aula de esgrima para os mais velhos, passeios matinais, visitas ao museu da Quinta Imperial e pescarias.

Certa vez, os estudantes visitaram, na Quinta Imperial, o imperador Pedro II. Tinha a seu lado o Conselheiro Pedreira e os diretores do Colégio. Todos os alunos, um a um, passaram à sua frente e ele os cumprimentava.

Victor e os demais alunos do Internacional participaram dos festejos da Abolição da Escravatura. Perfilaram-se diante do colégio, com toda a pompa, enquanto desfilavam os carros de gala conduzindo a Princesa Isabel, o Conde D'Eu, e os Ministros de Estado, rumo ao Campo de São Cristóvão. A carruagem imperial parou à frente do Colégio e o Conde D'Eu se pôs de pé para ouvir o coral do colégio cantar o Hino da Independência e a Marselhesa,

seguido de vivas e de breve discurso. Logo todos seguiram para o Campo de São Cristóvão.

Ao relatar este episódio, Victor Coelho aparentemente pretendia demonstrar que a manifestação feita pela direção e pelos professores do colégio era favorável à Monarquia. Mas um detalhe: a Marselhesa, tradicionalmente associado ao republicanismo, mereceria alguma atenção. José Murilo de Carvalho salienta que a nova postura dos intelectuais em relação à política talvez tenha sido mais importante que a circulação de idéias naquela década⁹. A princípio, pode-se pensar que cantar o hino da Independência fosse uma maneira de se homenagear o avô da Princesa, daí um apoio à monarquia; mas caberia aprofundar, em outro momento, a discussão em torno dos símbolos e ritos da "formação das almas". Uma pista importante seria a atitude do Conde d'Eu frente ao hino revolucionário francês¹⁰.

Victor e sua família moravam agora à rua do Senado, no centro da Cidade. Ali circulavam os mais diversos vendedores ambulantes, imigrantes ou não, que chamavam a atenção de todos com seus gritos. Um destes personagens das ruas chamava a atenção de Victor: o Príncipe Obá. Negro alto, magro, de cavanhaque e monóculo, trajava-se de fraque e usava cartola alta. Perambulava pelo centro da cidade com ares de pertencer a alta posição social e cumprimentava os irônicos que o provocavam tirando o chapéu. Este

⁹- CARVALHO, José M. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi, SP, Cia. das Letras, 1987, p.25.

¹⁰- Silva Jardim, líder dos Revolucionários, fez o mesmo quando da Proclamação da República; id. *ibid.*, p.47.

homem simbolizava o apoio maciço dos negros e da maioria plebéia à Monarquia. Durante os festejos de aniversário do imperador Pedro II, no dia 8 de dezembro de 1888, Raul Pompéia se assustou com a "turba imensa de populares, homens de cor a maior parte" que estavam no Paço Imperial. No meio do povo estava o Príncipe Obá, que adornara de penas sua farda de alferes honorário. Para Murilo de Carvalho a atitude do "príncipe" carregava um profundo simbolismo:

(...) um rei negro, um rei das ruas e becos da cidade, vai paramentado, combinando a farda do mundo oficial com as penas de suas origens africanas, a acolitado pela multidão dos miseráveis saudar o imperador de olhos azuis.¹¹

Dona Noelina, católica fervorosa, ia sempre com o filho Victor às missas dominicais para ouvir os sermões do melhor orador sacro do Rio, Monsenhor Brito, e o instrua nos assuntos religiosos. Algumas vezes ele confidenciava à mãe a vontade de ser padre, possivelmente impressionado pela sonoridade do Latim rezado nas missas; escreveria mais tarde que àquela altura, julgava que era neste idioma que Deus entendia melhor. Sua mãe lhe sorria e explicava que Deus não falava latim e entendia todas as línguas e, inclusive, os nossos pensamentos. Victor escreveu que não se conformava com a exclusão do português. Como nenhum detalhe de uma autobiografia é gratuito, esta pode ser uma pista interessante, uma indicação precoce da trajetória intelectual de Victor Coelho, sua preocupação com o nacionalismo, ou, além disto, uma antecipação de suas futuras inclinações protestantes.

¹¹- CARVALHO, op. cit., p.29; cf. MORAIS FILHO, op. cit., pp.309-312.

A família sentia na pele o aumento do custo de vida. A carne de vaca de primeira custava uma pataca o quilo (320 réis) e, quando da proclamação da República, o preço subiu a cruzado (400 réis). A reclamação foi geral. A crise econômica que se instalara no final do Império resultava da Abolição. Para acalmar os ânimos dos cafeicultores, principalmente os do Vale do Paraíba, e para atender à demanda de dinheiro para o pagamento de salários da mão de obra imigrada, o governo imperial começou a emitir muito. Além disto, o abastecimento de carnes e gêneros, bastante precário, bruscamente se agravava com a imigração, pois a estrutura de produção agrária, estoques e distribuição, tanto no interior da província do Rio de Janeiro como na capital, não tinha condições de suprir o aumento de demanda¹².

Estava em execução o programa de reforma financeira do Presidente do Conselho de Ministros, Joao Alfredo, que objetivava a criação de bancos de emissão e conversão metálica do papel-moeda, mas a opinião pública não se satisfazia. Apenas os banqueiros ganharam com o programa. A especulação tomava conta do Rio de Janeiro¹³. Dona Noelina vendeu, naquele ano, a casa do Engenho Novo e aplicou o dinheiro na Bolsa de Valores conseguindo algum lucro. Em novembro, ela e seu irmão Leão venderam as ações e receberam em troca ouro. Quando iam às compras, os comerciantes

¹²- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missao: tensões sociais e criação cultural na Primeira República, SP., Ed. Brasiliense, 1989, p.52.

¹³- RENAULT, op. cit., pp.228-229; CARVALHO, op. cit., pp.19-20.

recusavam as moedas-ouro de 20\$000 que traziam, e quando alguém as aceitava, descontava cerca de mil réis, porque o papel-moeda tinha ágio sobre o ouro.

Neste contexto Victor Coelho viu surgir a República. Assistiu a tudo do alto: empenava papagaio no Morro do Senado quando avistou a movimentação das tropas rebeldes. Poucos dias depois, toda a família foi à casa do marechal Deodoro, ali encontrando reunidos os novos ministros republicanos. Falaram com Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores, certamente sobre a difícil situação financeira em que Dona Victoriene se encontrava em Paris (ela viajara para a França como professora dos filhos do Comendador Laranjeira e o salário que recebia era muito pequeno).

Logo mais, a família decidiu enviar Victor e seu tio Leão a Paris. Desta maneira, o "menino-luz" viajaria para a cidade das "Luzes" que iluminava todos os movimentos, aspirações e sonhos da elite brasileira na Belle Époque.

A CIDADE LUZ

Fazia calor naquele dia 2 de dezembro de 1889. Victor reparou certo ar de tristeza entre as pessoas que transitavam no cais Pharoux: era o dia do aniversário de Pedro II. Alguns jovens republicanos, por outro lado, provocavam os demais cantando a

Marselhesa¹⁴. O vapor *La France* chegou a Marselha à tarde no dia 22. No dia seguinte seguiram de trem, alcançando Paris na véspera de Natal.

Victor ganhou presentes natalinos. Os vizinhos de Mme. Almeidá insistiram em que deixasse os sapatos junto ao aquecedor. Ao amanhecer, encontrou-o cheios de belos presentes de "Papá Noel". A noite de Natal era uma grande ceia para os franceses. A ceia contava com dois pratos tradicionais, o creme de baunilha com filhós e morcela grelhada, acompanhados por pratos frios como peru recheado de trufas ou, de sobremesa, fondants ou pastéis doces, ou, ainda, adotava-se uma moda inglesa: o *pudding*, símbolo do **Christmas**.

Quanto ao personagem Papai Noel, não tinha nenhuma relação com o nascimento do Menino Jesus. A Igreja se opusera por muito tempo àquela figura, mas como não conseguia deter o seu avanço, recuperou-o convertendo-o no fiel mensageiro do Menino e no fundador de uma simples moral de retribuição.

Victor pode ter recebido naquele dia, talvez um teatro de marionetes, ou miniaturas como o moinho com água de verdade e os pássaros que cantavam. Mas os jornais da época propagavam muito a idéia de se dar um bom livro para as crianças¹⁵. A avó-professora pode muito bem ter feito esta opção.

¹⁴- ALMEIDA, Victor Coelho de. *Fé e Coração*, RJ, s/ed., 1920, p.57.

¹⁵- MARTIN-FUGIER, Anne. "Os Ritos da Vida Privada Burguesa" in ARIÉS, op. cit., pp.219-223.

No dia de Natal, foram ver a Exposição Universal de 1889 que já estava encerrada. A Torre Eiffel pareceu a Victor muito menor do que tinha suposto. As descrições faziam-no crer numa espécie de castelo encantado de altura descomunal. Foram ao primeiro andar de elevador. Visitaram o palácio das Indústrias, o pavilhão brasileiro, já em parte desfeito, o Trocadéro. À noite, ocorreram deslumbrantes festejos: Torre Eiffel iluminada, fontes e cascatas luminosas, grande multidão no local.

Passados os festejos de fim de ano, dona Victoriene matriculou seu neto numa escola particular. Victor fazia o percurso até a escola em 20 minutos. Seu professor já era idoso e nervoso, mas tratou-o bem. Teve aulas de religião católica e canto de um ofício eclesiástico todas às quintas-feiras. Foi aprovado nos exames finais de julho.

No verão, Victor e sua avó faziam excursões pelos campos próximos de Paris: Saint Cloud, Ville d'Avray e Versalhes. Levavam uma cesta com o lanche, que tomavam sempre diante de bela paisagem, à sombra dos bosques, perto de alguma fonte. Entre as relvas, colhiam morangos e flores, que levavam para casa. Conta-nos Victor um pouco mais sobre seus passeios:

Um dia, vovó não pôde ir a esse passeio, e pediu a meu tio Emile Cousin, irmão dela, que me levasse, juntamente com meus primos Édouard e Eugène. Ele aceita, mas, chegando lá e acabada a merenda, quis voltar de Saint Cloud, dizendo que aqueles matos o aborreciam. Insisti, e ele, contrariado, fez a excursão a pé, até Sévres [Sèvres], onde tomamos o vaporzinho, que nos reconduziu à cidade. Mas, protestou nunca mais ir comigo e passeios desse gênero, acusando-me de ter : "gosto selvagem".¹⁶

¹⁶- Memórias de Victor Coelho (1935).

Na verdade, o tio de Victor realmente não apreciava o programa típico da burguesia parisiense da época: a vilegiatura. Procurando imitar os aristocratas e os grandes burgueses, a pequena burguesia da cidade adquiriu o hábito de passear por regiões campestres aos domingos. *La Gazette des Ménages* comenta este hábito: "Sair no sábado à noite, passear no domingo (se não estiver chovendo) e voltar à cidade na segunda de manhã: é a isso que muitos parisienses chamam de ir ao campo". Cerca de 30 mil pessoas saíam de Paris para gozar os prazeres do verão nas férias, que eram vistas como uma necessidade e reivindicadas por todos como um direito¹⁷.

Naquele verão francês Victor teve seu primeiro contato com uma religião que desconhecia, mas de que já ouvira falar: o Protestantismo. Praticamente todas as noites sua avó passeava com ele pela Praça da Bastilha ou pelos Boulevards. Uma vez, quando caminhavam pelo Boulevard Bonne Nouvelle - o nome não poderia ser mais apropriado -, entraram na casa nº 8. Ali acontecia uma conferência protestante. O orador era Mr. Goud, que comentava recentes descobertas arqueológicas no Egito e no Oriente, relacionando-as aos textos bíblicos, que assim se confirmavam.

Victor ficou impressionado, gostou muito da palestra. Daí em diante, passaram a frequentar as reuniões, duas vezes na semana (quintas e domingos). Aprendeu muitos cânticos e começou a ler a Bíblia, principalmente os Evangelhos. Victor se entusiasmava. Ao ouvir uma palestra sobre o martírio de alguns missionários

¹⁷- MARTIN-FUGIER, op. cit., pp.228-233.

evangélicos na África, sentiu "desejos de igual martírio, e, impelido pela voz interna", comunicou a Mr. Anderson, chefe do serviço litúrgico, que desejava ser Ministro da Palavra para pregar o Evangelho aos "idólatras"¹⁸.

Mr. Anderson se dispôs a mandá-lo estudar na Inglaterra, mas dona Victorine interveio; de sua parte teria muito gosto que seu neto se fizesse pregador, mas sendo católica a sua filha, mãe de Victor, havia que consultá-la. A resposta de dona Noelina foi breve e curta: não!

Em outubro, Victor foi matriculado numa escola municipal (Comunale) em Paris, com 600 alunos. Seu professor era Mr. Besançon, conhecido na escola como Petit Père Besançon. Para Victor, este professor foi realmente o paizinho que não teve:

De todos os professores, que tive em qualquer tempo, foi o melhor. Muito culto, tinha o dom de transmitir, e ensinava muito e bem, com grande proveito e sem cansaço dos alunos. Ensinava todas as matérias do curso, inclusive música e desenho.¹⁹

Um fato interessante, ocorrido naquele ano na escola, permite-nos sondar a personalidade do menino Victor Coelho:

Na Escola, briguei uma vez. Foi a primeira e última briga a ruque. E apanhei. Mas, apanhei porque tinha culpa e me doeu a consciência no momento de lutar. Era um petit, menor do que eu. Tomei-me de antipatia contra ele, e, depois de muito acolar, dando-me à ele uma resposta qualquer, eu o agredi. Defendendo-se, ele stracou-se a mim, de unhas e dentes, deixando-me o rosto cheio de arranhões. Eu podia subjogá-lo, mas, forçando-se uma roda de assistentes, tive recurso de tê-lo provocado e vergonha do sto de covardis de bater em um menor. Tomei, pois, simples atitude de defesa, e sai perdendo. Os meus colegas tomaram-se por fraco, e eu não fiz caso disso. Serviu-me e lição, para nunca mais me meter em brigas.²⁰

¹⁸- A Razão, RJ, 02/06/1919 e Jornal do Commercio, RJ, 06/06/1919. O grifo é meu.

¹⁹- Memórias (1935).

²⁰- Idem. O grifo é meu.

É possível que Victor Coelho estivesse desenvolvendo uma neurose provocada pelo **Complexo de Castração**. Este forma-se no inconsciente masculino quando algo acontece fazendo com que interiormente o menino perceba que algo essencial ao seu ser masculino está sendo tirado. Fica para sempre uma lacuna, um ponto fraco no seu gabarito masculino. Este complexo "tem força mítica e habitualmente produz uma reação emocional com um peso muito maior do que o incidente que a provocou - *uma sensação íntima de mal estar, talvez catástrofe e pânico.*"²¹ Freud escreveu sobre a necessidade psicológica que o homem tem de reprimir a sua feminilidade. Karen Horney sugere que o homem tem o desejo secreto de ser feminino. Jung viu o perigo de o "herói" cair no complexo da mãe ao invés de enfrentar suas árduas tarefas. Ambos tratavam de uma necessidade arquetípica semelhante. Freud afirma que a passividade (atitude feminina) é uma falha da (e na) crise edípica. Horney diz que ceder ao desejo inconsciente abala a identidade do gênero do indivíduo do sexo masculino. Na visão junguiana, a passividade é uma falha da luta do herói pelo estabelecimento masculino²².

Na autobiografia de Victor, vimos que em Porto Velho do Cunha seu pai o agride na volta do colégio. Tenta fazê-lo de novo quando Noelina deixa queimar o arroz e Victor sai em defesa da mãe. Aristídes agride o seu filho, impelido neuroticamente pela

²¹- MONICK, op. cit., p.57. O grifo é meu.

²²- Id. Ibid., p.93.

evidência de seu próprio fracasso conjugal. Um analista poderia ver, na briga de escola em Paris, a réplica invertida das cenas de Porto Velho do Cunha: agora Victor é quem bate, e o menino "respondão", bem menor do que ele, é a sua imagem. A consequência deste ato é o quadro exposto por Eugene Monik, uma sensação íntima de mal-estar, de remorso e vergonha. Desta forma, ele prefere assumir uma posição de defesa e seus amigos o tomam por fraco. Victor é um menino falicamente tímido que se identifica psicologicamente com a mãe. A relação com a avó duplica esta identificação.

Examinemos agora a repressão materna ao entusiasmo missionário do menino Victor. As mulheres-mães do século passado construíram uma moral doméstica cujos eixos principais giravam em torno da fé contra a razão, da caridade contra o capitalismo, da reprodução como auto-justificação²³. Uma "voz interna" ordena a Victor que viva, como sua mãe, esta moral doméstica: cultivar uma fé grandiosa, não pensar somente em si, mas ser caridoso para com as outras pessoas, cuidar como pastor as suas ovelhas, sendo-lhes fiel até o fim da vida. Mas Victor seria psicologicamente castrado ainda uma vez. Neste caso, a mãe assume um papel claramente ativo, manobrando o filho em proveito próprio. A mãe que tem pouca vida própria tira partido da vida que produziu, alimenta-se dela, destruindo gradualmente sua liberdade. Eugene Monik discorre assim sobre a castração do homem pela mulher:

²³- PERROT, op. cit., p.142.

(...) a mulher que se sente dependente de um homem para a sua própria existência não pode amá-lo livremente: um ressentimento íntimo cresce, junta-se ao arquétipo da mãe negativa ou devoradora e coloca em movimento um processo inconsciente, cujo alvo é a destruição do seu captor.²⁴

O período de estada de Victor na Cidade Luz termina com o fim do ano letivo em junho de 1891. Prestou exames finais do curso primário, obtendo boa nota e o certificado oficial de aprovação. Victor termina esta parte de suas Memórias agradecendo os momentos compartilhados com sua avó, confirmando nossa tentativa de interpretação psicológica:

O meu mundo, o meu Paris foi a minha casa, ao lado de minha avózinha. Comentávamos, juntos, o que víamos e o que eu ia estudando: até elementos de arte culinária aprendi, observando, perguntando e ouvindo explicações. Continuamos até o velho hábito de concentração em família, pois minha avó sempre me disse: As amizades se conservam de longe; neste mundo há hipocrisia, muita falsidade e muito egoísmo. Ainda hoje (1935) conservo esse hábito de fugir do bulício, visitar pouco e ser muito amigo da minha casa.

A LUZ DE DEUS

A 4 de agosto de 1891, Victor e a avó partiam de volta ao Rio de Janeiro²⁵. Ao cruzar a linha do Equador, em meio à

²⁴- MONIK, op. cit., p.99. A castração imposta a Victor também tem um fundo religioso, pois veremos adiante que seu projeto de "martírio", agora como religioso católico, não será abortado.

²⁵- Seu tio Leão já tinha regressado ao Brasil meses antes.

tradicional festa, teria recebido um "aviso telepático", que comunicou à avó; à chegada, viram confirmada o "aviso"²⁶.

Noelina estava adoentada. Victor anotou a atmosfera que encontrou no porto que, como bem disse Luiz Edmundo, era o salão de visitas da cidade, o termômetro da "temperatura" social da Capital Federal.

A imprensa carioca da época dá conta de graves problemas econômicos e sociais. Os editoriais são longos e contundentes. Alguns jornalistas se preocupavam com a transição do estado agrícola para o estado industrial; o socialismo, às vezes, era lembrado. A escassez dos gêneros de primeira necessidade aumentava com a entrada de 6000 imigrantes por mês. O comércio de comestíveis se retraía, em razão do imposto adicional de 60%. Além disto, o setor terciário sofria as consequências dos conflitos políticos. A harmonia dos poderes federativos tornava-se a cada dia mais distante. O Executivo e o Congresso Nacional não se entendiam²⁷. Victor comentou em suas Memórias: "o estado social do Rio era muito confuso e havia pruridos de revolução."

Dona Noelina os aguardava no seu novo endereço, uma chácara que comprara na Boca do Mato. Foram recebidos com festas e grande alegria. Poucos dias depois, Victor se entristeceu com a

²⁶- Não sabemos o que Victor teria "visto", talvez fosse algum problema de saúde ou a perda de dinheiro na Bolsa por parte de sua mãe. Acreditamos que o primeiro possa ser o mais provável pois dona Noelina estava no oitavo mês de gravidez.

²⁷- RENAULT, Delso. A Vida Brasileira no final do século XIX: visão sócio-cultural e política de 1890 a 1901, RJ, José Olympio Ed.; Brasília, INL, 1987, pp.36-37.

despedida da avó que partia para Araxá a visitar tia Tatá. Na véspera do seu aniversário, sua mãe dava à luz uma menina: Raquel²⁸.

A família voltou à rua do Senado e Victor foi matriculado num externato próximo, à rua do Rosário, onde iniciou os estudos secundários. Precisou de um professor especial de Português. Neste período, assistiu a um culto protestante: mantinha a esperança de ser Ministro da Palavra. Sua mãe tomou conhecimento disto e tiveram uma discussão, cujo resultado foi a proibição expressa de assistir novamente aos cultos evangélicos.

Alegando saudades da avó, Victor pediu à mãe autorização para visitá-la em Araxá. Noelina o achava demasiado criança para empreender sozinho tão longa viagem que tomaria três dias de trem, com várias baldeações, e três dias a cavalo. Ele sugeriu uma solução: viajaria até São Paulo onde seu tio Leão lhe arranjaría tudo.

Em maio de 1892, Victor chegou ao hotel do bairro em que seu tio era gerente. Um deputado estadual que seguia para Ribeirão Preto lhe fez companhia. Além disto, seu tio escreveu a um fazendeiro em Jaguará solicitando ajuda na viagem a cavalo até Araxá. A avó tinha ali um colégio e Victor passou a professor

²⁸- Raquel viria a ser freira da Ordem do Bom Pastor. Talvez sua "vocação" estava ligada ao fato de sua mãe querer a morte, através dela, da "Eva" (a tentação, a pecadora) que achava ter dentro de si, pois, muito provavelmente, Raquel era bastarda. A ida para o convento significaria "apagar" o pecado e fazer nascer uma "nova" mulher à imagem de Maria - pura e "cheia de graça".

abertamente sua fé protestante, provocando a censura de algumas pessoas.

Dona Victorine, percebendo o possível alcance das intrigas, antes que o seu negócio viesse a ruir, mandou o neto passar alguns dias em São Pedro de Alcântara com sua tia Tatá e convidou o vigário da cidade para ministrar aulas de religião e de cânticos religiosos no colégio.

Victor retornou a Araxá dois meses depois, quando sua mãe chegava do Rio para viver com eles no colégio. Pouco depois, Victor Coelho teria um encontro decisivo para a realização do seu sonho de martírio na evangelização dos "idólatras". Conheceu três missionários dominicanos franceses que trabalhavam junto aos indígenas da região; procurou-os a princípio para praticar o francês, mas logo esqueceu suas inclinações protestantes e começou a se preparar para a primeira comunhão.

Os dominicanos desenvolviam suas atividades desde 1881 a pedido do bispo de Goiás, Dom Gonçalves Ponce de León. Ocuparam-se de missões paroquiais e da fundação de centros de catequese para os índios. Um primeiro grupo de dominicanos se estabeleceu em Uberaba. Outros vieram em 1883 para a cidade de Goiás e em 1886 para Porto Imperial, hoje Porto Nacional²⁹.

Os religiosos aconselharam Victor a fazer seus estudos secundários no Seminário Católico de Goiás, no que foram secundados pelo vigário da cidade, padre Mariano. Victor queria estudar

²⁹- CEHILA, História da Igreja no Brasil, Petrópolis, Ed. Vozes, tomo II/2, 1980, p.303.

Engenharia na Bélgica, mas o vigário argumentou que ele poderia estudar no seminário e, concluindo o secundário, estaria apto para estudar na Bélgica. Além do mais, iriam para Goiás doze rapazes de Araxá. A resposta de Victor foi imediata:

A compenhiã e o desejo de conhecer os índios e as selvas do interior, fizeram-me anuir ao convite. Dei minha palavra ao P. Mariano, depois de obter o consentimento em casa.

Prepararam-no para receber a primeira eucaristia. Victor escreveria mais tarde que ainda não havia compreendido muito bem o que receberia, julgando tratar-se de uma simples festa religiosa especialmente preparada para as crianças e jovens. Somente no dia é que teria sabido, através de um amigo, que ia receber o Corpo e o Sangue de Cristo. Continuava não compreendendo, mas comungou com o maior respeito.

A Primeira Comunhão disputava com o Casamento o título do mais belo dia da vida. No século passado, a primeira comunhão se fazia por volta dos doze anos de idade. O Concílio de Latrão IV (1215) fixara que a criança comungaria pela primeira vez na idade da razão ou do discernimento, isto é, quando pudesse fazer a distinção entre o bem e o mal, entre o pão da Eucaristia e o pão comum. O Concílio de Trento estabeleceu para a idade do discernimento um período que ia dos nove aos treze ou catorze anos. A primeira comunhão era um rito de passagem; era, segundo Chateaubriand, o momento em que se decidia na família a futura condição do filho.³⁰

³⁰- Cf. MARTIN-FUGIER, op. cit., p.254.

Este rito de passagem associando a primeira comunhão à ida para o seminário, pode ter sido vivenciado por Victor Coelho como auto-castração. Muito escreveria, mais tarde, sobre a questão da vocação sacerdotal. Segundo suas memórias, naquela época se havia deixado "apanhar pela endemia do namoro", tendo três namoradas. Foram namoros sucessivos e não simultâneos, "um tanto tímidos", porque ainda "não entendia bem do assunto".

A primeira, tive grande afeição; porém, sendo ela mais velha do que eu, vi, desde logo, que ia me perdendo tempo e gastando afetos inutilmente, pelo que, pensoso, passei à segunda, que, sabendo do caso da primeira, logo se deu a tábua. Fiquei a terceira, Clara, que, mesmo depois da minha ida para Goiás, conservei a afeição, o que eu só vim a saber anos mais tarde.

Dos doze rapazes que iriam para o seminário, somente Victor cumpriu o compromisso assumido diante do padre Mariano.

Tive vontade de desistir, e minha mãe também me ponderava que eu ia para muito longe e ficaria só, não tendo um parente sequer em Goiás. Retorqui-lhe, porém, que, tendo os outros faltado ao compromisso, eu teria vergonha de proceder do mesmo modo. Pedi-lhe que me deixasse ir, ao menos por um ano.³¹

Era forte a obediência de Victor Coelho à sua mãe. Os psicanalistas afirmam que, quanto mais forte e não resolvida for a questão da identidade com a mãe, mais difícil será para o filho uma mudança, uma saída natural e sexual. Victor tentava fazê-lo do modo mais natural possível, buscando se afastar da família graças ao recrudescimento da energia edípica, direcionada para uma figura substituta da mãe - a namorada -, não estorvado pelo tabu do incesto. Mas tais esforços foram tímidos, ainda não resolvera por completo sua obediência exagerada à mãe. Daí, seu desejo

³¹- Memórias (1935); o grifo é meu.

inconsciente de viver como ela, o fazia renunciar às mulheres e seguir um caminho que, mesmo dolorido para a mãe, demonstraria a sua submissão filial. Jung interpreta a auto-castração como subserviência à Grande Mãe, como no mito de Átis³². Um filho que continua, para além da infância, obediente à mãe, efetivamente se castra. Sua vida sexual não lhe pertence; pertence a ela. Quando tenta seguir um outro caminho, sente-se atingido pela maldição da sua Cibele. Ele reage como Átis e se castra.

Por outro lado, o sonho de Noelina quando Victor nascia, em que Maria lhe entregava uma criança dentro de um lampião de gás, provavelmente se ligava a alguma promessa. Pode-se imaginar o ocorrido através da história de Bentinho, personagem do livro "Dom Casmurro" de Machado de Assis, que foi publicado em 1899:

Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. (...) Não disse nada a seu pai, nem antes, nem depois de dar à luz; contava fazê-lo quando entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, sentiu o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e a familiares. Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa as primeiras letras, Latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho saio do tio Cosme, que ia lá jogar as noites. (...) Minha mãe esperou que os anos viessem vindo. Entretanto, ia-se afeiçoando à idéia da igreja; (...). Quando fomos à missa, dizia-se sempre que era para aprender a ser padre, e que regressasse ao padre, não tirasse os olhos do padre. (...) (...) Minha mãe ficava muito vest a olhar para mim, como alma perdida, ou pagava-se ao não, a presente da mãe, para apartá-la muito.³³

Não se pode interpretar a entrada de Victor para o seminário recorrendo exclusivamente à psicanálise. A Igreja também teve um importante papel na sua decisão. O movimento dos bispos reformadores em meados do século passado definira claramente o modelo de clérigo que se desejava para a Igreja no Brasil, bem como

³²- Monick, op. cit., p.104.

³³- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro, SP, Ed. Ática, 13a. ed., Série Bom Livro, 1982, p.22; o grifo é meu. Fato semelhante ao relacionamento entre dona Noelina e seu filho, Victor Coelho.

a forma de recrutamento vocacional. Dois anos antes da ida de Victor para o seminário, Dom Macedo Costa (protagonista da Questão Religiosa) escrevera num capítulo relativo aos Seminários:

As vocações sacerdotais não se colhem nos grandes centros de população. É um fenómeno hoje em dia comum a todos os países da Cristandade. Recrutam-se as boas vocações nas populações rurais, nas zonas interiores ainda mais ou menos preservadas do contágio da má civilização.³⁴

A Igreja considerava o conforto e o desenvolvimento urbano oriundo da Revolução Industrial como extremamente nocivos ao espírito de sacrifício, um dos pilares básicos da espiritualidade católica³⁵. Os centros urbanos eram terra árida para as vocações, território de inúmeros perigos para a própria perseverança sacerdotal. Neste processo, o vigário tinha um papel muito importante. Dizia um bispo de Patos de Minas:

Saberá (o vigário) recrutar entre os alunos do catecismo, da escola paroquial ou da cruzada eucarística infantil os seus acólitos, muito bem denominados coroinhas, isto é, aqueles que terão um dia a grande coroa de sacerdote. (...) O vigário perspicaz descobrirá germens de vocação em seus coroinhas e os cultivará. O coroinha piedoso, constante no serviço dos santos altares, amigo até do sacrifício de se levantar cedo para abrir a igreja, tocar o sino, preparar a ajudar a santa missa, será muito provavelmente um belo candidato ao seminário. Esperançoso seminarista, zeloso vigário, porque está madrugando cedo no amor das coisas santas, e na alegria de servir ao Senhor.³⁶

Michel Schooyans, citado por Riolando Azzi, assim comentou o problema das vocações sacerdotais no Brasil:

³⁴- COSTA, Dom Antônio de Macedo. "ALGUNS PONTOS DE REFORMA NA IGREJA DO BRASIL. Memória para servir às discussões nas conferências dos Senhores Bispos (1890)." in AZZI, D. Antônio de Macedo Costa: bispo do Pará-arcebispo primaz (1830-1891), SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, 1982, p.62.

³⁵- AZZI, O Clero no Brasil, Brasília, Ed. Rumos, 1992, p.75. Veja aqui a coincidência de objetivos de Victor com a Igreja. O grifo é meu.

³⁶- COIMBRA, Dom José Andrade, cit. por AZZI, op. cit., p.78.

O grande recrutador dos seminários menores é normalmente o vigário, sobretudo o vigário do interior, cuja influência é ainda muito grande... Pode acontecer que o vigário atue também por intermédio da mãe, fazendo dela uma aliada preciosa, quase cúmplice, junto ao menino. Para as famílias simples, um outro fator de motivação pode intervir: a entrada de um rapaz no seminário pode significar um alívio apreciável no orçamento familiar, a possibilidade inesperada de uma educação barata e, até mesmo inconscientemente, a ocasião de ascender ao que se julga ser uma forma honrosa de promoção social.³⁷

A questão social era uma via de mão dupla: a Igreja também observava com atenção a origem social do seminarista, pois ela tinha a necessidade premente de convocar candidatos que pudessem vir a tornar-se bispos, dispondo, se possível, de trunfos materiais e de honorabilidade que permitissem maximizar o levantamento de recursos para a formação de um patrimônio diocesano, já que a queda da Monarquia e, conseqüentemente, do sistema de Padroado, deixara aquela instituição carente de recursos oficiais.³⁸

Deste modo vimos a "anatomia do interesse privado"³⁹ de Victor Coelho. Reconstituída sua trajetória psicológica e o meio social em que se inseria, em que se destaca a forte atuação da Igreja, principalmente nas cidades do interior do país, em busca de novas vocações, estão suficientemente claras as razões que o teriam levado ao seminário menor da cidade de Goiás. Como se verá mais adiante, Victor Coelho de Almeida interpretou repetidas vezes este itinerário de sua vida.

³⁷- Id. *ibid.*, p.79.

³⁸- MICELI, Sérgio. A Elite Eclesiástica Brasileira, RJ, Ed. Bertrand Brasil, 1988, pp.86-87. Victor Coelho pertencia a duas grandes famílias da antiga aristocracia imperial: os Thomaz Coelho e os Mello Moraes.

³⁹- Cf. "Anatomia do interesse privado" in GAY, Peter. Freud para historiadores, SP, Ed Paz e Terra, 1989, pp.89-100.

A SANTA MADRE IGREJA

A viagem, cerca de 900 km, durou um mês e quatro dias. Victor a relatou mais tarde, exibindo seus dotes literários e a inclinação para a prosa regionalista. Na travessia do rio Paranaíba a floresta era muito densa, de 9 km de extensão; Victor assustou-se com o guincho agudo das antas mergulhando no rio. Teriam avistado uma onça com um filhote junto à fogueira do acampamento. À margem do rio Turvo ouviram ao longe os gritos de índios marchando, marcando a cadência dos seus brados com tambores. Victor notou que os demais estavam tensos. Perguntou se eram os bugres. - "Não. São os Compadres." O padre sussurrou-lhe que o termo bugre ofendia os índios, e que alguns deles poderiam estar escondidos bem perto deles.

No seminário, Victor sentiu-se desamparado e só; o ambiente não correspondia às suas ingênuas expectativas. Ali residia o Bispo, Dom Eduardo Duarte da Silva⁴⁰ que o recebeu amavelmente, conversou com ele em francês e mandou que fosse

⁴⁰- Dom Eduardo nasceu em 1852 na cidade de Florianópolis (SC). Estudou nos colégios de Lazaristas e Jesuítas, como também no seminário São José do Rio de Janeiro. Foi para Roma estudar no Colégio Pio Latino-americano e na Universidade Gregoriana, formando-se em Direito, Teologia, Filosofia, Ciências e Letras. Ordenou-se sacerdote em 1874 e recebeu a consagração episcopal em 1891, ambos em Roma. Foi bispo de Goiás até 1908 e de Uberaba até 1923. Morreu em 1924. Veja MICELI, op. cit., quadro no.5 entre as pp.86 e 87.

conhecer os padres e seminaristas. O reitor era o Cônego Inácio Xavier, e os professores eram os padres Gercino de Oliveira, Hipólito da Costa, natural de Goa (Índia), e Pedro Ribeiro da Silva. Estavam prestes a serem ordenados os subdiáconos Joaquim Confúcio de Amorim e João de Souza Lima. Os seminaristas eram em número de 24.

Victor foi matriculado no 2º ano de Latim e no 2º secundário, com a condição de dar conta das matérias do 1º ano em um mês. Deram-lhe alimentação especial, considerando sua condição social. Isto causou má impressão junto a seus colegas, de modo que ele recusou tal privilégio.

Dotado de uma boa voz de soprano e amigo do canto, tornou-se logo solista do coro, despertando rivalidades. Com menos de 2 meses de seminário, Victor passou a ser perseguido por alguns colegas. Este é um tema recorrente em suas memórias: os grandes conflitos e rupturas teriam sempre sido motivados por ciúmes de colegas e incompreensão dos superiores.

Nas férias de Natal de 1893, Dom Eduardo levou os jovens seminaristas a uma chácara em Ourofino. Victor se divertiu muito caçando passarinhos. Entretanto, soube, mais tarde, que um grupo tinha se entregado a "atos libertinos". Terminadas as férias, houve a denúncia, abriu-se inquérito e os acusados foram levados ao gabinete do Reitor. Dizia-se que uns seriam expulsos, outros apanhariam com a palmatória e sofreriam castigos. Victor foi acusado por alguns jovens do grupo "libertino". Foi chamado a depor junto ao Reitor.

Encontrou todos os padres sentados em semicírculo à maneira de um tribunal, presidido pelo Reitor. Em sua defesa, Victor protestou contra a acusação e afirmou que até a véspera ignorava o que se tinha passado, tendo tomado conhecimento por um colega. Um dos padres se exaltou: "Você está mentindo! Eu tenho certeza de que faz parte do grupo!". Revoltado, respondeu Victor: "Senhor padre, eu não minto. Mas, se o senhor tem certeza, faça o que entender". O padre retrucou: "Tenho certeza e você será expulso!". "Faça o que entender", reafirmou.

O Reitor ordenou: "Vá para o estudo!". Obedeceu. Na sala de estudos vários colegas o observavam, uns com malícia, uns com prazer e outros com compaixão. Os dias passaram; ouvia dizer que tais e tais colegas haviam sido expulsos, outros apanharam; depois percebeu que os padres o olhavam com simpatia e sorriam para ele. Um novo inquérito demonstrara a mentira e o caluniador fora punido.

O caso dos "libertinos" é outra passagem crucial da autobiografia de Victor Coelho de Almeida. A adolescência é vista como o momento crítico da vida. Muitos médicos da época publicaram teses sobre o assunto e propuseram tratamentos. Esta fase seria um perigo para o indivíduo e para a sociedade. Em busca de si mesmo o adolescente seria narcisista; o desejo sexual o conduziria á violência, á brutalidade e até ao sadismo.

Masturbação, homossexualidade latente dos internatos, possível perversidade das amizades particulares eram os fantasmas atiçados pelos médicos. Tratava-se de maus hábitos a corrigir o mais breve possível. O conhecimento e a administração do sexo dos

adolescentes se encontravam no cerne das tarefas educativas e da ansiedade social do século XIX⁴¹.

Hoje, considera-se que o período da adolescência é de curiosidade sexual. Se a curiosidade do menino se frustrar, o desenvolvimento de sua masculinidade poderá ser tolhido, tornando-se medrosa, intimidada. Surge a necessidade de dar provas ao sexo feminino. O caráter brincalhão da latência torna-se o divertimento sexual do adolescente e, mais tarde, do homem adulto. Ele busca nos parceiros sexuais autoconhecimento e autoexpressão⁴². Entretanto, a idéia de que os internatos, e de modo particular, os seminários, estimulavam a masturbação e as práticas homossexuais ou o "efeminamento" da juventude não parece de todo falsa.

Victor seria, talvez visto por alguns, inclusive por alguns padres, como uma menina, por ter uma voz de soprano e educação mais fina. A atitude dos padres estava em sintonia com as diretrizes da Igreja para a formação do novo clero: os instrumentos de temor eram considerados indispensáveis para garantir o pleno aproveitamento dos alunos na vida intelectual e espiritual. A repressão devia servir não apenas para impor a disciplina colegial, mas também para incutir nos jovens seminaristas o espírito de humildade e obediência, fundamental para o desenvolvimento da vida espiritual.

O bispo Dom Eduardo era muito zeloso quanto à vida espiritual. Obrigava todos os jovens a passar as férias em

⁴¹- PERROT, op. cit., pp.163-165.

⁴²- MONICK, op. cit., pp. 33-34.

comunidade, na chácara de Ourofino. Lia pausadamente as meditações diárias de Santo Afonso, meia hora antes da missa, causando forte impressão sobre Victor. Eram frequentes as meditações acerca das vocações sacerdotais; repetidas vezes ele dizia: "são inimigos do homem os seus parentes"⁴³, ou ainda: "aquele que é chamado por Deus e não atende à vocação, perde irremediavelmente a sua alma". E enumerava uma série de sinais de vocação, entre os quais estava a entrada para o seminário.

Victor contou como reagiu àqueles ensinamentos:

Tudo isto me deu o que pensar. As virtudes daquele bispo persuadiram-me de que seria incapaz de enganar. Escolhi-o para meu confessor, e foi com grande proveito espiritual; mas, transmitiu-me os seus excessivos escrúpulos, hauridos naquelas páginas de Santo Afonso (de Ligório); e por êle deixei-me encaminhar, no propósito de santificar-me.

Jean Delumeau se perguntou se a confissão confortava. Teria ela ajudado os penitentes a suportar melhor a si mesmos, a sentir-se mais à vontade interiormente (ou psicologicamente), mais alegres na vida?⁴⁴ No caso de Victor: a direção espiritual teria funcionado também como um tipo de análise? Dom Eduardo teria sido um diretor espiritual, um psicanalista ou, ainda, o pai que Victor não teve? Ou, talvez, tudo isto ao mesmo tempo?

*Corrigi os meus defeitos internos, exercendo até sobre os meus pensamentos rigoroso controle; e, sempre sob a direção de D. Eduardo, consegui perfeita castidade, até ao pensar, o que perdurei por mais de 16 anos, sem que me desse o menor incômodo o pendor sensual da natureza. Foi um grande bem, essa direção. Passei assim a minha mocidade sem os vícios comuns da juventude! (...).
D. Eduardo, naquela casa, era um sábio pai, e as suas virtudes exerceram larga impressão no meu ânimo.*⁴⁵

⁴³- *Inimici hōminis domestici ejus.*

⁴⁴- DELUMEAU, Jean. Confissão e Perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII, SP, Cia. das Letras, 1991, p.131.

⁴⁵- Memórias; os grifos são nossos.

Dom Eduardo admirava os escritos do bispo fundador dos Redentoristas: Santo Afonso de Ligório (1696-1787), o iniciador de uma "revolução copernicana" na prática da confissão. Na Instrução prática para um confessor (1757), Santo Afonso, ao contrário dos rigoristas, ensinava a confortar, tranquilizar, apaziguar os penitentes. Sua contribuição decisiva em matéria de moral pendeu para o lado da benevolência. Seu projeto global foi tornar aceitáveis pela massa os mandamentos de Deus e da Igreja, e suportável a obrigação da confissão, desejoso de fazer mais pessoas trilhar os caminhos da salvação⁴⁶.

Outros autores, como São Tomás de Aquino e São Francisco de Sales, afirmavam que competia ao confessor ser doce ao corrigir, prudente ao instruir, caridoso ao punir, afável ao interrogar, amável ao aconselhar, discreto ao impor a penitência, suave ao escutar, benigno ao absolver. Todos os autores exaltaram o triplo papel dos confessores: de médico, de juiz e de pai⁴⁷. Segundo o espanhol Guy de Montrocher, o confessor é como um médico espiritual que acolhe um doente da alma. O médico de corpos se aproxima do doente e "começa por tocá-lo de leve, compadece-se de seu sofrimento, adapta-se a seu paciente, acaricia-o com palavras, promete-lhe a cura, a fim de que o doente, ganhando confiança, lhe

⁴⁶- Cf. "Santo Afonso de Ligório: meio-termo e benevolência" in DELUMEAU, op. cit., pp. 117-130.

⁴⁷- Id. ibid., p.26.

revele a extensão de seu mal e a intensidade de sua dor. O médico de almas não deve agir de outro modo"⁴⁸.

Entre o confessor e o psicanalista, há muitas semelhanças, como o recolhimento, a atenção, o discernimento e a discricção. Viktor Frankl diria mesmo que a psicoterapia, e especialmente a psicanálise, pretendiam ser um tipo de confissão secular⁴⁹. O alvo da psicoterapia é a cura da alma e o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma. Mas:

Não obstante, por menos que a religião se preocupe em suas intenções primárias com a cura psíquica ou com medidas profiláticas, em seus resultados - não em sua intenção - ela não deixa de ter efeitos psico-higiênicos e até psicoterapêuticos, uma vez que propicia à pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento(...). Semelhante efeito colateral análogo e involuntário também podemos observar na psicoterapia, uma vez que, em alguns casos, o paciente reencontra ao longo da psicoterapia fontes, há muito soterradas, de uma fé original, inconsciente, reprimida.

50

Dom Eduardo parece ter assumido muito bem o papel de pai e, talvez, também de um analista. Victor encontrou no seminário motivação para levar adiante seu projeto de martírio. O bispo terá representado uma figura arquetípica do pai que consegue, através das longas orientações espirituais, instalar seu paciente numa nova situação edípica. É de se presumir que Victor revelou ao confessor todo seu apego, respeito e obediência pela mãe, bem como o relacionamento que ambos tiveram com o seu pai. Ter-lhe-á contado também o desejo martírio em missões protestantes e, naturalmente, os namoros de menino. Caso Dom Eduardo tenha seguido os conselhos

⁴⁸- Id. *ibid.*, p.28.

⁴⁹- FRANKL, Viktor E. Psicoterapia e sentido da vida, SP, Ed. Quadrante, 1986, p.293.

⁵⁰- Idem. A presença ignorada de Deus, São Leopoldo, Ed. Sinodal; Petrópolis, Ed. Vozes, 1992, p.59.

de Santo Afonso, terá tentado ser afável e benevolente; provavelmente enfatizaria as máximas dos seus sermões: "são inimigos dos homens os seus parentes" , "os filhos não pertencem aos pais. Deus empresta por algum tempo e depois pede de volta". Deverá ter sugerido a Victor, como Jesus aos seus apóstolos: "Deixai que os mortos enterrem os seus mortos". Ser fiel e obediente a outras "mulheres" - Nossa Senhora e a Santa Madre Igreja - seria muito mais importante, a alma teria um fim mais feliz. Quanto a Noelina, ele (Dom Eduardo) e o próprio Deus se encarregariam de cuidar dela.

A troca de "mulheres" ainda não bastava para que Victor superasse a identificação com o feminino, principalmente por estar sofrendo assédio sexual de um padre do seminário. Contou ao bispo e este perguntou se sustentaria a acusação. Contudo, não foi necessária nenhuma acareação, pois o padre confessou; o bispo o obrigou a 8 dias de retiro.

Victor e mais três colegas fundaram uma pequena sociedade chamada **Os imitadores de Jesus e Maria** em maio de 1895. Elaboraram regras gerais que ilustram o cotidiano do seminário:

- 1^a Não conversaremos em parte alguma em horas de silêncio, quer estejamos no refeitório, quer no dormitório, quer no estudo, enfim em qualquer lugar, sem que seja dado o *Deo Gratias*.
- 2^a Si, estando no estudo, já soubermos a lição, em vez de jogar, lemos um livro útil, até que termine o dito estudo.
- 3^a Comungaremos frequentemente, si possível for, às quintas e domingos, procurando sempre comungar juntos.
- 4^a Quando virmos algum de nós praticar uma ação inconveniente, temos obrigação de avisá-lo, cortando logo o mal pela raiz.
- 5^a Afim de que o espírito maligno não se apodere de nós, devemos:
 - a) Tratar-nos de modo mais afável possível.
 - b) Não contradizer os outros.
 - c) Deixar de parte certos caprichos nossos para podermos viver em harmonia.
 - d) Não saíremos, de modo algum, das repartições sem a licença devida; procurando a amizade dos superiores com esse nosso modo de proceder.
- 6^a Receber com afabilidade os que vêm a nós e jamais deixá-los partir sem uma palavra de consolo.

7^a Não queixar-nos muito nas provações, mas guardemos por algum tempo no íntimo da alma a com resignação as provações que Deus nos enviar.⁵¹

Assinam, além de Victor, Inácio L., Honestino Guimarães e Salomão Santiago, porém logo o grupo se reduziu a uma dupla com a desistência de Honestino e Salomão. Este é o primeiro texto, de teor espiritual, produzido por Victor. O título *O Seminarista* sugere uma réplica ao livro de Bernardo Guimarães, que mostra uma imagem deprimente da vida no seminário e pinta o seminarista como um idiota. A introdução explica como se dispõe o texto:

"Dize-me com quem andas e te dir-te-hai quem és."
Dividirei esta parte do meu regulamento em quatro capítulos, que desenvolverão as seguintes partes: o meu seminarista, o tífico, o bom e o fervoroso; porque, para que me possa dirigir e animar no caminho das virtudes, via reta para a salvação, preciso informar-me da minha conduta e dos meus companheiros.⁵²

O primeiro capítulo é dedicado ao seminarista "mal comportado". É aquele que procura companheiros entre os alunos mais dissipados; passa o recreio conversando sobre assuntos sem nenhum interesse; é aquele em que domina a preguiça; passa as horas de estudo brincando com as moscas, rabiscando as carteiras, olhando para o teto. O orgulho e vaidade são os seus vícios dominantes, as orações e meditações são vistas por este jovem como muito demoradas. Victor encerra o capítulo em forma de prece a Deus,

⁵¹- Miscelânea (1897-1938), pp.11-12 (diário pessoal de Victor Coelho).

⁵²- Miscelânea, pp.13-20; Em uma nota de rodapé, Victor esclarece: "Isto foi escrito em um pequeno livro, neste mesmo de onde tirei tudo o que já escrevi no presente livro, no dia 15 de Fevereiro de 1895, na cidade de Goiaz, sendo eu estudante do pequeno seminário aí existente."

pedindo que, caso esteja agindo como o "mau seminarista", o livre da vocação que julga ter ou que lhe dê o propósito de melhorar.

O segundo capítulo trata do "seminarista tíbio". Ele é sem dúvida superior ao mau, mas é a hipocrisia em pessoa, busca ser na aparência o que não é na realidade. Este jovem faz pouco caso dos pecados veniais e dos sacramentos; é frio com a Sagrada Comunhão. Victor o considera uma desonra para os parentes, sendo dominado pelo orgulho e vaidade; tem mais preferência pelos colegas do que pelos professores e, nos exercícios espirituais procura ficar junto com aqueles parecidos com ele, passando a zombar dos "bons" e a chamá-los de nomes que "só a ele e aos seus é aplicável". Encerra com nova oração, para ser no "interior" o que é "externamente".

O "bom comportado" está no capítulo três. Para reconhecê-lo, basta observar se procura fugir dos pecados veniais. Mas ele deve também se confessar frequentemente, arrependendo-se sinceramente das suas faltas; comungando, depois, com fé e piedade, e sendo um eterno devoto da Santíssima Virgem, do Sagrado Coração de Jesus e do Anjo Custódio. A oração final pede ajuda para evitar o vício e melhorar cada vez mais até se tornar um seminarista fervoroso.

O quarto capítulo mostra o último estágio que um seminarista deveria alcançar para tornar-se um excelente sacerdote. Nada agrada mais a Deus do que um jovem que vive de modo semelhante aos Anjos. Deve fugir dos vícios (pecados veniais) como se foge do demônio; deve mortificar-se e ser silencioso em tudo o que faz; dar

conselhos aos seminaristas maus e tíbios para que fujam do pecado, e aos bons para sejam ótimos. Victor encerra o capítulo rezando: "(...) ensinai a minh'alma a reinar sobre o meu corpo e o meu coração a amar somente a Vós, mas com um amor verdadeiramente digno de quem sois".

Percebe-se que Victor escreve influenciado pelo que vê ao seu redor e, principalmente, na experiência de vida de claustro. As quatro fases teriam sido percorridas por ele mesmo num processo de amadurecimento espiritual. Em suas memórias, procurou dizer que não se considerava perfeito. Envolveu-se em nova briga, agora com um colega seminarista, que teria inveja por ser Victor o melhor aluno de Aritmética do seminário e o agredia chamando-o de covarde. Um dia explodiu a fúria de Victor:

Uma vez, porém, e isto aconteceu em junho de 94, na aula de português, coube-me, em troca de exercícios de composições, determinada pelo professor, examinar e corrigir a composição desse colega. Apontei quatro erros, com o que o professor concordou. O colega, porém, irado, aproximou-se de mim, e já no fim da aula, ofendendo-me e pondo de parte injúrias à minha mãe.⁵³

Victor esperou que a aula terminasse. No corredor, encarando-se mutuamente perguntou se ele tinha coragem de repetir a injúria contra sua mãe. O rapaz tinha; foi agarrado com violência e ia ser jogado escada abaixo, mas o professor, que observava tudo, gritou: "Victor, pára! Que é isso!?". Repreendeu a ambos e o rapaz deixou de provocá-lo.

⁵³- Memórias (grifo nosso).

A fúria, diferentemente da ira⁵⁴, é uma reação instintiva que ocorre automática, inconsciente e tipicamente a alguma ameaça percebida. A tempestade de resposta emocional nasce da necessidade urgente de proteger e salvar a identidade, o próprio ser. Pode ser ainda a emoção que se sente quando não há nada a fazer, um último recurso. Segundo Eugene Monik, "sua força é proporcional à intensidade da raiva que foi reprimida. A fúria é raiva primitiva compactada, estocada, 'cozida sob pressão'".⁵⁵ A fúria masculina é indicação clara de que um homem está em contato pessoal e doloroso com um ferimento profundo, ou mesmo com o não-ser. O desespero que se sente quando o senso de si mesmo é arrancado, pisoteado, diminuído, deixado de lado, é horrendo.

Acusado injustamente de homossexualismo, assediado sexualmente por outro homem e finalmente chamado de "covarde", Victor pode ter sentido reabertas as feridas da infância. Reagir de modo violento teria sido o modo de demonstrar que estava lutando contra as suas neuroses. Após este incidente, Victor prosseguiu na sua caminhada espiritual no seminário de Goiás, porém por pouco tempo.

Em seus intentos de reforma e romanização, a maioria dos bispos se envolviam em conflitos com irmandades leigas. Com Dom Eduardo não foi diferente. Os conflitos mais sérios tinham lugar onde eram mais lucrativos os negócios de exploração dos lugares

⁵⁴- Segundo Stephen Martin, a ira é "um estado de sentimento consciente que tem em si um sentido de julgamento, escolha e diferenciação"; cit. por MONICK, op.cit., p.115.

⁵⁵- Id., ibid., p.116.

santos, principal fonte de renda das irmandades, e que poderiam passar a garantir uma base econômica de sustentação para os seminários, nos termos da proposta feita por Dom Macedo Costa na Assembléia Episcopal de 1890⁵⁶.

Os prelados brasileiros desestimulavam nesses lugares de devoção a ocorrência de surtos de mobilização religiosa que pudessem escapar ao seu controle; tratavam de coibir os desmandos das irmandades, tentando submetê-las à autoridade clerical. No entender dos bispos, as festas promovidas por aquelas confrarias estavam completamente desvirtuadas, tendo-se tornado eventos secularizados e paganizados. Em 1896, Dom Eduardo divulgou a **Pastoral das Funções e Festividades Religiosas** que encontrou ampla receptividade entre os bispos empenhados no disciplinamento dessas festas⁵⁷.

Em Goiás, D. Eduardo proibiu os reisados dos negros, as cavalhadas das festas do Divino e outras festas religiosas populares que não se amoldavam à liturgia ultramontana. Condenou certo gênero de penitências que o povo praticava nos santuários de Barro Preto e Muquém. Os chefes políticos locais e o próprio povo reagiram. Em represália, tomaram o prédio em que funcionavam o Prelado e o Seminário. Dom Eduardo transferiu para a cidade de Uberaba a sede diocesana, levando junto o Seminário e seus 99 estudantes.

⁵⁶- COSTA, Dom Antônio de Macedo, op. cit., p.63.

⁵⁷- MICELI, op. cit., p.134 (nota 10).

A esta altura, Victor começava a se distanciar cada vez mais da família e da mãe. Dona Neolina escreveu informando que não tinha mais como custear os estudos no seminário. O novo padre reitor, tendo lido a carta, disse a Victor que, em vista do seu procedimento e aplicação, assumiria a responsabilidade de suas despesas com os estudos, principalmente quando Victor fosse completá-los em Roma. Assim, concluindo o curso em 1896, seu novo destino estava traçado: a Cidade Eterna.



IHS

Lembrança

De quida
P. Victor Coelho d. Almeida
no memoravel dia
de
sua ordenação sacerdotal
em carinho e benquicia
offerecem
sua expropietada
da
Camara da Madia
d. 1769.

Capítulo II

A Serviço de Deus

A CIDADE DE DEUS

Em agosto de 1896, Victor, agora com quase 17 anos, se despedia da mãe e da irmã e passava a fazer parte do grupo que Sérgio Miceli denominou de **Filhos da Igreja**, ou seja, jovens que deviam seus estudos, roupas, alimentação, títulos, promoções, vantagens e quaisquer possibilidade de êxito profissional, enfim, toda a sua sobrevivência material e social, à organização eclesiástica ou a um "patrono" clérigo⁵⁸.

O Colégio Pio Latino-Americano era o principal centro de formação eclesiástica, criado pelo próprio papa, para atender às igrejas latino-americanas. Havia sido criado para oferecer aos

⁵⁸- Id. Ibid., pp.96-97.

futuros quadros do primeiro escalão latino-americano uma formação ajustada à política recém-implantada de romanização. A estratégia dos prelados brasileiros foi assim explicitada por Dom Macedo Costa em 1890:

Como meio excelente de emulação, enviaremos, aos melhores Seminários da Europa, os alunos que mais se distinguirem pela sua inteligência, aplicação e piedade. O Seminário Americano, estabelecido no centro mesmo do Catolicismo, deve atrair todo o nosso interesse e atenção. Com desprazer vê a Santa Sé que o Episcopado Brasileiro, por motivos sem dúvida alheios à sua vontade, não tem até aqui aproveitado bastante das grandes vantagens que o Grande Pontífice Pio IX lhes ofereceu com a criação do Colégio Pio Latino-americano. Em proporção é o Brasil o país que menor número de alunos para ali manda. De agora em diante faremos tudo para corresponder melhor aos desejos do vigário de Jesus Cristo, e teremos prestado, em verdade, serviço relevante à Igreja do Brasil, procurando que grande número de nossos aspirantes ao Sacerdócio se vá formar solidamente nas ciências sagradas junto ao trono Pontifício.⁵⁹

Victor viveu intensos momentos de emoção em Roma ao visitar as basílicas, os túmulos dos papas, museus, catacumbas com ossadas e relíquias dos santos, os palácios e jardins pontifícios; os mosaicos, mármore, obras de arte, os tesouros que revelavam o majestoso aparato do poder pontifício. Como afirma Miceli, os jovens formados nestas condições podiam regressar ao país convictos de sua excelência, cientes da raridade de sua competência no mercado local de trabalho religioso, agora doutores da Igreja, fazendo valer suas pretensões aos postos mais cobiçados e mais condizentes com as suas expectativas e os caros investimentos de que se haviam beneficiado⁶⁰.

Até novembro de 1897, nada sabemos dos passos de Victor em Roma. A partir de então, ele começa a registrar o dia-a-dia no Pio Latino, tendo adquirido um bom caderno de capa-dura, pautado e

⁵⁹- COSTA, Dom Macedo, op. cit., pp. 63-64.

⁶⁰- MICELI, op. cit., p.122.

com umas 400 páginas. Deu-lhe o nome *Miscelânea* e fez na introdução uma advertência:

Este livro tem um caráter muito privado, e não foi escrito para ser publicado. A minha única intenção é de conservar nele algumas coisas úteis que encontrar em outros escritos, e exarar de meu próprio punho as memórias de minha vida passada; mas sem ordem alguma. Eis porque se denomina *Miscelânea*. Servi-me-á outrossim para ver os progressos no estudo e no aperfeiçoamento da linguagem, que houver feito durante o tempo em que o tiver pelas mãos; a que provavelmente será muitos anos. Nas primeiras páginas haverá muitas incorreções, mas com o tempo e com o estudo elas começarão a desaparecer, como - espero-o - se notará nos escritos que eu aqui transcrever, ou exarar imediatamente. Apesar de não valer nada, sempre me dará um pouco de trabalho; e esse trabalho com o mais que houver, seja para dar glória a Deus mediante a Sãma. Virgem Maria, a Quem o dedico.

É em função do olhar sobre si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante, através do diário. Manter um diário é também disciplina de interiorização, pois deposita-se sobre o papel a discreta confissão. O que está escrito ali permite a análise da culpabilidade íntima, registra tanto os fracassos da sexualidade como o sufocante sentimento da incapacidade de agir; revela as resoluções secretas. Alain Corbin afirma que o autor de um diário não está longe de parecer um doente (a nosso ver um neurótico); certamente um tímido, até um impotente, cheio de tendências homossexuais que não saberia saciar. Sua estrutura favorece o apego à mãe e à infância⁶¹. Há uma boa dose de ousadia por parte de Corbin com esta afirmação, porém, para o caso de Victor, a interpretação parece aplicar-se muito bem.

Nas primeiras 25 páginas, Victor transcreveu preces cotidianas do Pio Latino. São orações da manhã, da noite, aos santos, aos anjos, ao Sagrado Coração de Jesus, atos de Desagravo

⁶¹- CORBIN, Alain. "A relação íntima ou os prazeres da troca" in ARIÉS, op. cit., p.458.

e de Fé, normas de conduta: tudo o que diz respeito às devoções e à espiritualidade.

Uma das devoções mais incentivadas nos seminários, mas também junto aos demais católicos, era a do Sagrado Coração de Jesus⁶². Recebera o aval explícito da Santa Sé, o que lhe dava um caráter peculiar de legitimidade. Ela enfatizava a responsabilidade pessoal de cada cristão no desígnio salvífico de Deus, ao mesmo tempo em que ressaltava a necessidade de reparar com obras espirituais os pecados cometidos pelos hereges e maus cristãos. Sua difusão se deu por meio de estampas, imagens, orações, cânticos, livros e folhetos. Associações religiosas também ajudaram neste processo de divulgação, como o Apostolado da Oração e a Liga do Sagrado Coração de Jesus. Posteriormente, introduziu-se também a praxe da entronização do quadro do Sagrado Coração nos lares católicos.

A devoção teve início no século XVII, mediante as aparições do Coração de Jesus a uma religiosa, Margarida Alacocque, em Paray-le-Monial, na França. Jesus pedia à religiosa que os fiéis prestassem um culto especial nas sextas-feiras (dia da sua Paixão), e que procurassem comungar pelo menos nas primeiras sextas-feiras de cada mês. Assim, a devoção ao Coração de Jesus se vincula fortemente ao culto da Eucaristia e acentua a dependência dos fiéis ao clero, pois era na recepção eucarística que os devotos recebiam as graças especiais do Coração de Jesus. Enfim, todas as práticas

⁶²- Sobre as devoções "cristológicas" cf. AZZI, Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador, Coleção Teologia e História do Brasil I, Brasília, Caderno Especial Rumos/Ed. Rumos, 1992, 46pp.

devocionais estavam diretamente ligadas à necessidade de reparar através de boas obras as ofensas que Jesus Sacramentado recebia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. Assim, a partir de meados do século passado, multiplicaram-se as fórmulas de consagração de indivíduos, de grupos e até mesmo de países ao Sagrado Coração.

Na Miscelânea propriamente dita, Victor relata um passeio ao monte Corona, perto de Gubbio, durante as férias setembro de 97. Victor conversou com dois colegas brasileiros, Joaquim Mamede⁶³ e João Nabuco; tinham saudades do Brasil. Pode-se ver neste relato singelo a gênese de um sentimento nacionalista nos futuros sacerdotes e prelados colocados em contato com jovens oriundos de outras culturas⁶⁴. Os seminaristas estariam certamente aderindo a uma vertente de pensamento clerical da época, a ênfase na estreita vinculação entre religião católica e nacionalidade brasileira. A fé católica passava a ser ressaltada como um verdadeiro documento de identidade do povo brasileiro. Em outras palavras: a aceitação plena da filiação à crença católica constituía, para tal vertente, um pressuposto imprescindível à cidadania brasileira.

⁶³- O paulista Joaquim Mamede da Silva Leite foi enviado para Roma por Dom Joaquim Arcoverde em 1895, juntamente com seu irmão Maximiano da Silva Leite. Depois de ordenado, ele se tornaria bispo-auxiliar de Campinas (1916) e depois bispo de Mogi-Mirim; cf. MICELI, op. cit., quadro 5, entre as pp.86-87.

⁶⁴- Na divisão dos menores do Colégio Pio Latino, no qual Victor fora alojado, em dezembro de 1897, ele relacionou 10 mexicanos, 1 argentino, 2 nicaraguenses e 7 brasileiros. Destes brasileiros, 1 pernambucano, 1 mineiro, 1 carioca, 3 amazonenses e 1 paraense.

A referência ao catolicismo como fator essencial da unidade nacional era frequente: "Sem o Catolicismo não teríamos nem unidade de terra, nem de língua, nem de Fé. Não teríamos o Brasil."⁶⁵ Após a proclamação da República, vários grupos leigos propunham a criação de um partido político católico capaz de regenerar o novo regime ou de aceitá-lo de modo que a Igreja e a religião católica não fossem prejudicadas. Em 1890, católicos paulistas e goianos redigiam manifestos pela criação do Partido Católico com os lemas "Deus, Pátria e Liberdade!" e "Deus, Brasil e Libertação" respectivamente.⁶⁶

Oscar Lustosa identifica esses grupos, distinguindo: a) uma corrente profundamente **monarquista** contrária ao liberalismo maçônico, o positivismo, o agnosticismo e o ateísmo social e favorável à restauração da monarquia, muito forte durante os anos vinte e trinta do nosso século⁶⁷, e

b) uma corrente republicana onde conviviam jacobinos e moderados; consideravam a república, livre de vinculação com qualquer espécie de culto ou denominação religiosa, o regime mais apropriado aos tempos modernos, às necessidades do progresso no Brasil e aos quadros de administração pública. Os moderados adotavam o princípio

⁶⁵- "O Horizonte" ano VIII, no.728 (26/11/1930), p.1, c.1 cit. por MATOS, Henrique Cristiano J. "Subsídios Documentários para um estudo sobre a Formação do Catolicismo Militante em MG (1916-1936)" in Atualização, BH, n°.208, jul/ago. 1987, pp.298-299.

⁶⁶- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico à L.E.C. (1874-1945), SP, Ed.Loyola/CEPEHIB, vol. 3, 1983, p.47 e p.50.

⁶⁷- Cf. MALATIAN, Teresa M. Os Cruzados do Império, SP/Brasília, Contexto/CNPq, 1990.

de Leão XIII segundo quem a Igreja não tinha preferência por nenhuma forma determinada de governo. Lutavam para conseguir um lugar para a Igreja na esfera pública, especialmente na legislação⁶⁸. O representante de destaque deste grupo era o padre redentorista Júlio Maria. Pregou a necessidade de unir a Igreja ao povo, mas a instituição "revelou-se incapaz de substituir o catolicismo de fachada, preso a convenções, moralista, legalista e guiado pelo sobrenaturalismo."⁶⁹ A separação entre a Igreja e o Estado não transformou a base social principal da Igreja, as diversas oligarquias agrárias. O processo de industrialização provocava grandes transformações, importantes ao nível institucional, mas não mudaram o caráter elitista da instituição⁷⁰.

Desde 1878 a Santa Sé era dirigida por Leão XIII. O pontífice enfrentou sérios problemas frente à maçonaria franco-italiana, à dissidência dos católicos franceses e ao governo prussiano-alemão. Leão XIII lançou as bases de novas posturas do catolicismo contemporâneo. A encíclica *Rerum Novarum* (1891) é um marco no pensamento católico da época. A encíclica firmava a presença da Igreja diante das lutas sociais que se radicalizavam nos meios urbanos industrializados da época, fermentados com a atuação política dos socialistas e sindicalistas, e canalizava,

⁶⁸- LUSTOSA, Oscar F. A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso (1889-1989), SP, Paulinas, 1991, pp.23-25.

⁶⁹- MALATIAN, op. cit., p.19.

⁷⁰- LIMA, Luiz Gonzaga de Sousa. Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação, Petrópolis, Ed. Vozes, 1979, p.17.

oficialmente, as experiências dos grupos católicos que buscavam respostas aos problemas de justiça social: intervenção do Estado na questão operária, associações de trabalhadores, salário justo, e outras, que fizeram daquele documento uma referência básica para quaisquer projetos, propostas, debates, programas de ação e prática social dos católicos.

A repercussão da *Rerum Novarum* no Brasil foi abafada pela situação crítica em que se debatia o país: proclamação da República (1889) e promulgação da nova Constituição (1891). Nela os bispos concentrariam, a partir de então, suas estratégias de ação. Entretanto, como afirmou Lustosa, "o catolicismo brasileiro, considerado em bloco, não tinha peso de tradições e lutas em torno dos problemas sociais."⁷¹.

Em Roma, em contato com uma realidade social que a Igreja no Brasil pouco conhecia, Victor Coelho desenvolveu algumas idéias de caráter sociológico sobre o problema operário, mostrando certa independência frente à encíclica papal. Em agosto de 1899, anotou em sua *Miscelânea* o texto "Reorganização da Sociedade". Ali fixava inquietações que o acompanhariam pelo resto da vida.

O "espírito moderno", isto é, as idéias anarquistas, comunistas, socialistas e etc., eram complicadoras da sociedade moderna; eram idéias inúteis. Victor desafiava: "Que seria do mundo se realizassem as utopias socialistas?". Eram idéias utópicas, contrariavam a "razão reta", seus meios eram "meramente humanos, vindo a ser excluída a intervenção e até mesmo a idéia de Deus."

⁷¹- LUSTOSA, A Igreja Católica ..., op. cit., p.97.

Victor negava a existência ou não de um verdadeiro problema social. Via apenas uma "insubordinação social", com raízes no século XVIII, nos escritos de Voltaire e Rousseau. Este, especialmente, fora um homem perverso, pai da demagogia, corruptor do princípio de autoridade e "destrutor da sociedade". Como se vê, o seminarista Victor questionava a própria existência daquilo que Leão XIII propunha sanar com a *Rerum Novarum*. A conclusão era uma verdadeira convocação para uma nova "Cruzada":

Estamos para passar do século da insubordinação, para o século que, eu espero, virá a ser da regeneração social; e, si o for efetivamente, tudo dever-se-á ao catolicismo, que é o único a reconhecer no meio desse cataclismo o princípio de autoridade, a acatá-lo e propegá-lo o quanto possível. A nós especialmente, publicistas católicos, cabe uma tarefa imensa na regeneração da sociedade: nas glórias do Século de Jesus Cristo Redentor.
Nãos a obra. ⁷²

Em dezembro de 1899 Victor Coelho concluiu o doutorado em Filosofia. Dois meses antes recebera a Primeira Tonsura. Em maio de 1900 foi levado à cidade de Nettuno, próximo ao mar, para se restabelecer de um stress mental num hospital. Ali recebeu uma última carta de sua mãe, atingida por um "surto epidêmico"⁷³. Dois meses depois, ao ser informado do falecimento, escreveu dois poemas: "Minha Mãe" e "À Minha Mãe"⁷⁴.

Victor Coelho dedicou-se cada vez mais às atividades intelectuais: cursando o bacharelado em Teologia, escrevendo panegíricos, discursos, sermões e artigos para jornais de cunho político, eivados de idéias românticas e nacionalistas.

⁷²- Miscelânea, p.95.

⁷³- Reminiscências (1936). Doenças prováveis: febre- amarela ou a varíola.

⁷⁴- Miscelânea, pp.144-145.

Uma tarefa escolar foi o "Juízo Crítico" de um panegírico a São Francisco Xavier apresentado por seu colega, o futuro cardeal do Rio, Sebastião Leme. Victor assinalou três imperfeições no discurso. Sebastião Leme afirmava que Francisco Xavier interpretou uma visão (um negro esfarrapado, chagado e faminto) como um chamado para o apostolado no Oriente (hindus, chineses, japoneses). O "negro" representaria os africanos e "multidões intermináveis de selvagens que viviam embrenhados na espessura dos bosques da América". Victor questionou: Xavier não foi missionário na América. A interpretação mais correta seria de que "o negro (...) representaria o gentio do mundo sujeito à cura do missionário."

A seguir corrigiu um juízo do orador sobre o "ímpio historiógrafo e filósofo, o célebre Ernesto Renan" que teria chamado Cristo de infame. O autor da blasfêmia havia sido Voltaire. Renan, pelo contrário, embora negando a divindade de Jesus Cristo, procurava ser imparcial, de boa fé, e um lutador pela liberdade e pela ciência jamais manifestando ódio cego e de morte à Religião. Renan personificou em Jesus Cristo o homem moral, e ao homem moral por excelência repugna a menor sombra de infâmia, tanto quanto a imoralidade repugna à moralidade. Renan afirmava que "O Cristo é a mais bela encarnação de Deus na mais bela de suas formas, qual é o homem moral...".

Finalmente, quanto ao valor estético, Victor assinalou que os poucos defeitos do discurso provinham da falta de ligação entre as passagens. Concluiu felicitando o orador pela ótima

composição; sendo este trabalho o primeiro do século que se iniciava, dedicou-o à honra de N. S. Jesus Cristo.⁷⁵

Outro trabalho desta época é um poema de exaltação da língua portuguesa, certamente inspirado pelas comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Brasil⁷⁶. Aí estão bem evidentes o seu nacionalismo e seu romantismo, evocando passagens do livro *Por que me ufano do meu país*, de Afonso Celso, escrito para celebrar o IV Centenário do Descobrimento.

Victor transcreveu em seu manuscrito *Miscelânea* dois artigos: um do jornal argentino *Los Principios*, palavras do senador Maciá sobre a lealdade brasileira, e outro de Eduardo Prado, no jornal *Comercio de S. Paulo*, sobre o patriotismo e tenacidade do brasileiro.⁷⁷

A 24 de março daquele ano, na Academia Literária do Colégio Pio Latino, Victor proferiu o discurso "Batalhas pela Fé", sobre a postura do sacerdote diante dos novos tempos. Como doutor que é da palavra, ele deve ter consciência de que a sua verdadeira cátedra é o púlpito. Deve dirigir aos fiéis, não "palavras" de Deus, mas a "Palavra de Deus", nutrindo o entendimento do cristão e conformando sua vontade à vontade de Deus. Victor propunha aos sacerdotes que adaptassem seus talentos e energias às exigências do novo século, pois como doutores lhes caberia principalmente "abrir aos fiéis o depósito da Revelação, para lhes saciar a sede da inteligência e

⁷⁵- Idem, pp.151-155.

⁷⁶- Idem, pp.174-181.

⁷⁷- Idem, pp.192 e 197-198. O grifo é nosso.

para lhes confortar as boas aspirações da vontade⁷⁸. Ao descer do púlpito, o sacerdote deveria se dirigir aos inimigos da obra de Jesus Cristo, combatendo-os com a mesma arma de que se serviam: a imprensa.⁷⁹

Victor Coelho se inseria num projeto importante. Desde 1870 proliferavam os periódicos católicos no Brasil, com a consolidação do jornal católico da Corte - *O Apóstolo* (1866-1901). Muito atuante à época da Questão Religiosa, foi o primeiro periódico católico a conseguir circular todos os dias em 1874-75. Com a proclamação da República, a Imprensa Católica tentou colocar-se à altura dos outros jornais de penetração nos meios sociais dos principais centros. Alguns jornais católicos procuraram atualizar-se no plano informativo e editorial, ora comentando os acontecimentos, ora analisando as correntes de opinião. A penúria dos recursos financeiros e humanos, além da quase obsessão pela polêmica com os adversários criavam obstáculos a um desenvolvimento mais amplo e à articulação nacional. Isso se tornaria o objetivo e o programa dos católicos no novo século⁸⁰. Em 1899, no Concílio Plenário Latino-Americano, celebrado em Roma, o tema da imprensa católica ocupou um lugar de destaque.

O discurso de Victor Coelho segue as diretrizes daquele Concílio. Como seminarista, apresentava o perfil ideal para um

⁷⁸- Idem, p.184. O grifo é nosso.

⁷⁹- Idem, pp.190-191.

⁸⁰- LUSTOSA, Oscar de F. Os Bispos do Brasil e a Imprensa, SP, Loyola/CEPEHIB, vol 2, 1983, p.17.

modelo específico de sacerdote: o padre-apologista fiel à instituição eclesiástica, capaz de tomar a defesa da ortodoxia católica como caráter específico de sua missão sacerdotal. O autoritarismo eclesiástico de sua formação colocava em destaque os valores de obediência, disciplina e espírito de sacrifício, típicos também da formação militar⁸¹.

Ao deixar o Colégio Pio Latino, o padre reitor Henrique Radacli despediu-se dos alunos de Teologia aconselhando que de volta às suas pátrias se apresentassem humildes e de todo submissos aos seus bispos, acatadores e respeitadores do clero local e despidos de pretensões, ideais e desejos de fazer mundos e fundos. "Humildade, obediência, cumprimento dos deveres impostos, estudo, silêncio. Eis tudo." Victor fez em seu caderno o seguinte comentário: "[o reitor] deixou-nos uma lembrança que eu quero ter sempre diante dos olhos, e que por isso consigno a estas páginas que de quando em quando leio."⁸² Decidiu permanecer no Colégio Pio Latino até completar o último ano do curso jurídico eclesiástico. Sabia que os obstáculos mais fortes viriam da família, mas tal decisão seria uma prova do bem que tinha pelos seus, sacrificando passageiras saudades para tornar-se um bom sacerdote e exato cumpridor dos seus deveres.⁸³

⁸¹- Os cristãos eram considerados como pertencentes ao próprio exército da Igreja. A expressão "soldados de Cristo" aparece em diversos hinos das associações religiosas da época, como congregação mariana, apostolado da oração e cruzada eucarística.

⁸²- Miscelânea, p.202.

⁸³- Miscelânea, p.203.

Seu modelo era São João Maria Vianney. Anotou na **Miscelânea**: "O cura D'Ars passava a semana inteira estudando e pensando de contínuo no que tinha de pregar no domingo; não ousava dizer uma palavra em público, ainda mesmo depois de velho, sem a suficiente preparação." "O Padre em consciência não pode nunca abandonar os livros. A leitura e o estudo são-lhe necessários por toda a vida."

As reflexões do sociólogo Sérgio Micelli sobre a trajetória intelectual e social dos quadros do clero católico aplicam-se com muita justeza àquela de Victor Coelho. A Igreja era na época, no Brasil, talvez a única instituição capaz de propiciar uma escolaridade prolongada àqueles jovens excluídos das faculdades superiores (direito, medicina, engenharia, farmácia) que davam acesso às carreiras dominantes. Além de adestrar ao desempenho de funções políticas na organização, também possibilitava a competência requerida em disciplinas e áreas de conhecimento (línguas estrangeiras, história, filosofia, português, matemática, etc.) cuja "aplicabilidade" se estendia a domínios leigos de atividade educacional que formaram gerações sucessivas de herdeiros dos grupos dirigentes. As diversas alternativas de carreira no interior da organização eclesial não encontravam, a rigor, um paralelo na divisão do trabalho leigo de dominação. Fosse o roteiro usual de coadjutor, pároco, monsenhor, fosse a trajetória administrativa, incluindo inúmeras atribuições na cúria diocesana, ou ainda o caminho prestigioso e especializado de mentores espirituais ou intelectuais, a Igreja oferecia diversas

possibilidades atrativas de atuação mais ou menos especializada, conforme o tipo de formação escolar e cultural dos presbíteros recém-ordenados⁶⁴.

A CIDADE MARAVILHOSA

No seu 23º aniversário, em 1902, o diácono Victor Coelho expôs pela primeira vez o Santíssimo Sacramento. Foi ordenado sacerdote em 28 de outubro; sua primeira missa foi cantada em 1º de novembro.

O plano de permanecer até aos 26 anos no Pio Latino se frustrou. Queria especializar-se em Direito Canônico, Teologia Moral e nas Santas Escrituras, mas o padre-reitor Luiz Cappello questionou-o diversas vezes. Sua família passava dificuldades. Em dezembro de 1902, comunicou a Dom Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, que retornaria ao Brasil em junho após o exame final de Teologia, porque sua avó não tinha mais condições físicas e mentais para cuidar dos dois netos. Doutor em Teologia, Victor celebrou a 4 de junho sua última missa no Colégio perante toda a comunidade, iniciando a viagem de volta à noite. Encontrou a avó no Rio, envelhecida, definhada. O diácono João Pio dos Santos o recebeu em nome de Dom Joaquim Arcoverde. No seminário São José, foi instalado nos aposentos do arcebispo. Dom Joaquim nomeou-o diretor da Congregação Mariana no Seminário e Colégio Diocesano.

⁶⁴- MICELI, op. cit., p.117.

Em março de 1904, Victor Coelho já era Cônego e reitor do Seminário. Aí estudavam 36 alunos, quatro cursando Teologia. Escreveria depois que encontrou instalado no seminário um espírito de desordem, conversas mundanas e murmurações, especialmente entre os mais adiantados. Decidiu eliminar alguns maus alunos totalmente insubordinados, especialmente o "teólogo" Agostinho que parecia não ter vocação e era suspeito de escrever cartas anônimas contra seus superiores, inclusive contra o Núncio Apostólico e o arcebispo. No seminário só permaneceriam os alunos submissos, estudiosos e piedosos, desde que tivessem vocação sacerdotal. Aqueles que pensassem aproveitar apenas a educação gratuita deveriam se retirar. Victor assumia a direção do seminário disposto a tratar a todos com brandura, "menos aos rebeldes ou murmuradores, se os houvesse."⁸⁵

O aluno Agostinho saiu imediatamente. Naquele mesmo mês saíram outros nove alunos. Em agosto, Victor Coelho encaminhou para outros seminários mais conceituados os melhores alunos que poderiam dar bons frutos: Benedicto Marinho para o Pio Latino, Clodoveu Cayres e Miguel Mochon para Aix-en-Provence e Leal para Mariana (MG). Somente João Pio ficou para ser ordenado ali mesmo.

De 1904 a 1906, Victor Coelho dirigiu o seminário, realizando obras para maior comodidade dos alunos e funcionários. No início do ano letivo de 1906, um incidente levou a um atrito com Dom Joaquim Arcoverde. José Quirino, empregado do Seminário, foi despedido do emprego por furtos repetidos. Revoltado, José Quirino

⁸⁵- Miscelânea, p.235.

saiu aos gritos acusando o padre-ecônomo de ter-lhe roubado dinheiro; no dia seguinte, desacatou o sacerdote. O já então ordenado padre João Pio acolheu José Quirino e deu-lhe um emprego no Palácio Episcopal. Dom Arcoverde, tendo recebido em Roma o primeiro chapéu cardinalício da América Latina, chegava ao Rio de Janeiro sob os aplausos de mais de duzentas mil pessoas que foram esperá-lo no cais do porto. Victor Coelho logo o informou dos fatos ocorridos no Seminário. Dom Arcoverde concordou com a posição tomada pelo padre João Pio. Victor insistiu chegando a colocar o cargo de diretor do Seminário à disposição do cardeal se não despedisse o tal funcionário. O prelado atendeu, mas ficou, a partir daí, um estado de frieza nas relações entre ambos. Na festa do Patrocínio o cardeal visitou o Seminário sendo recebido com muita festa. O cônego Victor fez o discurso de saudação e congratulação e o Dr. Carlos de Laet, porta-voz dos professores, ofereceu ao cardeal um retrato a óleo⁸⁶.

Victor Coelho tinha inimigos, talvez por sua postura pedagógica ultramontana junto aos seminaristas, principalmente no que diz respeito às férias. Escreveu sobre o assunto:

Os meninos são dóceis, e assim como facilmente se deixam levar para o bem, assim se deixam também levar para o mal se não forem bem fiscalizados e guiados por uma boa disciplina e a instrução conveniente.
As saídas e as visitas são o maior perigo, que os alunos correm. Por isso suprimi as saídas gerais e, não obstante os descontentamentos, reduzi as visitas, que eram duas por semana, a uma por mês; para os Menores no 1º Domingo e para os Maiores no 2º. Porém todo este cuidado é inútil uma vez que os meninos tem férias em casa dos pais, donde voltarão quase todos com espírito dissipado e idéias e aspirações mundanas, se não ficarem por lá de vez.⁸⁷

⁸⁶- Idem, p.250.

⁸⁷- Idem, p.238. Os grifos são nossos.

Observando o personagem Bentinho no *Dom Casmurro* de Machado de Assis, percebe-se que era comum entre os seminaristas visitarem quase constantemente a família⁸⁸. Já na obra de Bernardo Guimarães, *O Seminarista*, a postura do Seminário de Congonhas do Campo frente ao problema das férias se enquadra perfeitamente no modo de pensar de Victor Coelho.⁸⁹

Solicitou a Dom Arcoverde autorização para a compra de uma casa de campo para as férias dos meninos. O administrador do patrimônio do Seminário, doutor Peixoto Fortuna, auxiliou-o na procura, identificando uma casa abandonada na região de Jurujuba que pertencia ao patrimônio. Victor achou o local excelente.

Logo entrava no seminário o filho do próprio doutor Fortuna. O pai do novo aluno solicitou que o menino passasse as férias com a família. O cônego Victor recusou-lhe a exceção, sofrendo as consequências por sua intransigência. Na reunião da Comissão Tridentina, que trataria da reforma da casa de Jurujuba, o doutor Fortuna apresentou um parecer acompanhado de orçamento, afirmando que os gastos provocariam um déficit no orçamento da Arquidiocese. A comissão reprovou Jurujuba. Victor propôs-se adiantar dinheiro do seu bolso para realizar as obras. A comissão aprovou Jurujuba.

Também no seminário Victor encontrava resistências. O padre Francisco Solano incitava os demais padres a não seguir para

⁸⁸- ASSIS, pp.80-81.

⁸⁹- GUIMARÃES, Bernardo, *O Seminarista*, SP, Ed. Ática, ed.18, 1991, p.42.

Jurujuba e argumentava com a pouca disposição dos alunos. Com dois alunos, um deles João Evangelista Fortuna, permaneceu no Rio. Segundo Victor, as férias em Jurujuba correram bem, porém alguns alunos se mostravam insatisfeitos por estarem longe de seus familiares. Perguntou ao doutor Fortuna se seu filho continuaria estudando no S. José. O administrador replicou que o menino fora dispensado das férias pelo Monsenhor Governador da Arquidiocese Antonio Alves Ferreira dos Santos.

A se julgar por seus escritos, Victor Coelho sentia-se cercado por todos os lados. No Palácio Episcopal estavam o padre João Pio, Monsenhor Alves, doutor Fortuna e a frieza do cardeal Joaquim Arcoverde; no Seminário estavam o padre Solano e um bom grupo de alunos. Pediu ao cardeal transferência para a capelania de Santa Tereza, mas não foi atendido. Devido a problemas financeiros no patrimônio do Seminário, o cardeal resolveu transferir o estabelecimento para o Palácio Episcopal, mas pouco depois disto convocou uma reunião da Comissão Tridentina para tratar do fechamento do seminário. Pediu a Victor um parecer por escrito.

Durante a reunião, o doutor Fortuna apresentou a conta de 30 contos de réis de reparos no Palácio Episcopal da Conceição que deveriam ser pagos pelo seminário. Victor protestou e impugnou o débito por ser ele de inteira responsabilidade da Mitra Arquidiocesana. O cardeal se irritou com sua má vontade e os dois acabaram por discutir.

Victor apresentou seu parecer em favor do Seminário e a Comissão decidiu não fechá-lo. Contudo, o cardeal Arcoverde não

perdoou Victor pela atitude. Passado quase um mês sem se falarem, Victor Coelho conseguiu uma audiência com o prelado. Dom Joaquim Arcoverde fechou as portas e as janelas; disse-lhe que tinha sido humilhado na frente de todos e não admitiria mais tal atitude. Victor explicou havia contestado ao doutor Fortuna, sem nenhuma intenção de humilhar o cardeal. Discutiram até que este encerrou: "Ponhamos uma pedra sobre este incidente". Cerca de três anos depois, o Seminário São José foi fechado em fevereiro de 1908.

Buscando novos meios de atuação dentro da Igreja, o cônego Victor Coelho logo encontraria novos espaços: a imprensa e o proletariado.

A CIDADE OPERÁRIA

Victor tratava agora de sua realização profissional. No ano de 1908 dedicou-se à organização do IIº Congresso Católico Brasileiro e à criação, na cidade do Rio de Janeiro, da União Popular do Brasil. Tanto o Congresso como a União Popular tinham uma mesma origem. O Primeiro Congresso Católico Brasileiro se realizara em 1900 na cidade de Salvador; pela primeira vez se debateu de modo profundo a chamada "Questão Social". O principal orador, o engenheiro pernambucano Carlos Alberto de Menezes

resumira os resultados de sua proposta de ação social católica em sua própria fábrica de tecidos de Camaragibe, em Pernambuco:

Como frutos posso assegurar que os resultados tem excedido a nossa expectativa. Se o bem moral e religioso, se a felicidade, o bem-estar dos operários são quase completos, não é menor a vantagem industrial que temos colhido. A nossa fábrica é um modelo de ordem, de atividade de esforço no trabalho. O pessoal mantém-se fixo e ligado a fábrica por si e por suas famílias. Os regulamentos, os meios rigorosos, são aceitos com ênfase submisão. em um momento crítico, nós que tínhamos começado com salários altos para adquirir pessoal, tivemos de reduzir tais salários. A medida foi aceita com a maior docilidade. Em nossa fábrica não há sequer a idéia de greves. (...)
São estas, meus senhores, as coisas que impedirão a entrada do flagelo da questão operária no Brasil; esta, a vacina santa de que vos falei; esta, o meio de elevar, cristianizando, o nível moral do nosso operariado.⁹⁰

A proposta de Carlos Alberto de Menezes era mais viável que aquela do padre Júlio Maria para a sobrevivência da Igreja enquanto instituição, por favorecer uma maior aproximação junto ao Estado num futuro próximo, permitindo recuperar a posição de privilégio que perdera com a instalação do regime republicano. Esta visão corporativista - exclusão de todo risco da luta de classes - marcaria não só o pensamento social católico nos anos 10-20, mas também o Estado Novo nos anos 30-40. Todas as atividades dos católicos no meio trabalhista deveriam seguir a mística do "patronato responsável". A hierarquia católica brasileira, tomando como base as idéias e as experiências do empresário pernambucano, passou a incluir de vez a "questão social" nas suas diretrizes oficiais⁹¹.

Os líderes católicos, leigos ou clérigos, ressaltavam a importância da organização de associações cooperativas e caixas

⁹⁰- MENEZES, Carlos Alberto. Ação Social Católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo, SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol. 7, p.53; os grifos são nossos.

⁹¹- SANTOS, Sérgio Ricardo Coutinho dos. "Igreja e Pastoral Operária no Brasil (1900-1920)" in Rumos Revista de Cultura, Brasília, Ed. Rumos, ano 4, nº.7, 1992, p.78.

de crédito, consideradas como uma alternativa das mais eficientes para combater os efeitos perversos da relação entre capital e trabalho. A ação de Menezes junto a políticos visava a aprovação de leis que contemplassem a situação dos trabalhadores, como a legalização de cooperativas, fato que se concretizou em 1907, através do decreto nº. 1637 de 5 de janeiro, de autoria do seu amigo Joaquim Inácio Tosta, católico militante, comprometido com os problemas sociais, que seria o presidente do Segundo Congresso Católico. O empenho dos católicos em favor do cooperativismo e da organização de associações visava implantar um sistema de mutualidades católicas e garantir a presença da Igreja no meio rural e urbano, dando condições ao clero de acesso à população trabalhadora e aos pequenos produtores⁹².

É neste contexto que aconteceu o Segundo Congresso e a fundação da União Popular. No dia 26 de julho de 1908 abriu-se o Congresso Católico. Havia quase 300 inscritos, todos homens. Victor Coelho presidiu a Comissão das Obras Pias. O cardeal Arcoverde e o presidente do congresso Inácio Tosta fizeram os discursos de abertura. O tom ultramontano e nacionalista está explícito em vários momentos; o objetivo principal era: "o Congresso recomendará solicitamente a aceitação da obra da União Popular do Brasil..."⁹³.

⁹²- MARCHI, Euclides. "Uma Utopia Católica: a União Popular do Brasil" in História, SP, UNESP, vol. 11, 1992, p.276.

⁹³- Segundo Congresso Católico Brasileiro do Rio de Janeiro e celebrado na cidade de São Sebastião do Rio, de 26 de julho a 2 de agosto de 1908. RJ, Ofic. de "O Universo", 1910, pp.91-104.

"União Popular do Brasil" foi o discurso do cônego Victor Coelho. Afirmou que com aquele congresso dava-se início a "um período áureo para a ação católico-social no Brasil": a União Popular não era mais um projeto, pois já estava fundada, com seu programa definitivamente elaborado e aprovado pelo Episcopado brasileiro. Não justificaria a criação da entidade discorrendo sobre a Questão Social ou sobre a péssima orientação religiosa dos políticos. Sua principal justificativa seriam as palavras do Papa: "Instaurar tudo em Cristo". Tal seria a principal tarefa da União Popular, instaurar uma nova ordem moral, social e religiosa no Brasil, pois este "nasceu e cresceu debaixo da sombra sacrossanta da árvore bendita da Cruz... e o Brasil se formou, na ordem religiosa e política segundo os altíssimos intuitos da Providência..." No entanto, o eco da revolução e as idéias revolucionárias haviam invadido pouco a pouco o recinto das famílias e das igrejas roubando a metade dos seus domínios: a "ordem social-civil".

Victor Coelho concluiu propondo a união dos católicos em benefício do operário, do camponês, do pequeno industrial, do comerciante honesto e da família brasileira, tudo em nome de Jesus Cristo. Mas a classe que mereceria particular desvelos da União Popular seria o proletariado, pois

Felizmente o socialismo ainda não conseguiu estender até aqui os seus perigosos tentáculos. Mas, a propaganda já começou e aí vem impetuosa, e não devemos opôr-lhe uma barreira irresistível prevalecendo-nos do nome de Jesus, ainda gravado no coração de todo o brasileiro, e dispensando ao operário toda e sorte de cuidados e proteção.⁹⁴

⁹⁴- Idem, p.248; o discurso está nas páginas 243 a 253.

Ele os demais participantes do congresso haviam acompanhado pelos jornais os debates do Primeiro Congresso Operário, realizado pouco antes na própria capital federal, em 15 de abril de 1906. Este congresso teve uma importância proeminente no movimento sindical brasileiro, como marco da organização e consciência classista dos operários. Duas correntes disputavam a organização operária: os socialistas propunham fundar um partido político, para que, através dele, os operários conseguissem impor seus direitos; já os anarquistas defendiam uma organização operária apartidária, o que efetivamente aconteceu, com o nascimento da Confederação Operária Brasileira (COB). As bandeiras de luta da nova organização eram a jornada de trabalho de oito horas, liberdade para comemorar o 1º de Maio, proibição da elevação dos aluguéis, fim das multas injustas, criação do seguro contra acidentes de trabalho, construção de casas populares, eliminação do regime de empreitada, combate à exploração do trabalho feminino, estabelecimento de aposentadoria para velhos e doentes. Este programa anarco-sindicalista de 1906 representava uma politização surpreendente para a época. Nos seis anos anteriores os operários, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, viveram sucessivas experiências reivindicatórias e de protesto, através de diversas greves.

A reação dos católicos ocorria pouco depois que em janeiro de 1907 o Estado promulgara uma nova lei de repressão e expulsão dos trabalhadores estrangeiros, conhecida como Lei Adolfo

Gordo. Só naquele ano foram expulsos do Brasil 1132 estrangeiros⁹⁵. Entre 1908 a 1912 houve um considerável declínio no movimento operário. As razões estavam nas maciças deportações de 1907, no desemprego crescente e ainda nas dificuldades para aprofundar laços de solidariedade efetiva entre o proletariado, alvo de campanhas de xenofobia.⁹⁶ Neste período a União Popular era fundada, organizada e estendida a várias regiões do país.

Ainda em 1908, Victor e Felício dos Santos trocaram as primeiras idéias acerca da fundação de um Partido Católico nacional. Com a aprovação do cardeal criaram o Centro Católico. Na direção estavam nomes conhecidos da política brasileira por suas posturas católicas e conservadoras: Conde de Affonso Celso, Lacerda de Almeida, Conde Fernando Mendes (senador e diretor do Jornal do Brasil), Conde Cândido Mendes de Almeida, Carlos de Laet e outros.

Victor Coelho dedicou-se então de um modo especial aos "estudos sociais" e à questão operária, que o preocupava desde os estudos em Roma. Estudou as encíclicas de Leão XIII, revistas e obras diversas. Concebeu a idéia de realizar o plano do papa em algum centro operário da cidade. Soube que o cardeal Arcoverde estava criando uma paróquia dentro dos limites da vila operária da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil em um lugarejo chamado Bangú, distante cerca de 100 km do centro do Rio. A fábrica tinha 1.200 teares, com capacidade para empregar até

⁹⁵- PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O Proletariado Industrial na Primeira República" in História Geral da Civilização Brasileira, SP, DIFEL, t. III, vol.X, 1975, p.157.

⁹⁶- Idem, p.158.

1.600 operários. A construção da vila operária começou no segundo semestre de 1891, dois anos após a fábrica. As primeiras casas foram destinadas aos mestres e contra-mestres. A seguir, foram sendo alojadas as famílias de operários contratados pela Companhia.

Em 1903, a diretoria da fábrica fez um levantamento demonstrativo da composição dos trabalhadores da fábrica. Os brasileiros constituíam 80,85% (980 entre 1.212). Os italianos eram 86, os portugueses 71, os russos 20, os ingleses 19 e os espanhóis eram 13. Os demais 23 eram franceses, alemães, suíços, austríacos, chineses e paraguaios. 445 mulheres representavam 36,7% da mão de obra.⁹⁷.

Em 1904, o antigo tesoureiro, João Ferrer, tornou-se o administrador da fábrica Bangú (como era popularmente conhecida), o que seria um marco para a história do bairro. A Companhia optava pelo incremento da urbanização como forma de fixar um contingente maior de força de trabalho ao redor da fábrica, passando a investir mais na ampliação da infra-estrutura do núcleo urbano-fábril e ampliando a relação já existente entre a fábrica e a vila operária⁹⁸.

A Igreja fez então sua primeira aparição oficial no local através da administração do primeiro crisma do bairro. A

⁹⁷- Relatório da Companhia Progresso Industrial do Brasil, 02/04/1903.

⁹⁸- OLIVEIRA, Márcio de. Bangú: de fábrica fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica da cidade, Tese de Mestrado, RJ, UFRJ, 1991, mimeo., p.124.

Companhia trouxe Dom Joaquim Arcoverde para a cerimônia⁹⁹. João Ferrer, com o apoio da CPIB, obteve da Cúria Metropolitana a criação do curato de Bangu. A igreja foi erguida graças às doações feitas pelos próprios operários, por particulares e, principalmente, pela Companhia. O templo foi erguido ao final da rua principal do bairro (hoje rua Cônego de Vasconcelos), onde se criou uma praça. Foi o ponto para o qual passou a convergir toda a vida religiosa, social e até mesmo política da comunidade. Além disto, sua proximidade com a fábrica fazia lembrar o seu elo de ligação com a mesma, pois a CPIB custeava todas as despesas de manutenção, fornecia a cera, os honorários do sacristão e do vigário, a quem cedia uma casa para moradia.¹⁰⁰

A festa de inauguração do templo tomou os dias 9 a 11 de maio de 1904. Em 1908 foi criada a Paróquia de São Sebastião e Santa Cecília, sendo vigário o Cônego Victor Coelho de Almeida.

Este assumiu o novo cargo no seu aniversário. Recebia 400 réis de ordenado e uma casa. Anotou em seu caderno:

Foi um dia festivo em Bangu, esse 8 de set^o de 1908. Completei eu nesse dia 29 anos. O templo estava ainda em construção. Um galpãozinho de madeira, no meio de uma praça, fez às vezes de igreja matriz durante quase dois anos. Dentro, o altar lugar para mais dúzia de pessoas, - o restante, ao ar livre.¹⁰¹

⁹⁹- SILVA, Gracilda Alvez de A. Bangu: a Fábrica e o Bairro, Tese de Mestrado, RJ, UFRJ, 1995, mimeo., p.235.

¹⁰⁰- Idem. Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro, RJ, Sabiá Prod. Artist., 1989, p.97.

¹⁰¹- Miscelânea, p.259.

A Igreja esperava bons resultados com este trabalho pastoral junto de uma das maiores fábricas têxteis do país. Era o local apropriado para o programa de regeneração do povo. A União Popular deveria ser instalada imediatamente. Victor Coelho iniciou uma pedagogia de evangelização aos moldes dos jesuítas e demais ordens religiosas que atuaram no período colonial junto aos indígenas. Estava realizando seu sonho de criança na França, "pregar o evangelho aos idólatras".

Seu plano era atrair os operários, doutrinar as crianças para que elas servissem de veículo à instrução dos pais, e fazer sermões ao ar livre para ter maior audiência. Iniciou a catequese de crianças em sua casa, atraiu seus pais e lhes dava compendios, presentes, agrados. Ensinou os mais velhos a rezar e fez muitas festas. Segundo ele, com sucesso: "Dia a dia aumentava o auditório, 300, 500, 800, 1000 e 1200 pessoas (!)." Ao final do ano já tinha uma Conferência Vicentina organizada. No início de 1909, teve como coadjuntor um ex-aluno do Seminário São José, padre Miguel Mochon, a quem encarregou de trabalhar com os paroquianos de um lugar próximo que mais tarde se tornaria o bairro de Realengo.

Logo Victor Coelho foi encarregado da Igreja do bairro de Campo Grande, onde celebrava todos os domingos, pregava de manhã e à noite e ensinava o catecismo. O trabalho era árduo:

Eram dias cheios, em que dizia 2 missas, dava 2 bênçãos, pregava 4 sermões (2 de manhã e 2 à noite), dava 2 aulas de catecismo, e atendia a todo o serviço de batismos em Bangú e Campo Grande.(...)

As aulas de catecismo em Bangú, Realengo, Campo Grande, Viegas e Villa Nova atingiram a cerca de 1500 alunos. Meninas, em maior número, a meu encargo, e os meninos a cargo do P. Mochon, subdividindo as aulas em grupos de 20 e 30 alunos, tendo cada qual um catequista. Estes foram escolhidos dentre os mais antigos e melhores alunos de catecismo, e para eles criei uma aula especial de ensino adiantado e pedagogia.(...)

Atendi sempre aos chamados para confissões, assistência aos enfermos, visitas aos pobres e aos atribulados.

Os casamentos de pobres foram sempre gratuitos.

Promovi festas animadas, auxiliado por um belo grupo de homens, entusiastas da fé. O meio transformou-se por completo sendo intensa a vitalidade do catolicismo.(...)

Para os operários, em Bangú, fundei um Círculo de Estudos Sociais, precedido de um grande Comício, no Casino (Bangú), em que falaram o Conde de Affonso Celso, Dr. J^o. Agostinho dos Reis, eu, e

outros 4 credores, seguindo-se imponente Marche aux Flambeaux, em que tomaram parte 4000 (?) operários de Bangu e de fora. Banda de Música, credores nas diversas praças e bota-fora dos visitantes, até à Estação (de trem).¹⁰²

O encontro com os anarquistas não demorou muito. Em fins de outubro de 1909, anunciava-se em Bangu um debate entre um jovem bacharelado em Direito, Orlando Vasco (estudante do Colégio São José), e Ulisses Martins, conhecido militante anarquista. Estariam presentes também os redatores do jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão oficial da Confederação Operária Brasileira (COB). O relato desta visita saiu no artigo "A Escravidão em Bangu". O discurso anticlerical visava atingir não só os católicos, mas também os protestantes que já tinham se instalado no bairro:

Foi, porém, completa a nossa desilusão quando saltamos em Bangu. (...) Ao fim de uma rua de casas iguais a uniformes, numa triste monotonia arquitetônica, viu-se o prostíbulo da Igreja. (...) Ao fim da rua principal paramos em frente de dois coretos. Um companheiro, adivinhando a nossa curiosidade, informou-nos de que eles serviam para quermesses que ali se fazem de vez em quando em benefício da Igreja. Era a iniciativa do padre auxiliando os patrões na sua campanha de exploração. Entramos em uma outra rua e ouvimos cantos cujos sons chegavam de longe, numa toada rústica. Era a igreja protestante, que encontramos mais adiante, numa casa de habitação. (...) Compreendemos tudo. A liberdade de Bangu consistia em permitir a adoração de deuses das fábulas e o exercício dos cultos religiosos. Era preciso não deixar livre e vivo o instinto de análise e investigação e para isso não há nada melhor do que as religiões. Por isso, os proprietários da fábrica, naturalmente fervorosos católicos, consentiam o exercício do culto protestante. (...).¹⁰³

Os jornalistas e Ulisses Martins souberam, um pouco antes de iniciar o debate, que estavam proibidos de participar da conferência, por ordem da diretoria da fábrica. Escreveram que os patrões "não podiam admitir que se explicasse ali os motivos porque a burguesia espanhola mandou fuzilar Ferrer. Era um perigo (...)

¹⁰²- Idem, p.260-261.

¹⁰³- A Voz do Trabalhador, RJ, 15/11/1909.

dizer aos operários de Bangu o que Ferrer dissera aos operários de Espanha. Podia haver uma greve e uma greve não convém a burguesia. Eis porque não houve a conferência."¹⁰⁴

Nos números subsequentes do jornal, foram publicados vários artigos sobre Bangu, denunciando exploração, baixos salários, aluguéis altos, reivindicações dos operários.

Em setembro de 1910, por eleição do paróquiato carioca, Victor Coelho representou o cardeal Arcoverde no Congresso Catequético Católico de Milão. Lá discursou sobre o ensino catequético do Rio e sua experiência no bairro de Bangu. Depois do congresso foi a Roma, estando com o Papa Pio X por 5 minutos. Segundo ele, foi muito bem recebido pelo pontífice, que não permitia lhe beijassem os pés, nem que dobrassem os joelhos para beijar-lhe o anel.

Sua participação no evento foi muito elogiada pelo cardeal de Milão André C. Ferrari numa carta ao seu colega brasileiro cardeal Arcoverde:

Por intermédio do ótimo sacerdote Dr. Victor Coelho de Almeida, seu representante, envio esta carta para agradecer sinceramente a V. Em. a insigne honra que deu ao nosso Congresso, com um tão distinta representação sua, de seu venerando clero e de toda sua Diocese.(...) Deixou excelente e ótima impressão o digníssimo sacerdote Dr. Victor Coelho de Almeida, o qual falou muito bem no Congresso, sendo ouvido com toda a atenção e recebendo merecidos aplausos (...).¹⁰⁵

Victor apresentou ao cardeal e aos demais membros do clero carioca o relatório conclusivo do Congresso. O cardeal o

¹⁰⁴- O anarquista Francisco Ferrer foi responsável por um movimento renovador na área pedagógica denominada "Escola Moderna". Morreu fuzilado na Espanha em 1909. Este fato causou, no Rio, manifestações de repúdio por parte dos trabalhadores.

¹⁰⁵- ALMEIDA, Victor Coelho. Conferências, RJ, s/ed., 1919, pp.VI-VII.

imprimiu. O discurso também tinha sido impresso em Milão. Naquele ano o novo templo de Bangu foi inaugurado, com a presença do cardeal Arcoverde e 3 dias de festas. Em 1911 Victor Coelho ocupou-se principalmente da implantação da União Popular no Rio de Janeiro, já que se tornara presidente em substituição a Fr. Innocencio Reidick, e das atividades políticas no Centro Católico onde tinha a função de Assistente Eclesiástico. Além disto era um dos sete membros do Conselho de Vigilância, um órgão recomendado pelo próprio papa, que tinha por fim impedir a propagação e a perpetuação dos erros dos tempos modernos. Isto significava:

a) pesquisar e denunciar os vestígios do modernismo; b) promover a preservação do clero e dos fiéis; c) combater as tendências perniciosas do modernismo; d) não permitir a zombaria, por qualquer meio de propaganda, das tradições sagradas; e) velar sobre as aparições ou revelações sagradas particulares, observadas as regras da Igreja; e f) os conselheiros deviam guardar segredo do que era discutido nas reuniões, que se davam em dois em dois meses.¹⁰⁶

Para divulgar as idéias da União Popular no bairro operário de Bangu, Victor comprou uma prensa e instalou-a em sua casa. Nasceu ali o jornal católico-operário *A Voz do Povo*. O primeiro número saiu em 8/10/1911; circularia aos domingos, no bairro como na cidade do Rio. No editorial de lançamento, Victor Coelho indicou os objetivos do periódico:

¹⁰⁶- SANTOS, Ferreira dos. A Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, Typ. Leuzinger, 1914, p.34-35. O termo "modernismo" significava para época tudo o que estava relacionado ao "mundo moderno" como o liberalismo, o positivismo e o anarquismo.

A Voz do Povo não é uma folha destinada à piedade, mas à luta pela defesa, propagação, atuação e consolidação dos princípios.
É antes uma folha de ação e combate.(...)
No terreno dos princípios éticos-sociais, não usaremos de contempções, que traduzam fraqueza ou condescendências prejudiciais à verdade e ao bem comum; certos de que, sendo eles os mesmos da Igreja Católica, jamais parecerão subversivos, nem prejudiciais às classes trabalhadoras.(...)
E para que não seja deficiente esta exposição, declaramo-nos alheios à política partidária.¹⁰⁷

Na verdade, o jornal tinha um vínculo estreitíssimo com a política partidária já que o próprio Victor era um dos líderes do partido católico (Centro Católico) e o mesmo periódico serviria para a divulgação das principais propostas da Igreja frente ao Estado e à sociedade. Assim, eram muito próximos os discursos religioso e político; a neutralidade era apenas de aparência. O objetivo da Voz do Povo era preservar a integridade social uniformizando os interesses de patrões e operários, impedindo qualquer possibilidade de divisão. Seu discurso estava pautado em três pontos: a) combater as idéias socialistas; b) despertar os princípios católicos entre o proletariado; c) criar associações católicas trabalhadoras alternativas.

Para isto o jornal mantinha a coluna "Estudos Sociológicos". O autor, que assina apenas com as iniciais "G.T." (talvez o próprio Victor Coelho), focalizava as "Agitações sociais: o momento histórico, admoestações". As greves, as violências, os conflitos eram criticadas como fruto de um ideal coletivo, ou seja, eram manifestações de tendência socialista e revolucionária. Apesar dos males das agitações, o autor admitia serem "uma legítima elevação das classes trabalhadoras, das suas compensações, e de sua respeitabilidade social", mas, em última análise, a solução para o problema se resumiria na expansão da justiça e da caridade e estas

¹⁰⁷- A Voz do Povo, RJ, 8/10/1911, p.1. O grifo é nosso.

deveriam provir das elites dirigentes "das quais principalmente depende tanto a salvação própria como da sociedade".¹⁰⁸

A prática da justiça e da caridade se daria pela adoção do Patronato. Em um outro artigo na mesma coluna, o mesmo autor ensinava que o Patronato era uma instituição essencialmente cristã. O verdadeiro patrão deveria ser um pai que via no povo um prolongamento de sua família.¹⁰⁹

Por outro lado, era importante a obediência por parte dos trabalhadores. Obediência aos poderes constituídos e aos poderes eclesiásticos. Eis dois trechos interessantes sobre o assunto no jornal dirigido por Victor Coelho:

(...) Que proveito tirou (o povo) dos motins de vacina obrigatória? E que vantagens usufruiu dos motins contra a questão dos bondes?
Se o povo impõe hoje sua vontade, amanhã se-la-á frustrada! (...).
No estado de sedição em que nos achamos, o povo deve também guardar respeito, obediência e fidelidade aos poderes constituídos! (...).
O povo tem, pois, o estrito dever de cooperar com o governo no sentido de se não alterar a paz social, evitando, em absoluto, conspirar e excitar rebeliões contra ele. (...)

Tem a Igreja uma excelente organização hierárquica. Não pode haver outra mais perfeita. Os fiéis obedecem a um aceno do pároco, os párocos ao bispo, os bispos ao Papa, chefe da Igreja universal. (...)
Diante da apostasia das nações, diante da liberdade da imprensa, diante do sufrágio universal, reorganizar-se uma nova organização católica com fins puramente sociais e políticos, (...).
Assim, em breve, tomaremos a posição que nos compete na vida nacional, e prestaremos mão forte à organização hierárquica.¹¹⁰

O jornal reforçava o conceito de "Igreja-docente" a quem compete fazer e modificar as leis. Caberia somente a ela organizar, ensinar, pensar e produzir os valores para os operários. Do outro lado, os trabalhadores, "Igreja-discente" que deviam aprender e seguir os ensinamentos da hierarquia; negava-se o saber das camadas proletárias: negação do direito a pensar, a articular-se e a se

¹⁰⁸- Idem, 15/10/1911, p.1.

¹⁰⁹- Idem, 29/10/1911.

¹¹⁰- Idem, 10/12/1911, p.2 e 12/11/1911, p.1. O grifo é original.

organizar segundo suas concepções sobre o trabalho e sobre as formas de transformá-lo. A "Igreja-docente" era a fonte do saber. O discurso da Voz do Povo e da Igreja naquele período tem um aspecto reprodutivista, classista e sem preocupação com a transformação da sociedade. Essa preocupação com o saber e a verdade também se vinculava a uma necessidade de manutenção de uma determinada configuração de poder.¹¹¹

Michel Foucault afirma que o poder não é característico de uma classe (a burguesia) ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. O poder existe como uma rede infinitamente complexa de micro-poderes, de relações de poder que permeiam todos os aspectos da vida social. Ele não só reprime, mas também cria. O poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação.¹¹² Parece ser este o papel desempenhado pelo jornal A Voz do Povo: criar uma "verdade" sobre o correto comportamento da classe operária.

Em novembro, Victor Coelho foi transferido de Bangu para o bairro de Santa Rita no centro da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao palácio episcopal. Escreveu que a mudança se deu por 3 motivos: a) necessidade de ampliar a divulgação da União Popular e manter o contato com o cardeal para as reuniões bimestrais do Conselho de Vigilância e do Centro Católico; b) atender ao pedido

¹¹¹- PASSOS, Mauro. A Classe Operária em Minas Gerais e a Igreja Católica: a ponta de uma memória (1900-1930), SP, Loyola, 1991, p.26.

¹¹²- O'BRIEN, Patricia. "A história da cultura de Michel Foucault" in HUNT, Lynn. A Nova História Cultural, SP, Martins Fontes, 1992, p.46.

do seu amigo monsenhor Curió, que estava paralítico e não queria uma pessoa estranha na direção da paróquia de Santa Rita; c) a ingratidão dos paroquianos de Bangu.

Continuou redigindo *A Voz do Povo* naquela paróquia, mas em janeiro de 1912 o jornal foi incorporado a um outro jornal católico chamado *Pátria Brasileira*; da fusão de ambos surgiu *A União*, sob a direção de Felício dos Santos. Logo chegou o novo bispo-auxiliar do Rio, um antigo colega de Victor no *Pio-Latino* de Roma, Sebastião Leme. Dom Leme passou a substituí-lo em exames do clero, no cargo de Censor Eclesiástico e outros; Victor escreveu que ficou muito aliviado para poder atuar melhor, principalmente no Centro Católico e na União Popular.

Mas em janeiro de 1913 um fato bastante significativo levou-o a tomar uma posição drástica contra a hierarquia católica carioca e a reorientar por completo a sua vida. Iniciada a reunião do Conselho de Vigilância, sob a presidência de Dom Leme, jurando (como de rotina) sobre os Evangelhos que guardariam absoluto segredo sobre tudo o que ali se discutiria, o padre Júlio Maria questionou o presidente sobre o boato de que o Episcopado preferia, à organização de um partido católico nacional, juntas eleitorais diocesanas subordinadas aos bispos.

Em sua "Miscelânea" Victor diz que o tal boato foi obra do bispo-auxiliar Dom Leme. O Centro Católico iniciara em fins de 1912, com a autorização do cardeal, um trabalho de alistamento eleitoral na Capital Federal. O próprio Dom Arcoverde enviou circulares às paróquias da cidade recomendando que os católicos

eminentes se candidatassem para deputados, pois haviam tido um excelente resultado nas eleições estaduais em Minas Gerais naquele ano. Victor Coelho teria percebido, em conversas nos corredores do palácio com Dom Leme, certo despeito por parte deste pela organização do Centro. Dom Leme, aparentemente, visualizava algo para um futuro próximo. A idéia de uma organização política católica suprapartidária vinha se desenhando desde a realização da IV Conferência da Província Eclesiástica do Sul (1910), em que os bispos tenderam a deslocar o problema da articulação e participação política dos católicos do pólo partidário para um tipo de organização mais ampla que tivesse condições de superar os limites estreitos e os riscos do partidarismo. Já o Centro Católico do Rio ainda mantinha suas aspirações partidárias. O bispo de Campinas, Dom João Baptista Corrêa Nery, desenvolvia junto aos leigos católicos um esforço de arregimentação para a atividade política. O resultado foi a criação de uma Liga Eleitoral Católica naquele mesmo ano de 1913, vinte anos antes daquela organização que tomaria, dirigida pelo próprio Dom Sebastião Leme, dimensões nacionais.¹¹³

Naquela reunião, Dom Leme confirmou o "boato" dizendo que o episcopado era contrário ao Partido Católico. Os demais participantes decidiram então publicar uma nota no *Jornal do Brasil*, condenando o trabalho do Centro Católico e favorecendo as ligas, como tradução fiel do pensamento dos bispos. Victor Coelho discordava porque todo o trabalho feito até então era aprovado pelo

¹¹³- LUSTOSA, Igreja e Política no Brasil..., pp.15-16.

cardeal Arcoverde. Derrotado, Victor ainda foi encarregado de levar a nota para a redação do jornal, por seus bons contatos com a direção. Recusou-se, mas Dom Leme o intimou dizendo que se tratava de um "serviço da Igreja", superior a qualquer outras razões. Obedeceu.

Levou o "suelto" ao redator e pediu sigilo. A nota foi publicada na primeira página no dia 22 de janeiro e desencadeou protestos dos principais líderes católicos como Carlos de Laet e Felício dos Santos. Dirigiram-se ao cardeal, este se mostrou espantado com a notícia. Dom Leme também negou tudo, disse nada ter autorizado, muito pelo contrário, eram ambos favoráveis ao Centro. Alguns dias depois o redator, pressionado pelos diretores do Centro, atribuiu a Victor Coelho a autoria da nota. O padre enfrentou uma situação difícilíssima. Revoltado, afastou-se de todas as atividades religiosas, intelectuais e políticas. Relatou tudo o que acontecera ao cardeal e exigiu um pedido de desculpas do bispo-auxiliar Dom Leme. Aguardou um ano e nada aconteceu. Para amenizar a situação, os dois prelados tentaram promover Victor ao posto de bispo mas ele não aceitou.

Neste ínterim, uma cantora de sua paróquia, Isaura, chamou sua atenção. Victor viveu um grande conflito sentimental. Optou por deixar a carreira eclesiástica. Aproveitando-se da Lei Rivadavia, que assegurava liberdade de profissão, estudou medicina, adquiriu um diploma e adotou o nome paterno, passando a se chamar Victor de Almeida Moraes. Planejou ocultar sua cultura intelectual quando saísse definitivamente do clero. Escreveu um ofício pedindo afastamento ao cardeal e em

seguida fugiu com Isaura para uma pequena cidade do interior de Minas Gerais chamada Itanhandu. Começava uma nova etapa na vida de Victor Coelho: a do ex-padre.



Capítulo III

O Ex-Padre

FUGAS

Victor Coelho começou uma vida nova. Alugou uma pequena fazenda em Itanhandu, comprou algumas cabeças de gado e passou a atender a todos os enfermos que lhe procuravam. Desta nova atividade profissional, relatou várias curas, considerando uma delas como uma cura extraordinária¹¹⁴.

Em janeiro de 1915 Isaura concebeu uma filha; o próprio pai foi o parteiro. O simbolismo na escolha do nome da menina é evidente: inspirado na passagem do evangelho de São Marcos em que

¹¹⁴- Um parto onde a criança (com 9 meses) já estava morta e em princípio de putrefação. Victor deu os medicamentos e a paciente não teve febre e levantou da cama 5 dias depois. Outra cura foi a de uma professora que era alcoólatra através da hipnose.

Jesus ressuscita a filha de Jairo¹¹⁵, Victor chamou-a Talitha, isto é, Filhinha, em aramaico. Consagrou-a a Jesus Cristo: "... para que a preserve de todo o mal e a ilumine e guie, dei-lhe este nome, - Talitha -, em homenagem ao Redentor."¹¹⁶ Victor estava ressuscitando para uma nova vida. As curas extraordinárias que realizava davam-lhe certamente a convicção de estar vivendo o verdadeiro sacerdócio.

Em março, Victor partindo para São Paulo, toda a cidade estava presente na despedida:

Encheu-se a estação, e os veranistas indagavam curiosos que família era aquela, que atraía tanta gente ao embarque. As moças soluçavam à despedida, e houve uma que só deixou lá [Isaura] depois do trem estar em movimento. Os Costa deram-nos transporte grátis até à estação, para todas as nossas bagagens (3 carros de boi). O Sr. Alípio Guedes, importante fazendeiro, tirou o paletó e arregaçou as mangas, para ajudar os carreiros a encherem o último carro.¹¹⁷

Instalaram-se na cidade de Santa Maria onde Victor Coelho abriu a farmácia Santa Maria. Em breve sua verdadeira identidade foi descoberta. Ausentara-se da cidade quando um colega seu do Colégio Pio Latino, monsenhor Joaquim Mamede, passou em visita pastoral e soube do seu paradeiro. Decidiu ir para a Bahia, a fim de estudar medicina e casar-se na lei civil, e para escapar à perseguição da Igreja que começara atingindo sua irmã Raquel, religiosa da ordem do Bom Pastor; em represália à deserção do irmão, mandaram-na para a Argentina.

¹¹⁵- Mc 5, 21-43.

¹¹⁶- Reminiscência (1936), relembra o convívio com sua mãe, avó e filha.

¹¹⁷- Miscelânea, p.271.

Em Salvador tentou o comércio, procurou algum emprego para custear a faculdade. Começou a assistir cultos na Igreja Batista, modificando pontos de vista, porém sua formação ortodoxa não permitiu aceitação imediata do protestantismo. Casou-se no civil e fixou-se em Juazeiro, abrindo um colégio. Manteve-o até meados de 1917 quando, devido ao cansaço, resolveu voltar com a família para o Rio. Em janeiro de 1919, partiu novamente, agora para a cidade mineira de Patrocínio, montando outro colégio. Alugou uma boa casa, mandou fazer carteiras e móveis escolares. O colégio acolheu cerca de vinte alunos e não prosperou muito, mas a família sobrevivia modestamente.

Em setembro chegou à cidade o bispo D. Eduardo Duarte da Silva. Desencadeou, apoiado por frades, uma campanha de persuasão nos confessionários, principalmente junto às mulheres¹¹⁸, para que não matriculassem seus filhos no colégio de Victor e retirassem os que lá estudavam lá. Victor Coelho escreveu, mais tarde: "Nunca imaginei que fossem tão bárbaros e desumanos!"¹¹⁹.

No final de 1918 Patrocínio foi alcançada pela gripe espanhola. Talitha e Isaura adoeceram, Victor cuidou delas e da vizinhança. Em dezembro, resolveu voltar ao Rio de Janeiro.

¹¹⁸- Riolando Azzi afirma que neste período, e por longos anos, o maior contingente de católicos praticantes era constituído pelo sexo feminino. Eram geralmente as mulheres que faziam grandes filas ao redor dos confessionários nos sábados à tarde e nas manhãs de domingo. São elas também que, diariamente, marcam sua presença na Eucaristia; cf. "A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920)" in CEHILA, A mulher pobre na História da Igreja na América Latina, SP, Paulinas, 1984, p.104.

¹¹⁹- A Razão, RJ, 02/09/1919.

O PROTESTANTISMO NO RIO DE JANEIRO

Instalaram-se num pequeno quarto em Botafogo. Alguns padres propuseram-lhe abandonar a esposa e a filha; a Igreja daria 5 contos de réis para que elas recomeçassem a vida; ele seria recebido de braços abertos, recuperando posição excelente na hierarquia pelo seu passado "inteligente, laborioso e de abnegado ministro do altar"¹²⁰. Recusou.

Durante a semana santa de 1919, Victor e Isaura assistiram a uma série de conferências de Álvaro Reis, pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Victor procurou-o, narrou sua história. Álvaro Reis conseguiu alguns alunos para Victor e o convidou a assistir aos cultos presbiterianos. A sede da Igreja Presbiteriana do Rio está na rua Silva Jardim, nº 15. Segundo João do Rio, era um dos mais lindos templos evangélicos da cidade e a sala podia conter 800 pessoas¹²¹.

¹²⁰- REIS, Álvaro. Relatório do movimento espiritual e financeiro da Igreja Evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro durante os anos de 1919 e 1920, RJ, s./ed., 1921(?), p.5.

¹²¹- RIO, João do. As Religiões do Rio, RJ, Ed. Nova Aguilar, 1976, 2ª ed. (1ª ed./1906), p.85.

Os presbiterianos apareceram no Brasil em 1859 com a chegada do missionário norte-americano Ashebel Green Simonton ao Rio, onde fundou a primeira igreja em 1862. O presbiterianismo se expandiu, principalmente por São Paulo onde, seguindo a marcha do café, pregava José Manuel da Conceição, ex-padre convertido ao presbiterianismo e primeiro pastor protestante brasileiro¹²².

Os presbiterianos brasileiros seguem a João Calvino quanto ao governo eclesiástico. Governam-se por uma "sessão de igreja", presidida pelo pastor e composta de seis presbíteros. Um grupo de congregações locais forma um presbitério; um grupo de presbitérios forma um sínodo, e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembléia geral¹²³. Desconhecem o papa, não crêem na intercessão dos santos, nem aceitam o celibato clerical. Não admitem o culto das imagens, uma infração ao 2º mandamento do Decálogo; crêem que Jesus Cristo ressuscitou e está vivo e reina como único chefe de sua Igreja; acreditam no único fundamento, na única regra da Religião Cristã, a palavra de Deus, a Bíblia, e pregam que Deus, onipotente, onisciente e onipresente, é o único apto a ouvir as orações dos homens. Só aceitam dois sacramentos, o Batismo e a Comunhão, os únicos instituídos por Jesus Cristo; só reconhecem o casamento civil, sob a bênção de Deus; não crêem na existência do purgatório. Seu culto se resume à leitura das

¹²²- MENDONÇA, Antonio G. "Evolução histórica e configuração atual do Protestantismo no Brasil" in MENDONÇA, Antônio G. e FILHO, Prócoro V. Introdução ao Protestantismo no Brasil, SP, Ed. Loyola, 1990, p.35.

¹²³- MENDONÇA, op. cit., p.36; RIO, op. cit., p.88.

escrituras, sermões explicativos, orações a Deus e, no primeiro domingo de cada mês, à celebração eucarística¹²⁴.

Álvaro Reis, paulista, filho de pais católicos convertidos ao protestantismo, foi mecânico enquanto se preparava para o ministério. Quando foi chamado ao púlpito do Rio em 1897, o presbiterianismo na capital federal contava com 400 membros na igreja central, uma comunidade em crise no subúrbio de Riachuelo, e outra congregação desorganizada em Niterói. Personalidade carismática, presença marcante no púlpito, inclinado à polêmica, amigo do jornalista José Carlos Rodrigues do *Jornal do Commercio*, logo ficou conhecido. Por anos manteve um debate, tanto no púlpito como pelos jornais, com o padre redentorista Júlio Maria. Suas palestras atraíam cerca de 1500 pessoas à igreja. Fundou o jornal *O Puritano*, a maior publicação protestante do país por mais de 50 anos.

Em 1917, vinte anos após sua chegada ao Rio, ele já conseguira 1.512 profissões de fé de adultos e sua igreja comportava 1.300 membros ativos. Além disso, em Riachuelo reorganizara a igreja e criara cinco outras. Entretanto, apesar do empenho de Reis e outros ministros, no Rio de Janeiro, com uma população próxima a um milhão, havia apenas 5.000 crentes protestantes de todas as denominações. Em 1915, o Presbitério do Rio solicitou ao *The South Brazil Mission of Presbyterian Church in the USA (SBM/PCUSA)* os serviços de um dos seus membros, F. R. Lennington, nascido no Brasil quando seus pais eram missionários,

¹²⁴- RIO, op. cit., p.90.

que falava fluentemente o português. Tratava-se de estabelecer novas congregações nas áreas servidas pela recém inaugurada igreja de Copacabana. O Plano Brasil teve início em 1917, mas não logrou êxito devido à falta de pessoal¹²⁵.

Com muito grata satisfação Álvaro Reis terá visto o ex-padre Victor Coelho batendo à sua porta. Era a sonhada possibilidade de executar o "Plano Brasil" de 1917. Não é sem razão que Pierson diz ter sido Reis "parcialmente responsável pela conversão ao Protestantismo do pe. Victor Coelho de Almeida"¹²⁶.

A conversão de Victor se deveu ao sermão do ex-padre Hippolyto de Campos sobre o verdadeiro sacerdócio de Cristo. Álvaro Reis narra a sequência:

Convertido pela graça de Deus, após ter lido todos os pedrões da Igreja Presbiteriana - tais como: A Confissão de Fé, O Grande e Breve Catecismo - no primeiro domingo, 4 de maio de 1919, fez o sr. dr. Victor Coelho de Almeida e sua exma. esposa d. Izaura de Almeida, com outras pessoas, sua profissão de fé, e recebeu o batismo - assis, abjurando de todo o mais santo e solene, a Igreja Romana.¹²⁷

Álvaro Reis convenceu o novo membro a fazer uma abjuração pública do catolicismo. Victor abjurou no dia 1º de junho, e Reis divulgou o seu texto na coluna "A Pedido" do Jornal do Commercio. Antes mesmo deste jornal, A Razão e O Paiz publicaram a conferência de Victor, que tinha por título "Porque abjurei a Igreja Católica". Victor contava toda sua vida: a infância em Paris

¹²⁵- PIERSON, Paul Everett. A Younger Church in Search of Maturity: the history of the Presbyterian Church of Brazil from 1910 to 1959, New Jersey, Princeton Theological Seminary, 1971, pp.91-93.

¹²⁶- Id. *ibid.*, p.92.

¹²⁷- REIS, *op. cit.*, pp. 6-7; Talitha também foi rebatizada neste dia.

e o contato com o protestantismo, suas dúvidas vocacionais em Goiás, a preparação para o sacerdócio em Roma, suas atividades político-sociais nos jornais católicos, o Congresso de Milão, a reunião do Conselho de Vigilância e sua desavença com Dom Leme, o abandono do sacerdócio e, finalmente, a perseguição da Igreja. A seguir, criticava severamente os principais dogmas e sacramentos católicos, especialmente o celibato clerical.¹²⁸

Cem mil exemplares reproduzidos em forma de folhetos foram vendidos no centro da cidade do Rio. Os camelôs os vendiam por cem réis. João do Rio descreveu o trabalho dos camelôs de livros da época:

Os vendedores de livros são uma chusma incontável que todas as manhãs se espelha pela cidade, entra nas casas comerciais, sobe os morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento. Há alguns anos, esses vendedores não passavam de meia dúzia de africanos, espapaçados preguiçosamente como João Brandão na praça do Mercado. Hoje, dá de todas as cores, de todos os feitios, desde os velhos maníacos aos rapasolas indolentes e aos propagandistas da fé. (...) Os mais atilados, os mais argutos, os mais incansáveis são os vendedores de Bíblia protestantes, com os bolsos das velhas sobrecasacas ajoujados de brochuras edificantes.¹²⁹

A Igreja Presbiteriana do Brasil, filha da Antiga Escola Presbiteriana, enfatiza a ortodoxia e piedade de Westminster. O Breve Catecismo desta ortodoxia era muito usado nas Escolas Dominicais e na preparação de candidatos para o batismo e profissão de fé. O primeiro trabalho teológico publicado em português foi Comentário sobre a Confissão de Fé, de A.A. Hodge, membro da Antiga Escola ortodoxa¹³⁰. Examinando os sermões proferidos pelos pastores

¹²⁸- A Razão, RJ, 03/06/1919 (2ª parte da Conferência); Puritano, RJ, 12/06/1919.

¹²⁹- RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas, RJ, Ed. "Organização Simões", 1951 (1ª ed./1908), pp.66-67. O grifo é nosso.

¹³⁰- PIERSON, op. cit., p.185.

presbiterianos da época, Pierson observou uma constância na ênfase cristocêntrica. Somente a fé em Jesus Cristo levaria o fiel a salvação, e não as boas obras. Tal doutrina respondia à situação em que se encontrava a maioria dos novos membros convertidos ao presbiterianismo: pobres, abandonados, desterrados, e às vezes, perseguidos, como Victor Coelho. Polemizar contra o catolicismo romano era uma necessidade. Richard Mayorga, pastor presbiteriano e ex-padre, expunha em seus sermões a falsidade da confissão, do purgatório, da missa, das indulgências, a idolatria da Igreja Católica. Eram de fato "protestante" pois protestavam contra os erros do catolicismo. Todos estes pontos estão claros no discurso de abjuração de Victor Coelho¹³¹.

A Teologia Presbiteriana é fundamentalista, uma variante do conservadorismo teológico. Reagia ao modernismo teológico, que incorporava ao trabalho teológico métodos e técnicas originários das ciências históricas, sociais e naturais no estudo da Bíblia. Para os conservadores, o modernismo representava um perigo maior que os inimigos da fé, por se tratar de ataque à ortodoxia oriundo do interior do próprio cristianismo. Desse modo, estariam em risco não apenas a unidade e a pureza da fé, mas a própria existência do cristianismo e da civilização cristã. O conservadorismo pleiteou a condição de cristianismo verdadeiro, passando a limitar-se à Bíblia

¹³¹- Id. *ibid.*, p.188.

e à sua interpretação literal, recusando assim quaisquer métodos de investigação exteriores a ela¹³².

Tal como no luteranismo após Lutero, muitos presbiterianos brasileiros reduziam a teologia evangélica a uma lista de doutrinas e fé que deveriam ser acreditadas por todos, levando a um comportamento parecido àquele de muitos católicos: o **carolismo**. Um missionário estrangeiro no Brasil afirmou que o conceito romano de uma igreja estática tinha penetrado no Presbiterianismo.

Victor Coelho ter-se-á convertido ao presbiterianismo por encontrar entre seus novos correligionários um modo de ver o cristianismo muito semelhante àquele que aprendera desde Roma: a militância apologética. Assumiam a defesa da ortodoxia como condição fundamental de ser protestante, em luta contra os inimigos da fé. A moralidade pessoal, a disciplina e a ética do trabalho eram muito valorizadas entre os presbiterianos. Muitos, convertendo-se ao protestantismo, abandonavam um estilo de vida considerado imoral: a vida social e as festas católicas eram denunciadas como causas da embriaguez, jogatina, brigas e incontinência sexual. Tais condutas eram rejeitadas pelos protestantes por conduzir o homem à miséria e ao sofrimento.

A disciplina entre os fiéis era tomada com muita seriedade. O membro suspenso por uma falta poderia contar com a simpatia e as orações da igreja, mas, persistindo no erro, seria

¹³²- FILHO, Prócoro V. "O Nascimento do 'racismo' confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo" in MENDONÇA e FILHO, op. cit., p.114.

eliminado. Neste caso, a comunidade poderia cortar todo contato pessoal e comercial¹³³. A ética no trabalho, associado por muitos ao Calvinismo, estava presente no Presbiterianismo brasileiro. O excesso no trabalho era bem visto como um corretivo à mentalidade escravista formada pela aristocracia ibérica colonial. Os presbiterianos condenavam esta aversão ao trabalho braçal acrescentando que a ambição pelo cargo de funcionário público era a causa da estagnação econômica do Brasil.

Um sermão do pastor Anibal Nora afirmava que a vida cristã era muito alegre e próspera porque o crente abandonava os vícios que o empobreciam, passava a trabalhar muito e recuperava a saúde. "Se alguém na terra está pronto para ser feliz, forte, e rico", dizia ele, "este é o crente Evangélico"¹³⁴.

Assim, Victor Coelho encontrou uma religião cristã que se encaixava perfeitamente com suas atitudes pessoais como a moralidade dos costumes, a disciplina e a disposição para o trabalho. As duas primeiras haviam-no levado a cobrar dos seus colegas católicos atitudes mais coerentes. Quanto ao trabalho, criticou a Igreja Católica de sabotar seus projetos e de obstruir os empreendimentos quando, já fora dela, buscava sustentar sua família. Álvaro Reis convidou-o imediatamente para o serviço evangélico. Victor aceitou. No Presbitério reunido no fim de junho, o pastor propôs sua licenciatura para o ministério.

¹³³- PIERSON, op. cit., p.197.

¹³⁴- Id. ibid., p.201.

Alguns membros da igreja opinaram que ele devia estudar ao menos um ano no seminário em Campinas. Victor não aceitou esta condição e submeteu-se a uma série de exames em Teologia e Filosofia, sendo aprovado em todos com louvor. Tornou-se auxiliar de Álvaro Reis que lhe confiou congregações suburbanas em Madureira, Turiaçu e Nilópolis, e logo nos bairros operários de Bento Ribeiro e da vila Marechal Hermes.

No final do mês de julho, Victor foi convidado pela Igreja Presbiteriana de São Paulo para uma série de conferências, contando todo seu processo de conversão¹³⁵. Ali recebeu uma carta anônima ameaçando-o de morte. Entregou-a ao chefe de polícia Herculano de Freitas. Outra carta, de um alto membro de clero católico paulista que ele não identifica, dizia que em um certo palácio na cidade houvera uma grande e debatida reunião clerical a seu respeito. A carta recomendava: "Especial cuidado com o que comer e beber. Não se fie senão em amigos de reconhecida lealdade; não receba presentes. Lembre-se do Archibaldo e muito especialmente do Amarin." Estes haviam morrido envenenados¹³⁶.

Em agosto o pastor Jônatas de Aquino, responsável por uma congregação em Bangu, convidou-o para uma palestra. Victor não podia recusar, pois em Bangu, por vários anos, trabalhara pela União Popular. A divulgação foi intensa: "QUEM SERÁ SALVO? - Sobre o tema supra fará importante conferência sábado, 23 do corrente, no pátio da Igreja Evang. de Bangu (...) o ex-cura desse lugar...".

¹³⁵- Cf. O Estado de São Paulo, SP, de 13/08 a 5/09/1919.

¹³⁶- A Razão, RJ, 02/09/1919.

Padre Miguel, ex-aluno e ex-coadjuntor de Victor Coelho, em resposta, fez distribuir pelo bairro uma circular em que colocava de sobreaviso os paroquianos "contra a missão aliciadora do antigo sacerdote."¹³⁷

Victor Coelho narrou o que passou em Bangu:

Em 23 de agosto, no trem, indo para Bangu, o chefe do trem e os condutores avisaram-me que ia haver grosso barulho e eu estava ameaçado de morte: "Dois indivíduos foram peitados para matá-lo. Não vá! Volte d'aqui (Deodoro)". Minha esposa e eu achamos que devíamos ir e fomos. P. Miguel distribuiu um folheto cheio de infâmias, no qual o seu retrato estava num corpo de demônio atacado pelo Anjo S.Miguel. Nessa mesma ocasião o "Rio-Jornal" publicava esse mesmo impresso, punha um placar com igual caricatura em ponto grande em plena r. do Ouvidor, à porta da Redação, e trazia uma excomunhão lançada por Mons. Rangel, Vig^o. Geral, em que me chamava de "infame". Chegando a Bangu, vi o encrenca reboliço e atravessei numerosos grupos, que me insultaram e também à minha esposa. Comecei a pregação à porta do templo; falando já uns 40 minutos, um indivíduo deu viva à Igr. Cat. e apontou-me um revólver. Segurando-lhe o braço, comecei o reboliço e houve pânico. Calmo, pedi ao pastor que cantassem um hino imediatamente. Foi água na fervura. Enquanto levavam preso o agressor, fizera-me sair dali, julgando inconveniente prosseguir. Fomos para uma casa e dali para a estação, que fervilhava de povo. Fomos muito insultados. Estação à cunha. Vieram apunhalar-me pelas costas. Samuel de Oliveira impediu a punhalada e lutou com o agressor. O meu carro foi apedrejado em Bangu, Realengo e Deodoro. Ia perto de mim um indivíduo para matar-me, mas, não teve coragem devido à vigilância dos que me acompanhavam. Saltou em Deodoro. Nesse carro, até Deodoro, numeroso grupo católico entoava um canto, cujo estribilho era: "Guerra a Satãns."¹³⁸

Na conferência, Victor começou comparando as interpretações dos mandamentos da lei de Deus pela Igreja Católica e pelos Protestantes. Em seguida, afirmou que a consciência do homem que está ligada diretamente a Deus, sem intermédio dos outros homens. Era uma referência explícita ao sacramento da Confissão. Nesse instante se ouviram os gritos e vivas à Igreja Católica e ao Papa Bento XV¹³⁹.

Entre os assassinatos de presbiterianos no Brasil, o mais conhecido foi o de Manoel Vilela, que estava na companhia do missionário de Canhotinho George W. Butler, quando salvou-o da

¹³⁷- Rio-Jornal, RJ, 23/08/1919.

¹³⁸- Miscelânea, p.277-278. O Pe. Miguel adquiriu grande fama na região ao ponto de, anos mais tarde, seu nome ser dado a um bairro localizado entre os de Realengo e Bangú. Hoje, este bairro é famoso por sua Escola de Samba.

¹³⁹- Rio-Jornal, RJ, 24/08/1919.

morte recebendo uma facada em seu lugar (1897). O assassino, conhecido como Negro Velho, foi defendido no tribunal pelo padre Joaquim Alfredo, que o designou como um "anjo trazido por Deus"¹⁴⁰.

Em outubro, Victor Coelho foi oficialmente excomungado pelo cardeal Joaquim Arcoverde e o pastor Álvaro Reis ficou satisfeito porque isto "produziu excelente benefício à propaganda evangélica"¹⁴¹. De 1920 a 1925, foi assessor imediato de Álvaro Reis no presbitério do Rio¹⁴². Além disso, passou a escrever periodicamente n' *O Puritano*. Sua produção intelectual, interrompida por mais de 5 anos (1913-1919), recomeçou. Desta fase são três os principais escritos de Victor: um romance, um jornal e um livro de conferências.

O INTELLECTUAL PROTESTANTE

O primeiro texto protestante de Victor Coelho foi um romance quase autobiográfico: *Fé e Coração*¹⁴³ conta a história de

¹⁴⁰- PIERSON, op. cit., p.117. Veja a semelhança entre o assassinato de Manoel Vilela com o atentado a Victor Coelho.

¹⁴¹- REIS, op. cit., p.7; Cf. a excomunhão in Aos Revms. Snrs. Párcos, Capelães, Superiores Religiosos e Confessores, RJ, Typ. Martins de Araújo, 1919.

¹⁴²- Cf. Relatório do Movimento Espiritual e financeiro da Igreja Evangélica Presbyteriana do Rio de Janeiro, ano de 1922 e 1924, RJ, Typ. Marques, Araújo e Cia., 1923-1925.

¹⁴³- Fé e Coração, RJ, s/ed., 1920, 230 pp.

dois grandes amigos, Julião e Hermínio, que buscam o sentido de suas vidas. A história se passa no Rio de Janeiro na segunda metade do séc. XIX. O narrador afirma que todos os personagens representavam "importante papel neste romance verídico", em que se achavam "trocadas circunstâncias acidentais". Julião e Hermínio representam os dois momentos de sua vida, ou seja, respectivamente, o padre e o protestante. Um terceiro personagem importante é dona Helena, mãe de Julião/sacerdote, e que também cuidou de Hermínio/protestante desde criança. Vinha de uma rica família da aristocracia imperial, casada com Henrique Cousin, sobrinho do filósofo francês Victor Cousin. Bonita, de temperamento forte, era uma católica muito inteligente que criticava as incoerências da Igreja. Victor Coelho criou um personagem com características da mãe e, principalmente, da avó. Esta é que era sobrinha do filósofo Victor Cousin.

A apresentação dos personagens e o desenvolvimento da estória nos primeiros capítulos já desvenda o epílogo. O livro pertence ao rol das obras contrárias ao celibato clerical¹⁴⁴ mas, mais do que isso, mostra a intenção explícita de apontar o Protestantismo como o verdadeiro cristianismo. É uma obra apologética.

Desde pequenos Julião e Hermínio revelam aptidão para profissões importantes dentro da sociedade. Hermínio queria ser

¹⁴⁴- Cf. HERCULANO, Alexandre, Eurico, o Presbítero; QUEIRÓS, Eça de, O Crime do Padre Amaro; GUIMARÃES, Bernardo. O Seminarista.

médico e Julião, engenheiro¹⁴⁵. Quando passam ao secundário, a mãe/avó hesita: deveria ou não colocá-los em um colégio de religiosos? "Os maiores inimigos da Religião e do clero saem principalmente desses colégios, e mormente dos seminários."¹⁴⁶. Contudo, os dois foram para o colégio. No último ano, Julião resolve seguir a carreira eclesiástica. Todos tentam persuadí-lo a não contrariar seu desejo de infância. Dona Helena é quem mais sofre com a decisão do filho, pois tem certeza que será infeliz. Julião argumenta que não pode deixar de atender a um chamado de Deus. Outro personagem que o pressiona é Cary, sua antiga namorada que faria qualquer coisa por ele. O diretor do colégio, padre Chinevat, não acredita que tenha vocação e entra em choque com o confessor de Julião, padre Grandboeuf (os nomes são muito evocativos). Este ameaça escrever ao Superior Geral da Ordem sobre as idéias "liberais" do diretor sobre a vocação. O confessor Grandboeuf é o responsável pela infelicidade de Julião e a passagem é uma pesada crítica contra o sacramento da confissão¹⁴⁷.

Julião vai para o convento em Paris e Hermínio se forma em medicina, faz um excelente casamento com a irmã de Julião e cuida de dona Helena. Os dois personagens encarnam respectivamente a fé e o coração:

Julião, prezando acima de tudo a retidão da consciência, deixou-se persuadir de que Deus o chamava para o clero.(...)

¹⁴⁵- Quando criança Victor queria ser engenheiro, depois que largou a batina exerceu a medicina.

¹⁴⁶- Fé e Coração, p.22.

¹⁴⁷- Id. *ibid.*, p.50.

Uma fé ardente, tenaz, inquebrantável, servia-lhe de farol na vida; e n'um ambiente [o convento], que parecia todo dedicado à vida espiritual, ele sentia-se todavia isolado com Deus, e pelejava contra o sentimento, que lhe evocava o passado e apontava perigos no futuro.(...)
Quanto a Hermínio, os seus escritos não nos revelam nenhuma luta interna.
Tudo lhe corre suavemente. (...).
Julião, por cumprir um dever de estado, tinha de amortecer afetos - contra as tendências do seu coração, de guardar castidade perfeita - por obrigação da lei do celibato.
A Hermínio, porém, o coração era livre para amar; a qualquer hora, dependente da sua livre vontade, ser-lhe-iam patentes as portas do matrimônio.(...)
Em ambos dominava a mesma fé ardente, mas Hermínio era o único a ter o coração completamente a vontade para as expansões do sentimento.(...)¹⁴⁸

No final, com a morte de Cary, seu grande amor de infância, Julião desespera e desaparece. Sabe-se depois que adotou o nome Antônio Vieira e tornou-se missionário junto aos índios Caiapós no estado do Pará, morrendo afogado numa cachoeira. Hermínio e dona Helena se revoltam contra a Igreja Católica, a principal responsável pela morte de Julião, e professam publicamente adesão ao Protestantismo.

Victor Coelho dirigiu o jornal quinzenal *O Ex-Padre* de 1921 até 1925. O periódico existia desde 1920 em Belo Horizonte, com o nome *O Ex*: seus fundadores, incluindo Victor, eram todos ex-padres e ex-seminaristas. Era uma resposta à série de cartas escritas pelo cardeal Joaquim Arcoverde contra o Protestantismo¹⁴⁹. A maioria dos artigos tentava demonstrar a falsidade do catolicismo. Outros assuntos aparecem, em menor número, sobre problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil. Victor Coelho apresentava ao público protestante temas como "liberalismo", "nacionalismo", "questão social", "reforma agrária", "maçonaria" e "eleições". O período de publicação do jornal coincide com a

¹⁴⁸- Id. *ibid.*, pp. 99-101.

¹⁴⁹- Cf. as cartas do cardeal in *A Razão*, RJ, 06-25/10/1919. *O Ex*, BH, 01/06/1920, neste número comemoram o primeiro aniversário de conversão de Victor.

ofensiva do nacionalismo católico. Este surgia como uma reação espiritualista que instrumentalizava a estratégia de recatolização da sociedade. Fazia um diagnóstico pessimista da realidade brasileira: a falta da religião seria o ponto central que atingia o Brasil, pois a dependência, a ausência de direção política, a má distribuição de riquezas e todos os problemas sociais, políticos e econômicos eram consequências daquele ponto¹⁵⁰. João Montenegro resume bem esse nacionalismo:

Tem-se, assim, um nacionalismo de fundas conotações moralistas, preocupado em extirpar da nação os vícios produzidos pela não-obediência a uma força inteligente e de grande elevação espiritual, parte ponderável das tradições nacionais. A indiferença da elite dirigente aos princípios católicos, distanciando-se desta, criminosamente, da nacionalidade, explica a anarquia, o quadro de misérias, de egoísmo, que espede a realização do que há de mais vital no país: a instauração da ordem.¹⁵¹

Sob as bênçãos de Dom Sebastião Leme, surgia o periódico *A Ordem* no Rio de Janeiro. Com uma linguagem polêmica e combativa, atacava a maçonaria, o protestantismo e o espiritismo.

Victor Coelho avaliou este movimento no artigo "Nacionalismo Clerical". Critica a entrada de religiosos estrangeiros fazendo lembrar que na "Questão Religiosa" esses clérigos defendiam, não a pátria, mas a estrangeira Roma, que prevaleceria sempre nas decisões da Igreja no Brasil; isto fora detectado por Ruy Barbosa na famosa apresentação do livro *O Papa e*

¹⁵⁰- MALATIAN, Teresa Maria. Os Cruzados do Império, SP, Contexto, 1990, p.71.

¹⁵¹- MONTENEGRO, João Alfredo. Evolução do Catolicismo no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1972, p.166.

o Concílio. Victor denunciou os idealizadores do nacionalismo católico como a mais formidável das influências anti-nacionais¹⁵².

Victor Coelho professava, portanto, algo como um nacionalismo protestante. No plano econômico, inspirava-se muito no pensamento agrarista Alberto Torres (O problema nacional brasileiro). A procura dos empregos públicos e o crescimento da administração onerava cada vez mais o país. A esperança brasileira estava na extensão do seu território e nas riquezas do solo e subsolo. Para aí que deveriam convergir as atenções e os esforços da nação. Mas era necessário acabar com o maior mal, a maior injustiça contra os brasileiros: os latifúndios incultos, improdutivos, nas mãos de poucos que os exploravam sem esforço de inteligência e trabalho. Propunha a reforma agrária, facilitando aos pobres a aquisição de terras e dando-lhes apoio nas primeiras plantações, nos meios de transporte e escoamento dos produtos. "É muito melhor ser proprietário e viver do que é seu, do que ser parasita", como os funcionários públicos. Quanto ao subsolo, Victor Coelho sugeria a privatização das riquezas minerais, entregues, por meio de concorrência pública, a quem as explorasse com proveito, para si e para a nação. O abandono do subsolo levava o Brasil ao déficit e à dependência face ao capital europeu e norte-americano.¹⁵³

¹⁵²- O Ex, BH, 01/07/1920, p.3.

¹⁵³- O Ex-Padre, RJ, 15/02/1922. As considerações sobre a exploração do subsolo vinha de encontro às próprias atividades "mineradoras", que nas horas vagas, Victor exercia. Anos mais tarde, quando residia em Goiás, esta atividade foi intensificada.

O maior exemplo de política agrária era o México. Victor aplaudiu o governo mexicano por redistribuir terras de um latifundiário norte-americano, apesar do ato ser carregado de espírito revolucionário, desrespeitando o princípio do direito à propriedade; mas as razão de ordem moral deviam falar mais alto. A atitude deveria ser imitado pelo governo brasileiro.¹⁵⁴

Os artigos de Victor foram escritos quando o movimento tenentista fazia suas primeiras manifestações de revolta contra as oligarquias do pacto "Café com Leite". Os tenentes tinham como uma de suas bandeiras o combate ao latifúndio. 1922 abria a época de crises políticas que levariam à Revolução de 1930. Nas eleições presidenciais as disputas acirradas criaram um clima de grande tensão, agravado ainda mais pela publicação, no Correio da Manhã, de uma carta, falsamente atribuída a Arthur Bernardes, que ofendia os militares, identificados com o candidato Nilo Peçanha. No artigo "Candidaturas Presidenciais", Victor Coelho avaliou com o eleitor protestante os dois candidatos, tomando suas opiniões sobre religião. Bernardes teria afirmado que, se fosse obrigado, para assumir a presidência da República, a abdicar dos seus sentimentos religiosos, não daria um só passo rumo ao Catete. Esta postura o relacionava ao catolicismo. Já Peçanha dissera: "Sou um liberal, que não tem medo da liberdade". A liberdade religiosa era a grande bandeira dos protestantes contra a tentativa de reaproximação da

¹⁵⁴- Ibid., 15/07/1922.

Igreja Católica junto ao Estado; Nilo Peçanha era o melhor candidato para os protestantes.¹⁵⁵

Nilo Peçanha era maçom e liberal. A Maçonaria, segundo Victor Coelho, além de ser uma sociedade filantrópica, era principalmente "defensora da liberdade, propugnadora do progresso e de proteção mútua dos sócios", não era uma sociedade cristã ou religiosa, por isso ele também aderiu a ela. Unindo-se aos ideais protestantes, a Maçonaria lutava por todas as conquistas das liberdades civis e, como tal, era uma sociedade benemérita da humanidade.¹⁵⁶

A posição de Victor Coelho sobre a participação política dos protestantes evoluiu. Em 1921, durante a campanha presidencial, dizia que os fiéis protestantes não deveriam se envolver com a política. Seguindo o lema de Cristo e de sua verdadeira Igreja ("O meu reino não é deste mundo"), os deveriam apenas pregar o Evangelho, mas tinham o dever do patriotismo, utilizando como guia a consciência cristã. Recusava a idéia de um partido ou liga eleitoral protestante. O protestante, sendo cristão e cidadão, não poderia deixar de ser um "perfeito eleitor". Próximo das eleições de 1922, Victor pregou o alistamento em massa dos crentes para assegurar um representante que defendesse as conquistas da Constituição Republicana e barrar o avanço do catolicismo. Ainda contra um partido protestante, admitia a criação de um partido liberal, sem preocupações religiosas, que tivesse condições de

¹⁵⁵ - O Ex-Padre, 15/08/1921.

¹⁵⁶ - Ibid., 15/09/1921 e 15/08/1922.

propugnar fórmulas universalmente aceitas pelos liberais dentro dos princípios cristãos: liberdade, igualdade e fraternidade. Seria justo que os protestantes cerrassem fileiras nesse partido pura e simplesmente político. Após a derrota de Nilo Peçanha, aproximando-se as eleições parlamentares de 1924, Victor passou a defender a criação de ligas eleitorais protestantes, independentes da vida interna da Igreja, para assegurar a eleição de representantes de um mesmo pensamento, defensores dos mesmos ideais. "Agite-se a campanha fora das Igrejas mediante as ligas".¹⁵⁷

Nesse ano de 1924, Couto Esher se candidatou a deputado estadual, recebeu pouco apoio dos protestantes e perdeu. Teve pouquíssimos votos em cidades onde era forte a presença de Igrejas protestantes. Em 1928, concorrendo ao Senado, pediu o aval e o apoio da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana. A Assembléia recusou, argumentando que queria se manter neutra, mas conclamou todos os membros das igrejas a nele votar. Esher esperava ser eleito: estava filiado a um grande partido e as eleições não aconteceriam no domingo, dia santo para muitos protestantes. Porém, mais uma vez, fracassou, sem qualquer apoio por parte dos seus irmãos evangélicos.¹⁵⁸

Os presbiterianos brasileiros mantinham suas posições firmes em relação à idéia de que a introdução do Protestantismo na sociedade, o maior número de escolas e o processo político democrático, poderiam transformar a nação pacificamente. As

¹⁵⁷- Ibid., 15/09/1921; 15/10/1921; 15/02/1922; 15/05/1923.

¹⁵⁸- PIERSON, op. cit., p.296.

autoridades constituídas deveriam ser respeitadas e apoiadas, e rejeitavam qualquer possibilidade de revolução.¹⁵⁹

A reação empreendida pela Igreja Católica estimulou os protestantes a se unir, em alguns momentos, contra o perigo que estava próximo. Num desses momentos o Conselho das Igrejas Evangélicas de São Paulo enviou um protesto à Câmara Federal contrário a "mais um atentado à Constituição e ao erário nacional". Tratava-se de projeto que concedia verba de 200 contos de réis para a ereção de uma estátua do Cristo no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, ferindo o art. 72 da Constituição que delimitava as relações entre as religiões e o Estado. Não era justo que os representantes da nação desviassem verbas públicas para auxiliar manifestações exteriores de culto. Além das leis, "não o permite o espírito de Justiça, de equidade, de igualdade e de democracia num momento em que o déficit é grande (...)"¹⁶⁰

Segundo o jurista Aureliano Leal, não existia embaraço constitucional: para se estabelecer um culto é preciso fundá-lo, instituí-lo, criá-lo, fixá-lo, assentá-lo, determiná-lo. Na linguagem constitucional a palavra estabelecer com referência a culto ou igreja compreenderia também quaisquer relações de dependência ou de aliança entre eles e a União ou os Estados. O Estado que estabelece relações de dependência ou aliança com um culto, religião ou igreja, dá ao mencionado culto, religião ou igreja uma forma estável e regular. Ora, prosseguia o jurista:

¹⁵⁹- Id. *ibid.*, p.293.

¹⁶⁰- O Ex-Padre, 15/11/1922.

concedendo em um logradouro público uma área para nela ser levantada uma estátua a Cristo, o governo não estabelece nenhuma forma de culto ou igreja. Não só porque não o institui, não o cria, não o fixa, não o assenta e não o determina, como também porque de tal concessão não resultam para nenhum culto ou igreja relações de dependência ou de subordinação¹⁶¹. A estátua do Corcovado só veio a ser inaugurada em 1933, marcando definitivamente a reaproximação entre o Estado e a Igreja Católica.¹⁶²

No plano social, Victor Coelho era o principal porta-voz dos protestantes quanto às medidas que deveriam ser tomadas para solucionar a Questão Social. Antes mesmo do abjurar publicamente ao catolicismo, escreveu alguns artigos no jornal *O Puritano* sobre o problema do operariado brasileiro. Naqueles meses de maio, junho e julho de 1919, a Igreja Católica, através do Vigário-Geral do Rio de Janeiro, Monsenhor Rangel, trabalhava arduamente para recuperar o terreno perdido junto ao proletariado carioca desde a saída de Victor e, conseqüentemente, do fim da União Popular na capital federal. A tentativa se dava após o frustrado movimento anarquista de fins de 1918. Segundo Victor Coelho, o monsenhor estava clamando no deserto, pois no interior da Igreja muito poucos se interessavam pela ação social cristã. Além disso, o operário preferia o socialista ao padre porque este, apesar das boas palavras, era um dos inexoráveis concorrentes ao minguado salário do trabalhador

¹⁶¹- SCAMPINI, Pe. José. A Liberdade Religiosa nas Constituições Brasileiras, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978, pp.125-126.

¹⁶²- LUSTOSA, Oscar F. A Igreja Católica no Brasil República: cem anos de compromisso (1889-1989), SP, Paulinas, 1991, p.51.

pelas espórtulas cobradas em cada missa e sacramento realizado, enquanto o primeiro era operário, tinha família e sabia quanto lhe custava o pão dos filhos.¹⁶³

Escrevendo n' *O Ex-Padre*, Victor Coelho retomou o tema, agora procurando mostrar o caminho de resolução da "Questão Social". Os caminhos socialista, comunista, anarquista e católico levariam o operariado a lugar nenhum. A solução estava no cristianismo evangélico. Numa entrevista ao jornal anarquista *Voz do Povo*¹⁶⁴ reproduzida em seu jornal, Victor reconhecia bons valores e boas intenções em muitos católicos, como o próprio Leão XIII; porém Roma era imperialista e todas as pessoas deviam se sujeitar aos seus mandos de um modo absoluto. Caso a Igreja conseguisse solucionar o problema, a sociedade terminaria organizada como as missões jesuítas do Paraguai, um comunismo aparente e os padres como senhores absolutos. O principal defeito da fórmula católica era a intolerância e o autoritarismo. Além disso, manteriam sempre o "direito divino" do patrão, a greve platônica e a fórmula conciliadora da caridade. O jornalista: "E não é esta forçosamente a solução cristã?" Victor negou afirmando

¹⁶³- Sobre o assunto cf. ADDOR, Carlos Augusto. A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro, RJ, Dois Pontos, 1986; O Puritano, 15/05/1919; sobre a tentativa de um movimento operário católico sob a direção de Monsenhor Rangel cf. a minha dissertação de graduação Bangu: a Questão Social e a Construção de um novo modelo de Igreja no Brasil (1903-1920), Dissert. de Grad., Brasília, Departamento de História, Universidade de Brasília, 1992, mimeo.

¹⁶⁴- Órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (FTRJ) e surgiu no momento de intensa perseguição policial aos operários. Os anarquistas, naquele momento, investiam na mobilização e na organização dos trabalhadores.

que Cristo quer o homem livre, a liberdade vem do amor; o exemplo dos primeiros cristãos ser seguido, aí havia tolerância e esta é a fórmula cristã e não católica. Os direitos dos operários eram uma questão de justiça e não de caridade.¹⁶⁵

A fórmula protestante para conflitos entre operário e patrão estava centrada na conversão ou na reforma individual. Victor Coelho aprofundou esta idéia nas conferências que pronunciou em São Paulo na semana do Centenário da Independência do Brasil. Como resposta à impressionante manifestação popular católica durante os festejos do Centenário, que assustou os políticos liberais (maçons e anticlericais), Victor publicou suas conferência em livro com o sugestivo título **Emancipação Religiosa do Brasil**.¹⁶⁶ Nas oito conferências, mostrava a necessidade urgente de defender a liberdade religiosa contra as artimanhas dos católicos que pretendiam recolocar o Brasil numa escravidão espiritual. A sétima conferência abordou a Emancipação do Proletariado. Ao Brasil, que era uma das vítimas mais lamentáveis da questão social, a Reforma Protestante trouxe a trilogia da sociedade moderna, inspirada nas doutrinas do Evangelho: liberdade, igualdade e fraternidade. O Protestantismo era o pai do liberalismo, defensor nato de todas as legítimas liberdades cristãs na ordem social e, deste modo, não poderia omitir-se das discussões acerca da questão social. Esta era

¹⁶⁵- O Ex, BH, 01/07/1920.

¹⁶⁶- ALMEIDA, Victor Coelho. Emancipação Religiosa do Brasil, SP, Imprensa Methodista, 1923, 282 pp.; sobre as manifestações católicas, foi publicado, sem apresentar a casa publicadora, um álbum de 558 páginas sobre o grande evento que ocorreu naquela semana: "I Congresso Eucarístico Nacional" (1922).

o desequilíbrio entre os lucros do capital e os lucros do trabalho: "São dois sócios naturais, mutuamente dependentes, reciprocamente devedores um ao outro".¹⁶⁷ O interesse pelo lucro é que definia a afinidade entre patrão e empregado, visando sempre um fim comum. Na expectativa de um lucro, o operário se contenta com uma remuneração, que corresponde apenas a uma parte do seu esforço; restando-lhe ainda um saldo, que dia a dia se acumula e que posteriormente é absorvido pelo capital. Tal contrato de trabalho seria a causa da questão social. O operariado luta para que se faça justiça, isto é, "a cada um o que é seu". "O que é seu" significa o justo salário, a justa proporção que lhe cabe nos lucros provenientes do trabalho em cooperação com o capital.¹⁶⁸

Victor Coelho prossegue: todas as "escolas" sociais procuram resolver o problema do proletariado. A escola liberal defende a total liberdade individual e de classes, cuide cada um de seus interesses, sem a intervenção do Estado. A escola católica mantém o pressuposto do contrato de trabalho como única obrigação, relegando o mais ao cooperativismo e à caridade dos patrões e admitindo moderadas greves de protesto ou reclamações pacíficas. A escola socialista, defende a derrocada completa da ordem e a socialização de toda a propriedade, de todo o trabalho e de todos os lucros, sob a direção da comuna eleita pela totalidade do povo.¹⁶⁹

¹⁶⁷- ALMEIDA, op. cit., p.223.

¹⁶⁸- Id. ibid., p.225.

¹⁶⁹- Id. ibid., p.226.

Diferentemente de todas estas, a escola protestante seria dirigida pelo divino preceito do amor ao próximo; não simplesmente do amor que se condói, mas do verdadeiro amor que faz justiça. Para defender os interesses do povo e da boa ordem social a única fórmula racional era a evangélica. O problema social seria uma questão de justiça comutativa e não de beneficência e proteção como propõe a escola católica. O socialismo tampouco resolve o problema porque é intolerante e estabelece um regime de tirania, ou de desequilíbrio, quer em detrimento do capitalismo bem ordenado, quer das classes operárias o que representa uma injustiça. A socialização do Estado, por outro lado, fere os mais legítimos direitos do indivíduo ao pleno uso da sua liberdade.¹⁷⁰

A justiça evangélica estaria nas experiências de um grande empresário carioca e na indústria de automóveis Ford. Em ambas Victor Coelho via fórmulas de participação dos trabalhadores nos lucros da empresa. Concluindo:

Diante destes fatos, senhores, estou certo de que ninguém, de boa fé, acusará de utopia o princípio de equidade e justiça social que vos exponho, e defendo. Ele já tem sido posto em prática, e com o melhor êxito, por industriais cristãos.¹⁷¹

Em maio de 1925, Victor Coelho escreveu seu último artigo n' O Ex-Padre. Logo mudaria sua percepção do meio em que estava inserido.

¹⁷⁰- Id. *ibid.*, p.228.

¹⁷¹- Id. *ibid.*, p.238.

DO ESOTERISMO CRISTÃO AO CATOLICISMO

Em junho de 1925 faleceu o pastor Álvaro Reis. A eleição do novo pastor, em outubro daquele ano era a maior assembléia já realizada pela Igreja Presbiteriana do Brasil: havia 415 votantes. Victor Coelho foi proclamado o novo pastor com uma votação esmagadora de 245 votos contra 76 votos de Miguel Rizzo e 65 de Mattathias Gomes.¹⁷² Era o reconhecimento pelo trabalho de mais de 6 anos pela expansão do protestantismo na capital federal e no Brasil. Reunido o Presbitério para ratificar o resultado das eleições, alguns, principalmente os ligados ao terceiro colocado, quiseram anulá-la. Victor Coelho se limitou a escrever que os motivos eram fúteis, mas que era visível o despeito e o ódio.¹⁷³ Exigiu que respeitassem a liberdade de escolha da igreja num pleito corretíssimo. Os membros do presbitério lhe entregaram o convite oficial para pastor da igreja do Rio. Recebendo o convite, Victor o devolveu imediatamente à mesa diretora, renunciando e pedindo licença para não declinar as razões do gesto.¹⁷⁴

Na verdade, Victor Coelho não admitia qualquer disputa política por cargos eminentemente religiosos. Em janeiro de 1926,

¹⁷²- "Movimento do Esforço Christão no Rio" in Boletim Dominical, RJ, ano I, nº 55, 18/10/1925, p.2.

¹⁷³- Miscelânea, p.284.

¹⁷⁴- SANTOS, A. N. Amaral. A Apostasia e a Virtude: porque voltou ao catholicismo o Cônego Dr. Victor Coelho D'Almeida, SP, Livraria catholica Ed., 1932, p.19.

renunciou a todos os cargos que ocupava na Igreja Presbiteriana. Alguns dissidentes convenceram-no a fundar uma Igreja Presbiteriana Livre, cujo pastorado ficaria sob sua responsabilidade. Aceitou a idéia e em outubro de 1926 estava criada a nova denominação. Enviou um ofício aos membros da Igreja Presbiteriana do Rio, nos seguintes termos:

{...} Levo, por intermédio de V. Revma., ao conhecimento (...) que convidado por diversos membros da 1ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, que se desligaram dessa igreja por motivo de respeitáveis irmãos conheçam, para constituir com eles, como pastor regular, uma igreja presbiteriana denominada "Igreja Presbiteriana Livre", e convindo a todos nós em manter a Confissão de Fé, os Catecismos Breve e Maior, juntamente com o Livro da Ordem Eclesiástica, que abrange a Forma de Governo, as Regras de Disciplina e Diretório do Culto Presbiteriano, assumi o pastorado, em forma regular da Igreja Presbiteriana Livre que se constituiu, com sede provisória à rua do Rosário n. 114, sobrado. Em vista, pois, do caráter livre da nova igreja, declaro-me ao Presbitério definitivamente desligado do número dos seus membros. Agradeço aos bondosos irmãos as atenções com que se honraram desde junho de 1919, e, se em tudo não nos foi possível entrar em perfeito acordo, estou certo de que a divergência de alvitres em matéria eclesiástica não será motivo para que se rompa os laços de harmonia e cordialidade cristã (...). desejo manter ainda que em campo separado de trabalho ministerial, com os meus dignos irmãos presbiterianos.(...).175

A Igreja Livre começou com 60 membros. Fundou-se um asilo num sítio de Victor Coelho em Magé. Dando-se conta de que os membros dissidentes da Igreja Presbiteriana queriam apenas usá-lo para a criação de uma nova denominação, Victor transformou o jornal O Ex-Padre na revista mensal Coluna e com ele criou uma Liga Mental de tendência esotérica, e desligou-se definitivamente do protestantismo. Passou a enfrentar uma série de problemas financeiros e conjugais.

Segundo Wolfram Janzen, o esoterismo responde a anseios e necessidades religiosas que o cristianismo tradicional e eclesial não satisfaz. Muitas pessoas com anseios religiosos e insegurança procuram experiências próprias que lhes abram o caminho da transcendência. As ofertas eclesiásticas, muitas vezes,

¹⁷⁵- A Noite, RJ, 16/10/1926.

caracterizam-se por uma carência de experiência. Fala-se muito, explica-se muito, trabalha-se muito a nível racional e geral. A mensagem religiosa é oferecida de forma distante da vida, em formas e palavras antiquadas, de difícil compreensão para o homem secular.¹⁷⁶ Além disso, o indivíduo e a sociedade estão expostos a muitos riscos, angústias e insegurança. As cosmovisões ocultas e esotéricas oferecem ao Eu ameaçado e frágil uma segurança em mundos do além distantes da realidade que encontra diante de seus olhos. Experiências e doutrinas ocultas rompem o cotidiano, o normal, o emperrado curso da vida, a sólida realidade unidimensional. Elas confirmam que o indivíduo é inconfundível e único, abrem amplas perspectivas. Atos mágicos concedem poder e oferecem possibilidades de intervenção em questões perante as quais o indivíduo sente sua impotência.¹⁷⁷

As condições de ordem psicológica e material em que Victor Coelho se encontrava, quando aderiu ao esoterismo, o fizeram escrever mais tarde que nesta época estava "sedento do serviço de Deus".¹⁷⁸

A revista Coluna resumiu os objetivos da Liga Mental: formar uma corrente poderosa de homens íntegros, para a realização de todo o ser espiritual. Os meios seriam os impressos, cartas e transmissão oral da ciência dos arcanos, "existentes nas Escrituras

¹⁷⁶- JANZEN, Wolfram. Ocultismo: aparições, forças supra-sensoriais, espiritismo, Petrópolis, Ed. Vozes, 1992, p. 119.

¹⁷⁷- Id. *Ibid.*, p.118-120.

¹⁷⁸- SANTOS, op. cit., p.20.

e ensinada aos iniciados através dos séculos, relativa aos interesses divinos do homem, e aos poderes espirituais, psíquicos, vitais e físicos de que pode servir-se para o seu próprio bem e o do seu semelhante".¹⁷⁹

Passado algum tempo, Victor propôs o divórcio a Isaura e procurou Dom Leme, agora cardeal do Rio de Janeiro, para um entendimento. Dois motivos levaram-no a tomar tal atitude:

1^a) necessidade de prestar serviço a Deus na Igreja, convencido já da esterilidade e desordem orgânica do Protestantismo e a incompatibilidade dos seus princípios cristãos com o Espiritismo e algumas seitas ocultistas que procuraram com insistência a minha adesão; 2^a) a traição de Isaura, em minha própria casa, de 1922 a 1925 (3 anos), em condições de tal desfaçatez que não devo registrar. Quis romper em 1925, mas absteve-me por amor de Talitha e para evitar um escândalo com difamação da infeliz seduzida, mas culpada.

Resolveu separar-se com o pretexto de uma longa viagem a Goiás para mineração de ouro e diamantes. Dom Leme concordou, exigindo-lhe um retiro espiritual em Nova Friburgo, no Colégio dos Jesuítas, para poder voltar ao catolicismo. Passados oito dias de retiro, em abril de 1929, Victor Coelho estava de volta ao catolicismo e também retornava ao ponto de partida de toda sua vida religiosa: Goiás.

¹⁷⁹- A capa da revista traz um desenho de uma coluna que sustenta a "Estrela de David" e no centro está escrito, em hebraico, a palavra "Jeová". O nome "Jeová" não se encontra na Bíblia, mas resulta da combinação, feita pelos judeus medievais, dos nomes "Jahveh" e "Adonay" (meu Senhor). O vértice do triângulo para cima significa a Trindade divina; o vértice voltado para baixo representa as dádivas de Deus para o homem: a fé e a graça, cf. Coluna, RJ, ano I, nº 3, dez./1927, p.47.



Capítulo IV

O Político e o Acadêmico

DE VOLTA AO BRASIL CENTRAL

O bispo de Goiás, Dom Emmanuel Gomes de Oliveira, recebeu carta do cardeal Dom Leme pedindo que desse toda a atenção possível a Victor Coelho, logo conseguido algumas oportunidades de emprego junto ao presidente do Estado, Brasil Caiado. Assim que Victor chegou, foi nomeado professor interino de Latim no Liceu de Vila Boa (Goiás).

De 1º a 14 de julho de 1929, Victor preparou duas defesas de teses para concurso à cadeira de Filosofia do Liceu: "Critério Científico da Psicologia" e "Influência da Doutrina de Sócrates no seu século". Pessoas ilustres do Estado compareceram

para assistir à defesa das teses: o Presidente, o Secretário do Interior e o Secretário de Obras Públicas, entre outras.

Victor foi aprovado com louvor e suas teses foram publicadas posteriormente pela Tipografia Salesiana de São Paulo¹⁸⁰.

Em outubro de 1930, Goiás ficou isolado do país devido aos distúrbios da Revolução. No dia 27, chegavam à antiga capital do Estado (Vila Boa) as forças mineiras. Milhares de pessoas aglomeravam-se no Largo do Chafariz (hoje Praça Dr. Brasil Ramos Caiado) e na Praça do Palácio, saudando os vencedores e aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

No dia 29, o Dr. Carlos Pinheiro Chagas foi alvo de inúmeras manifestações de apoio e entusiasmo por parte da população que se aglomerava em frente ao Palácio Conde dos Arcos. Victor Coelho foi convidado a falar em nome do povo, saudando o interventor¹⁸¹. Este fato marca o início de suas atividades políticas no Estado.

Em janeiro de 1931, Victor reiniciou na cidade de Anápolis suas atividades de sacerdote católico. Numa série de conferências - "Sete Igrejas do Apocalipse" - fez severas críticas ao Protestantismo. Nestas palestras, interpretava as profecias contidas no livro do Apocalipse, feitas pelo evangelista João,

¹⁸⁰- O bispo D. Emmanuel deu de presente a Victor a impressão das teses, numa tiragem de 300 exemplares para cada uma.

¹⁸¹- FERREIRA, Joaquim Carvalho. Presidentes e Governadores de Goiás, Goiânia, Ed.UFG, "Coleção Documentos Goianos", pp. 121-122; Miscelânea, p.300.

sobre as Igrejas de Éfeso, Smyrna, Pérgamo, Thiateiros, Sardes, Filadelfia e Laodicéia.

Na análise de cada uma das " sete igrejas", Victor enfatizava que a verdadeira Igreja de Cristo era a romana, a necessidade de se ter fé nesta Igreja, a presença de Cristo na Eucaristia, a infalibilidade do Papa, a atuação do Espírito Santo na Igreja, o retorno dos protestantes ao seio da Igreja e, finalmente, discorria sobre o Fim do Mundo¹⁸². Enfim, Victor mostrava-se firme em sua postura de tempos atrás: a apologia e a ortodoxia.

A partir daí, Victor Coelho deu início às atividades de jornalista, na direção de um novo periódico, órgão oficial da Diocese de Goiás, intitulado Brasil Central.

Fora convocado pelo bispo Dom Emmanuel para organizar o jornal cujo primeiro número deveria circular em 12 de Outubro, mas para isso, tornou-se necessário que Victor residisse na própria tipografia, na cidade de Bonfim, onde se enpenharia de corpo e alma na defesa e propaganda do catolicismo em Goiás¹⁸³.

Talvez tenha sido essa a condição imposta pelo cardeal Dom Leme para aceitá-lo de volta à Igreja e, além disso, a dedicação que Victor colocou naquele trabalho demonstrava o seu total arrependimento da vida passada.

¹⁸²- ALMEIDA, Vitor C. As Sete Igrejas do Apocalypse, SP, Livraria Catholica, 1934, 3ª ed., 38 pp.

¹⁸³- O primeiro número teve uma tiragem de 3500 exemplares.

Para demonstrar e provar sua total fidelidade à Igreja Católica, ele criou uma coluna no jornal, intitulada "Protestantices" cujo objetivo era trazer "subsídios modernos para combater os planos expansionistas yankees semeadores de heresias"¹⁸⁴. Esta coluna poderia levar, na verdade, o nome "O Ex-Pastor" pois são os mesmos métodos empregados quando da época do jornal O Ex-Padre.

Seus artigos davam conta de que para conter o avanço do Protestantismo no Brasil era necessário que o maior país protestante do mundo, os Estados Unidos da América, se convertesse ao Catolicismo. E isto estaria acontecendo. Dizia Victor, em um desses artigos, que a Igreja Católica contava com apenas um bispo naquele país em 150 anos de história, mas agora já contava com 4 cardeais, 15 arcebispos, 104 bispos e um total de 20 milhões de católicos. Além disto, no ano de 1931, verificara-se um grande progresso: o Vaticano recebera um elogio do jornal *New York Times*, que admitia "que vive ainda no mundo a Igreja de Cristo e que tem à frente Alguém", e anunciava também a abjuração e a conversão ao catolicismo de 4 ministros episcopais, sendo que três deles seguiriam a carreira sacerdotal¹⁸⁵. Isso tudo era um bom sinal.

Mas além deste aspecto, de "Cruzada contra os infiéis", Victor dava início em Goiás à propagação dos postulados católicos na esfera política.

¹⁸⁴- ALMEIDA, Victor Coelho de. Protestantices: confirmando a velha história da mixórdia protestante, SP, Livr. Catholica, Ed. A. Campos, 1932. Coletânea de artigos de Victor no "Brasil Central".

¹⁸⁵- Id. *Ibid.*, pp. 5-6.

Logo após a revolução paulista de 1932, Alceu de Amoroso Lima elaborou, a pedido de Dom Leme, um ensaio que viria a ser a base do programa da Liga Eleitoral Católica (L.E.C.). Dom Leme montou um esquema de operações para a reconstrução da ordem social cristã, que só lograria êxito com sólidos alicerces morais.

O período que vai de 1930 a 1945, mostra para a Igreja no Brasil a abertura de um espaço real para a redefinição de sua situação dentro da sociedade civil, de sua articulação com as classes emergentes e com o novo bloco no poder. No plano interno, os leigos católicos estavam cada vez mais ligados à sociedade, à política e, principalmente, à hierarquia¹⁸⁶.

Desse modo, Dom Leme dedicou-se com afinco à tarefa de formação da juventude nos princípios educativos da Igreja. Daí uma preocupação constante da hierarquia católica com a educação religiosa e com a formação da família. A L.E.C. haveria de conduzir, como grupo de pressão, com firmes exigências religiosas, os destinos das eleições de 1933 e as linhas de ação da Assembléia Constituinte de 1934, em favor das reivindicações católicas¹⁸⁷.

Em Goiás, Victor escreveu sobre a importância do ensino religioso, em um tom mais apologético que político, vinculando-o sempre ao problema protestante.

¹⁸⁶- BEOZZO, José Oscar. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização" in História da Civilização Brasileira, Tomo III, vol. 11, SP, DIFEL, 1986, p.273.

¹⁸⁷- LUSTOSA, Oscar F.. A Igreja Católica no Brasil República, SP, Ed. Paulinas, 1991, pp.52-53.

Segundo ele, para combater o ensino facultativo da Religião nas escolas, todos os "sectários anticristãos" estavam unidos, tais como: os protestantes, os budistas, os espiritas, os maçons e ateus. Isso acontecia porque todos eles eram infimamente minoria no Brasil e não concordavam que os filhos dos católicos pudessem receber, nas escolas, a mesma educação dos pais.

Quanto à questão do casamento civil ou religioso, o problema político das relações Igreja-Estado vinha à tona. Victor Coelho rebateu a tese protestante segundo a qual o casamento é um ato natural e portanto, pertence a lei civil, e não à Igreja.

Segundo ele, a lei civil devia ser cumprida e a Igreja não se opunha, mas sem prejuízo do sacramento, que é anterior à lei civil. As leis civis, mutáveis e humanas, não podiam abalar nem destruir as da Igreja, imutáveis e divinas. Os Estados e as leis humanas passam. A Igreja e suas leis originadas em Deus e em Jesus Cristo, permanecem. Acrescentava ainda:

O Brasil é, quase todo, católico e cumpre ao Estado respeitar e acomodar-se aos princípios inabaláveis, que regem a consciência da maioria, sem pretender desprezá-los nem destruí-los, embora atendendo também ao interesse das minorias acatólicas; e não impor à maioria as pretensões da minoria.¹⁸⁸

Da defesa do liberalismo e da liberdade religiosa no livro **Emancipação Religiosa do Brasil**, Victor retornava ao pensamento tomista. O Estado é importante para manter a paz social, condição necessária para a vida feliz e virtuosa, sem a qual não se

¹⁸⁸- Protestantices, p.13.

pode realizar a finalidade eterna do homem; contudo, como a razão humana está subordinada à razão divina, a filosofia à teologia e a ciência à fé, o Estado deveria estar subordinado à Igreja, pois esta encarna os interesses eternos e superiores do homem. Para Santo Tomás tal subordinação é apenas indireta, no sentido de que somente quando o interesse temporal tiver um relação direta com o eterno e sobrenatural é que caberá à Igreja a orientação última e decisiva.

Victor compreende bem a "subordinação indireta", isto é, qual o papel destinado ao Estado e à Igreja quando se tratava desta matéria, dita sobrenatural, como o casamento.

Foi com estas posições que Victor iniciou, de modo mais pragmático, a implantação da Liga Eleitoral Católica no estado de Goiás, até ser eleito Deputado Estadual.

DA L.E.C. À COLIGAÇÃO LIBERTADORA.

Em dezembro de 1932, Victor Coelho participou do Congresso do Partido Social Republicano de Goiás (P.S.R).

Dom Emmanuel pediu-lhe que fosse ao Congresso representar a cidade de Bonfim, juntamente com o prefeito. Sua missão era, de certo modo, político-religiosa, ou seja, deveria

esforçar-se pela inclusão dos postulados católicos nas diretrizes do partido.

Para que isso, Victor formulou a seguinte estratégia: sabedor de que sem o apoio dos católicos nada conseguiria, solicitou ao bispo que mandasse uma circular, que ele mesmo redigiria, a todas as paróquias, instando que enviassem representações, abaixo-assinados e telegramas de todos os pontos do Estado, pedindo a inclusão dos postulados católicos no programa do partido. De posse desse material, poderia fazer pressão sobre os líderes "ateus e materialistas". Dom Emmanuel aquiesceu.

Depois de calorosos debates, Victor Coelho conseguiu êxito em sua missão. Os principais postulados incluídos no programa do Partido Social Republicano foram: defesa da indissolubilidade do laço matrimonial e incorporação legal do ensino religioso facultativo, nos programas das escolas públicas do estado.

Nos dois primeiros meses do ano seguinte, como um dos membros da Junta Estadual da L.E.C., viajou pelo interior do estado fundando Juntas Locais nas cidades de Goiás, Pirenópolis, Anápolis, Bela Vista, Pires do Rio, Santa Cruz, Ipameri e Catalão¹⁸⁹.

Essas atividades políticas de Victor Coelho provocariam logo uma represália por parte do Interventor do Estado, Pedro

¹⁸⁹- A Junta Estadual, com sede na capital do Estado, era composta por 5 membros, tendo como função orientar e movimentar a Liga dentro do Estado. A Junta Local, com sede em cada paróquia, promoveria todos os trabalhos de alistamento, de conformidade com as instruções baixadas pelas juntas superiores, cf. "Estatutos da Liga Eleitoral Católica (1932)" in LUSTOSA, Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico à L.E.C. (1874-1945), SP, Loyola /CEPEHIB, 1983, p.102.

Ludovico. Numa tentativa de atacar tanto Dom Emmanuel como o próprio Victor, por terem incluído no programa do PSR os postulados católicos e pela instalação da L.E.C. no Estado, o interventor o demitiu do cargo de Inspetor do Ginásio Anchieta e nomeou, por intermédio do Governo Federal, seu próprio sobrinho.

Mas a questão mais polêmica que marcou os anos de 33 e 34 em Goiás não foram os problemas do ensino e do casamento religiosos, nem das relações entre Igreja-Estado. O principal debate girou em torno do local da construção da futura capital do estado de Goiás. Victor Coelho também participou destas discussões.

Pode-se dizer que o início dos debates se deu já nas movimentadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte em maio de 1933, quando o PSR elegeu todos os quatro representantes de Goiás.

O resultado dessas eleições foi a abertura de uma fissura no poder dominante, decorrente do desenvolvimento de uma dissidência entre Pedro Ludovico e Domingos Vellasco. Segundo Nasr Chaul, um dos prováveis motivos desta situação foi que Vellasco, naquelas eleições, fez sérios compromissos políticos, inclusive trazendo para o PSR importantes políticos da época, o que foi entendido, por alguns membros, como desejo de prestígio pessoal. Já Cristina Machado vê na disputa de ambos pela presidência do Estado o real motivo da dissidência¹⁹⁰.

¹⁹⁰- CHAUL, Nasr N. F. A Construção de Goiânia e a transferência da capital, Goiânia, Cegraf/UFG, 1988, p.125; MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história, Goiânia, Cegraf/UFG, 1990, p.129.

O que nos interessa, no momento, é observar como Victor Coelho se posicionou nesta questão e nos debates do local da futura capital. Passado um mês após ter sido destituído do cargo de Inspetor, ele procurou Vellasco com a proposta de fundarem ambos um partido de oposição a Pedro Ludovico para as eleições à Constituinte Goiana. Estava nascendo aí a **Coligação Libertadora**.

Victor dedicou-se pessoalmente à expansão da mesma no Estado e também contribuiu na aliança entre Domingos Vellasco e o líder do Partido Democrata (derrotado pelo PSR nas eleições de maio de 1933), Antônio Ramos Caiado. Na verdade, como bem disse Chaul, por se tratar de uma época de transição, não havia entre os políticos locais razões que impossibilitassem uma aliança entre um dissidente dos revolucionários com os oposicionistas, ambos membros da antiga oligarquia dominante¹⁹¹.

Quanto à bandeira de luta, os dois chefes tinham objetivos políticos diferentes. Pedro Ludovico cada vez mais erguia o estandarte da mudança da capital. Vellasco, que no passado não se manifestara contra a mudança da capital, procurava sobreviver politicamente entre discursos e alianças.

A mudança da capital também levou a Igreja a tomar partido. Não era uma questão apenas geográfica, mas fundamentalmente política.

Voltando de uma viagem a Roma, o bispo de Goiás, Dom Emmanuel, mandou uma correspondência a Victor Coelho definindo sua

¹⁹¹- CHAUL, op. cit., p.130.

posição acerca do tão debatido assunto. Este, em um editorial do *Brasil Central*, revelou a posição da Igreja:

(...) Sua Excia. não se empenhou, nem se empenha pela mudança da capital, seja para Bonfim, seja para qualquer outra parte. Temos carta do Exmo. Sr. Bispo, aconselhando àquela Redação a não se imiscuir no palpitante assunto, nem pró nem contra. Esta é a atitude de Sua Excia.
Revma. 192

Em um outro artigo de fundo, Victor, como que interpretando o pensamento do bispo sobre o assunto, reforçou a idéia de neutralidade, porém deixando escapar uma simpatia pela cidade de Bonfim, na seguinte passagem:

(...) Realizando, porém, a mudança, pedimos encarecidamente ao Exmo. Dr. Interventor ~~compense os prejuizos da Velha Capital~~. Uma excelente estrada de rodagem de Bonfim (junto à ponta dos trilhos da linha férrea) e Leopoldina, passando por Goiás: criação imediata do entreposto fluvial de Leopoldina; incrementar esta navegação por todos os meios e modos (...)¹⁹³

Caso a escolha recaísse sobre Bonfim, para a construção de uma cidade mais moderna, Victor Coelho teria grandes vantagens de ordem financeira, pois desde que chegara a Goiás, vinha investindo boa parte da sua remuneração em explorações mineralógicas à procura de diamante, rutilo e, principalmente, de ouro. Notemos que todas as "compensações dos prejuizos" vão no sentido de melhorias nos meios de transporte. Aparentemente, Victor

¹⁹²- *Brasil Central*, GO, nº 29, 15/12/1932 cit. por SILVA, Cº J. Trindade da Fonseca e. *Lugares e Pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás, SP, Escolas Profissionais Salesianas*, vol. 1, 1948, p.459.

¹⁹³- *Brasil Central* cit. por SILVA, op. cit., p.460. O grifo é nosso.

pretendia com isto assegurar o fácil escoamento e distribuição dos metais preciosos que esperava encontrar na região¹⁹⁴.

Para confirmar tal pista, a marca registrada da campanha política da Coligação Libertadora foi a crítica veemente contra a mudança da capital. De acordo com este partido, a mudança "arruinaria a todos: comércio, lavradores, rentistas etc. Com a mudança, a cidade (Vila-Boa) iria converter-se numa tapera, em breve não seria senão um vasto cemitério de casas despovoadas". E em seguida conclamava o povo: "pau nos mudancionistas"¹⁹⁵. Victor, como redator-chefe do jornal oficial da Igreja, procurou, dentro do possível, manter-se neutro, mas seus interesses pessoais e sua participação política na Coligação nos levam a crer que era contrário à construção da nova capital.

Durante a convenção da Coligação Libertadora, que ficou conhecida como Congresso Político de Ipameri, Victor Coelho era o único representante da L.E.C. no estado. Logo de entrada, enfrentou os políticos comunistas. Protestou contra a chapa dos deputados federais que incluía o nome do advogado Wagner Estelita Campos, que em vários artigos pela imprensa, "ofendeu a Religião, não poupando

¹⁹⁴- Em um trecho de seu livro Goiaz: usos, costumes, riquezas naturais, Goiânia, Revistados Tribunais, 1944, Victor protestaria quanto a falta de atenção das autoridades pelos seus estudos na região de Bonfim: "Tempo virá em que essas ricas minas serão aproveitadas e tidas como das mais preciosas do Brasil. O tempo dirá, pois, com quem está a razão."; cf. p.173.

¹⁹⁵- CHAUL, op. cit., p.140.

a Deus nem a N. S. Jesus Cristo." Seu protesto não foi aceito e Wagner Estelita mantido como candidato¹⁹⁶.

Victor Coelho, posteriormente, foi incluído na chapa dos deputados estaduais como representante dos católicos goianos.

Vieram , enfim, as eleições de 14 de outubro de 1934. O governo de Pedro Ludovico exerceu grande pressão sobre os adversários e, principalmente, sobre os eleitores, através da perseguição desencadeada pelos prefeitos e, de modo particular, pela polícia. Sobre esta atmosfera de terror e intimidação criada pelo Estado Novo, fala-nos Elizabeth Cancelli:

Tratou-se de liquidar as resistências dos antagonistas do governo, seus inimigos objetivos, e fazer crer a toda a população que cada pessoa fazia parte do serviço de vigilância do regime. Este serviço, cuja tarefa era delegada diretamente como uma deferência a Vargas, era executado pelo seu mais temível braço executivo: a polícia.¹⁹⁷

As eleições correram em clima de grande disputa, os candidatos utilizando-se dos mais diferentes meios para ganhar votos. "Não é de causar estranheza que telegramas falsos, ordens misteriosas e outros artifícios fossem usados, uma vez que, o Estado reunia, de sobra, elementos para saber conduzir uma eleição". Na verdade, eram práticas muito familiares aos políticos do período¹⁹⁸.

A confusão provocou a realização de eleições suplementares em 28 de março de 1935.

¹⁹⁶- Miscelânea, p.311; cf. CHAUL, op. cit., p.133.

¹⁹⁷- CANCELLI, Elizabeth. O Mundo da Violência: a Polícia da Era Vargas, Brasília, EdUnB, 1993, p.36-37.

¹⁹⁸- CHAUL, op. cit., p.138-139.

Apurados os votos, o resultado ficou assim definido: o P.S.R. elegeu três deputados federais computando um total de 15590 votos, contra apenas um da Coligação (Domingos Velasco) que obteve 8052 votos. Para deputado estadual, a Coligação conseguiu eleger oito dos 24 candidatos inscritos, com um total de 7981 votos recebidos. Enquanto isto, o P.S.R elegeu o dobro, com 15108 votos.

Victor Coelho foi eleito deputado. Deixou o jornal **Brasil Central** e em dezembro daquele ano visitava pela última vez Dom Emmanuel¹⁹⁹. Não era mais padre e iniciava, assim, mais uma nova etapa em sua vida, sobre a qual escreveu muito pouco.

O DEPUTADO ESTADUAL

De abril a agosto de 1935, Victor Coelho fez parte da Comissão Constitucional que iria elaborar a nova constituição do Estado de Goiás. Coube-lhe coordenar as matérias de ordem econômica e social, disposições gerais e transitórias. Em junho, fez três discursos importantes: sobre "O Problema Econômico de Goiás", "O Nome de Deus no Preâmbulo" e "Goiás e a prodigiosa riqueza do seu subsolo". Esta última, a Mesa Diretora pediu licença para publicá-lo, com fins de propaganda²⁰⁰.

¹⁹⁹- Segundo ele, sofrera uma "desconsideração" in Miscelânea, p. 332.

²⁰⁰- Teve uma tiragem de 1000 folhetos de 13 páginas cada.

Os principais projetos de lei propostos por Victor foram os seguintes: a) isenção de impostos para pedreiros, carpinteiros, ferreiros e outros pequenos profissionais, que exerciam suas profissões, em seus serviços individuais, ou como empregados; garantia à sociedade e aos indivíduos de plena liberdade econômica; criação, dentro do Departamento de Obras, do Fomento Econômico; nenhum imposto sobre as lavouras e sobre os produtos do agricultor; criação de escolas rurais; criação de escolas ambulantes, para os casos de impossibilidade de se criar escolas fixas naquelas mesmas regiões; isenção de impostos municipais e estaduais (exceto as taxas de exportação) para toda indústria têxtil com mais de 10 teares, usinas de beneficiamento de metais, companhias de extração mineralógica, colônias agrícolas, companhias de navegação com mais de 4 barcos a motor e companhias de transporte nas rodovias do Estado.

Todos estes projetos, podem ser encarados como o resultado de trinta anos de convívio de Victor Coelho com operários, camponeses, com a exploração de minérios e com o problema do ensino, ou seja, sua rica experiência adquirida ao longo desses anos de preocupação com a "Questão Social" levou-o a uma visão bastante ampla da situação social brasileira. Porém, seus projetos apenas tendem à amenização dos problemas, sem grandes medidas audaciosas.

Na verdade, suas idéias sintonizavam-se com o projeto de "renovação social" levada pela Igreja. A Ação brasileira de renovação social, sob a liderança do bispo gaúcho Dom João Becker,

ensinava que a referida associação "define o direito à liberdade de trabalho, indica a verdadeira função do capital, cujos abusos derivados do liberalismo econômico verifica e condena, defende as legítimas reivindicações do proletariado, pregando a necessidade de melhor justiça social"²⁰¹.

Na segunda metade do ano de 1936, Pedro Ludovico investiu decisivamente contra os deputados indecisos quanto à questão da mudança da capital.

Porém as coisas não estavam decididas para seu partido, o PSR. A bancada possuía a maioria na Câmara, com 16 deputados. Quatro deles resolveram romper com o partido e passaram à oposição, que já tinha oito deputados. Os dois outros estavam ausentes do Estado. Desse modo, a oposição passou a ter 12 deputados contra dez da situação.

Pedro Ludovico não pensou duas vezes. Fez valer o argumento mais propício do momento: a violência.

Desfechando uma campanha de intimidação, o Governador mandou pregar nas residências dos deputados contrários à mudança da capital, entre os quais se incluía Victor Coelho, cartazes com ameaças. Pelo poder da força de seus soldados, Pedro Ludovico estabelecia o pânico e censurava as tipografias. Acusava alguns membros da oposição de "comunistas" e mandava-os prender. Servia qualquer pretexto para diminuir os quadros da oposição.

²⁰¹- LUSTOSA, A Igreja Católica no Brasil República, op. cit., p.122.

Depois de violências e articulações políticas, Pedro Ludovico conseguiu a adesão de mais um deputado de oposição (Filismino Viana), ao mesmo tempo em que retornava ao Estado o deputado José Ludovico.

Após todo o embate, se reverteu a situação: agora os "mudancionistas" contavam com 13 deputados, e a oposição com 11. Aderiram mais tarde os deputados Agenor de Castro e Victor Coelho de Almeida²⁰².

Victor justificou sua mudança da seguinte forma: como o líder da minoria, Gomes da Frota, não atendeu a seu pedido de não mais se opor à mudança da capital, ele resolveu romper com a Coligação e apoiar o governo.

Mais tarde, em 1937, Victor receberia sua recompensa pela decisão de adesão. Foi criada expressamente para ele dirigir, por lei governamental, uma comissão de serviços de ordem econômica e, além disso, como catedrático de Filosofia, exerceria o magistério no Curso Pré-jurídico de Goiás.

Depois disso, recebeu, com juros, o pagamento de 46 meses de salários atrasados como professor catedrático do Liceu de Goiás, pois esta cadeira havia sido suprimida pela reforma do Ensino de 1931, mas ele teria direito à remuneração por ser concursado. Pedro Ludovico pagou-lhe a importância de 9 contos e 600 mil réis²⁰³.

²⁰²- Cf. CHAUL, op. cit. p.149; FERREIRA, op. cit., p.165.

²⁰³- Para se ter uma idéia do valor, Victor recebia de salário como professor de um instituto de 3º Grau (Pré-jurídico), aproximadamente 800 mil réis.

Em 1938, com 59 anos de idade, Victor Coelho encerrava seu mandato como deputado, com uma boa soma em dinheiro e com excelente status social. Assim, a etapa da "realização" estava encerrada, bastava começar a última: a individuação.

A FEMINILIDADE DAS LETRAS

Retomando as idéias comportamentais de Eugene Monik, tentaremos estruturar psicologicamente esta última etapa da vida de Victor Coelho de Almeida. Cabe lembrar que nossas fontes são muito mais escassas para este período.

Segundo Eugene Monik, do final da adolescência até, aproximadamente, os 35 anos de idade, ocorre na vida do homem um processo que é com toda certeza transformador. Ele a chama de transformação "de trabalho", em oposição à transformação "de amor" da adolescência. O termo que utiliza para esta fase é o de "realização".

Nessa transformação, a natureza da energia se derrama como capacidade sexual concreta e o apetite é substancialmente convertido em vocação alegórica. Este é o conceito freudiano de sublimação. Escolher uma vocação, encontrar uma esposa e criar uma família, acumular propriedades, assumir a liderança na vida

organizacional são todas equivalências tradicionais, metonímicas do falo. Grande parte das necessidades eróticas é recanalizada²⁰⁴.

Nesta fase o indivíduo precisa provar que é homem. Sem a prova, há uma implicação de impotência-feminilização-castração. A necessidade que o homem tem de provar a si mesmo é portanto integrante da psicologia masculina. A lista das realizações varia, mas uma vez que o homem entra nessa transformação, ele necessita de um senso de que tem algum valor na sua comunidade, de que é reconhecido pelos pares competitivos, de que "falicamente tem o seu lugar". Assim, o orgulho de si próprio, sua envergadura masculina, a apreciação da sua própria imagem são fatores que produzem uma auto-estima masculina.

Desde quando entrou para o Pio Colégio Latino-Americano, em Roma, até o término do seu mandato como deputado, Victor procurava sua "realização". Teoricamente, deveria ter entrado na última fase, ou melhor, na "crise da meia-idade", com 40 a 50 anos de idade, porém só conseguiria se sentir realizado - após anos de luta, contradições, vitórias, derrotas e acomodações - quando atinge os 59 anos.

Nesse momento, Victor estaria iniciando a fase que Monik chama de "individuação", ou seja, por um momento "remedial" e outro "individuacional".

No primeiro momento, o homem tem de "voltar atrás" e cuidar de aspectos não resolvidos de estágios anteriores do

²⁰⁴- MONIK, Eugene. Castração e fúria masculina, SP, Ed. Paulinas, 1993, p.35.

desenvolvimento. A reparação na meia-idade cuida de quando e onde o homem deixou passar o momento de uma transformação fálica anterior sem haver completado suas tarefas importantes. A primeira fase da análise é geralmente redutora e trabalha com o passado. O homem precisa descobrir onde foi enganado, e onde ele próprio se enganou, nas suas transformações²⁰⁵.

Victor Coelho passa, efetivamente, por esse momento "remedial". Em dezembro de 1935 é que escreve, em uma caderneta, suas memórias de infância e reminiscências²⁰⁶. No prólogo, revela toda sua vontade de reparação, dialogando consigo próprio:

Creio em Deus e amo-o, desde o albor da minha vida. Apesar de todos os meus erros e das minhas fraquezas, nunca tive maior preocupação que a de conhecer bem a sua Revelação, a sua Lei (...). Desejei servi-lo do melhor modo possível, e, seja a fraqueza em mim, seja a luta pela vida, sejam as dificuldades que me cercaram, um conjunto de misérias me conservou sempre o mesmo homem de desejos, de indecisões e de esperanças em melhores dias. Tive boa fé nos homens, e fui muitas vezes ilusado. Os laços, em que caí, influíram muito no meu destino, ... desorganizando-me a vida. (...)

E mais adiante, suplica a Deus:

Onde quer que eu esteja, ó meu Deus, ainda em vida, ou com o espírito no além e o corpo no sepulcro, perdoa-me as minhas misérias, e tem compaixão de mim!

A partir daí, Victor passaria pelo segundo momento: o "individuacional", isto é, um movimento para frente rumo ao complemento da vida. É uma fase mais prospectiva e sintética de que analítica e reparadora.

²⁰⁵- Id. Ibid., pp. 36-38.

²⁰⁶- Esse material foi a nossa principal fonte para a redação do primeiro capítulo da dissertação.

A transformação peculiar da individuação começa quando se está preparado, quando algo toca de leve no inconsciente, quando aquilo que já realizamos não basta. É um anseio que todo ser humano tem de se diferenciar dos melhores padrões coletivos ou tradicionais de auto-entendimento, e de fazer uma jornada tipicamente sua, profundamente pessoal, essencialmente mítica. Na meia-idade, a pressão cresce dentro do homem para que realize uma tarefa que parece estar em contradição com os seus esforços anteriores.

Eugene Monik enfatiza, neste último estágio transformacional, a integração do próprio ser feminino do homem no seu gabarito masculino fálico. E acrescenta:

A individuação para o homem é quando ele começa a saber que o falo é apenas metade do tecido da vida, e que ele tem dentro de si a imagem da outra metade. Cabe ao homem vir a conhecer a outra metade em preparação para uma calmaria, uma época mais tranquila, um retorno à mãe.²⁰⁷

A integração do feminino no período de individuação leva o homem a ter uma abertura maior para o sentimento, para a emoção, sensibilidade, vulnerabilidade, fraqueza, ternura e pelo sofrimento.

De 1938 até o dia de sua morte (4 de novembro de 1944), Victor viveu um período de calmaria, uma época mais tranquila, de "retorno à mãe". Procurava algo diferente e parece tê-la encontrado nas letras (prosa e poesia). Além disso, outra mulher entrara em sua vida. Uma nova paixão, um novo homem. Raquel, sua irmã freira, diversas vezes lhe escreveu censurando-o e insistindo na

²⁰⁷- MONIK, op. cit., pp.39-40.

necessidade de tornar à vida clerical, isto é, de voltar ao "homem velho". Victor nem respondeu a estas cartas.²⁰⁸.

No decorrer do ano de 1939, Colemar Natal e Silva, Procurador Geral do Estado de Goiás, trabalhou no sentido de organizar a Academia Goiana de Letras. Procurou ajuda junto a outros intelectuais, como Vasco Reis, diretor geral de Educação, e Victor Coelho, que continuava como professor do Liceu.

Recebendo todo o apoio necessário do Interventor Pedro Ludovico, realizaram a sessão de fundação no dia 29 de abril daquele mesmo ano²⁰⁹. A reunião se realizou no palácio do governo, sob a presidência do Interventor, que também aceitou - após alguma relutância, já que não era escritor - o cargo de presidente e membro da Academia.

A primeira diretoria eleita designou para os demais cargos as seguintes pessoas: Colemar Natal e Vasco dos Reis, vice-presidentes; Dario D. Cardoso e Victor Coelho de Almeida, oradores; Albatenio de Godói e Joaquim Ferreira, secretários; e Mário Caiado e Augusto Rios, tesoureiros²¹⁰.

Victor ocupou a cadeira de nº 3 sob o patronato do Padre Luiz Gonzaga. Tal escolha tinha suas razões. Goiano de Meia Ponte, onde nasceu em 1793, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, ainda

²⁰⁸- Miscelânea, p.338; esta foi a penúltima página de seu diário. Victor encerra-o em dezembro de 1938.

²⁰⁹- Correio Oficial, 05/05/1939.

²¹⁰- Revista das Academias de Letras, órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, RJ, ano III, nº 11, jun. 1939, pp. 251-252.

adolescente, seguiu carreira eclesiástica fazendo seus estudos em São Paulo. Coursou Filosofia e Teologia, sendo ordenado sacerdote em 1817, retornando a Meia Ponte. Dedicou-se principalmente à vida pública. Em 1822 foi membro da junta provisória, eleita para substituir o Capitão-General Manuel Sampaio. No ano de 1824, foi eleito para o Conselho Provincial. Em 1830, como redator-chefe, lançava em sua cidade natal o primeiro jornal a circular na Província, a **Matutina Meiapontense**. Criou e instalou a "Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional", destinada a dar proteção a todos os habitantes da Província. Foi vereador, professor, juiz municipal, inspetor da Tesouraria de Goiás e comendador da Ordem de Cristo. Em 1837 assumiu o governo da província. Faleceu em 1846, com 53 anos²¹¹.

Por este pequeno resumo biográfico se pode observar algumas fortes semelhanças, que Victor Coelho de Almeida certamente quis evocar, entre sua vida e a do padre Luiz Gonzaga.

O acadêmico Victor Coelho passava por um momento de maior sentimento, emoção e sensibilidade. O melhor registro desta última transformação interior são os seus poemas e poesias, que foram conservados em um caderno por sua filha, dona Talitha Coelho de Almeida.

São 165 escritos, divididos em Líricas, Críticas, Pensamentos e Lampejos. Alguns deles não poderiam deixar de ser transcritos aqui, para comprovar nossa interpretação do processo de

²¹¹- BORGES, Humberto Crispim. Da Farda ao Fardão Acadêmico, Goiânia, Artes Gráficas Pio XII, 1972, pp.41-44. O sr. Humberto foi o terceiro ocupante eleito da cadeira nº 3.

individuação de Victor Coelho. O poema **Morta** sugere o seu "retorno à Mãe":

Será possível que ora esteja fria
aquela boca que tão calorosos
e dulcíssimos beijos me imprimia...
E aqueles traços puros, tão formosos

frios estejam pois... Será possível
que aquela voz tão meiga, tão mecia jamais se faça ouvir... Indefinível
a cessação da vida, da poesia...

E assim confuso, então, desventurado
soluço, ouvindo a musa dos meus cantos
falar nervosamente do passado:

daquelas olhas ternos e amorosos
que cegos aos meus versos, aos meus prantos, servem de pasto a versos asquerosos !

Em 1944, Victor Coelho lançou sua última obra - o livro **Goiás: usos, costumes, riquezas naturais**. Traz contribuições na área de história e corografia de Goiás, as tradições e costumes, a flora e a fauna, a cultura e as letras, a vida civil e a religião, belezas naturais, a cozinha goiana, a mudança da Capital e as cidades principais, além das informações sobre os minerais da região.

Foi nesse mesmo ano que problemas cardíacos o conduziram ao leito de morte. Talitha estava presente. Ela observou a presença de várias pessoas no quarto do hospital: acadêmicos, políticos, maçons, católicos e algumas mulheres que choravam²¹².

Próximo da morte, ela perguntou ao pai se não devia chamar um padre que lhe desse os últimos sacramentos. Victor respondeu: "Não quero saber de padres! Chamem meus amigos protestantes". Àquela altura da vida, Victor Coelho sabia muito bem que existiam boas pessoas em todas as religiões e igrejas. Sua

²¹²- Dona Talitha disse-nos que uma dessas mulheres vivia com seu pai.

exclamação não significa, a nosso ver, uma nova ruptura com o catolicismo e, muito menos, um simples retorno ao protestantismo, mas, provavelmente um sinal de **ecumenismo**. Sua postura estaria algo mais próxima do modelo de sacerdote que ganharia corpo após o Concílio Vaticano II: o **padre-pastor**. Este, renunciando aos tradicionais símbolos do poder eclesiástico (tonsura e batina), dá maior ênfase à formação bíblica e tem um espírito ecumênico mais aberto que o aproxima dos pastores protestantes²¹³.

Conta-nos dona Talitha que seu pai deixou uma última mensagem. Victor Coelho recitou o salmo 100²¹⁴. Fez com esta passagem bíblica uma justificativa de todas as ações de sua vida; marcada por contradições, sim, porém vivida intensamente.

Vou cantar o amor e o direito,
a ti, Iahweh, eu quero tocar;
vou andar na integridade;
quando virás a mim?

Andarei de coração íntegro
dentro da minha casa;
não porei uma coisa vil
diante dos meus olhos.

Odeio a ação dos apóstatas:
ela não me atrairá;
longe de mim o coração pervertido,
eu ignoro o perverso.

Quem calunia seu próximo em segredo
eu o farei calar;
olhar altivo e coração orgulhoso
eu não suportarei.

Meus olhos estão nos leais da terra,
para que habitem comigo;
quem anda no caminho dos íntegros,
este será meu ministro.

Em minha casa não habitará
quem pratica fraudes;
o que fala mentiras não permanecerá
diante dos meus olhos.

A cada manhã eu farei calar
todos os ímpios da terra,
para extirpar da cidade de Iahweh
todos os malfetores.

²¹³- AZZI, Riolando. O Clero no Brasil: uma trajetória de crises e reformas, Brasília, Ed. Rumos, 1992, p.125.

²¹⁴- Entrevista feita em 07/01/1993.

CONCLUSÃO

Nossa dissertação girou em torno da vida de Victor Coelho de Almeida, trazendo com isto à tona alguns temas: a formação educacional ultramontana, a presença da Igreja junto aos operários no Rio de Janeiro, as disputas política-religiosas entre católicos e protestantes na Capital Federal e a história política e intelectual em Goiás.

No final do século passado e no início do atual, a Igreja Católica procurou formar seus futuros quadros segundo dois modelos de sacerdotes: o **padre-elesiástico** e o **padre-apologista**. Os sacerdotes, recém saídos do Colégio Pio Latino-Americano, viam na Igreja o principal ponto de referência de sua vida. Incorporavam-se completamente à instituição eclesiástica. A antiga fidelidade ao monarca era agora substituída pela fidelidade ao Papa.

Para atrair os novos candidatos, a Igreja construiu e desenvolveu um novo conceito de vocação: o **chamado divino** ao ministério sacerdotal. Por isso, a separação da família era fundamental para que "Deus pudesse falar".

A missão destes sacerdotes era orientar a conduta dos fiéis cristãos segundo as diretrizes teológicas e morais elaboradas pela hierarquia eclesiástica. O contato direto com os Evangelhos

passava a ser desaconselhado como uma característica protestante. Daí a importância fundamental do ensino da doutrina católica, isto é, do catecismo.

Além disso, estes sacerdotes não tornaram-se apenas fiéis à instituição eclesiástica, também assumiram a defesa da ortodoxia católica como caráter específico de sua missão sacerdotal. Daí a luta sem tréguas contra aqueles que eram considerados inimigos da fé. A mentalidade apologética estendia-se do âmbito dogmático à esfera moral. Assim, valores como obediência, disciplina e espírito de sacrifício, típicos da formação militar, às vezes transformavam-se em subserviência.

Quanto à Questão Operária, a Igreja Católica tateava no campo das atividades sociais, realizando obras assistenciais e caritativas; avançou, mesmo em fase experimental, com a União Popular do Brasil no problema propriamente operário, sentindo, ao seu lado, a intensidade da mobilização dos trabalhadores, levada à frente pelos socialistas e anarco-sindicalistas com seus congressos, inúmeros jornais alternativos e o apelo às greves como recurso permanente de suas reivindicações. Os católicos, acompanhando tardiamente e todo esse movimento, procuravam dar um passo à frente na compreensão e na prática da questão social e operária, aplicando as diretrizes da Encíclica *Rerum Novarum*.

Os protestantes, mais especificamente presbiterianos, não estavam totalmente alheios às questões políticas da época e o conflito com os católicos foram intensos e até violentos.

Analisando o jornal *O Ex-Padre* e o livro *Emancipação Religiosa do Brasil*, de Victor Coelho de Almeida, vemos que os protestantes lutavam para que os princípios liberais, que regiam a constituição republicana brasileira, fossem respeitados. Para os católicos, este aspecto político do protestantismo era o causador do livre exame, fundamento de toda revolta, de toda revolução, de toda a contestação de autoridade.

À medida que se fortalecia no Brasil o espírito ultramontano, e as acusações contra liberais e protestantes mais contundentes, também estes últimos passaram a revidar com energia, passando com frequência da defesa ao ataque.

Nesse período encontramos duas óticas diversas na análise da realidade brasileira. Na visão dos católicos ultramontanos, o Brasil era país tradicionalmente e essencialmente católico, e portanto vinculado a Roma; os liberais eram inimigos da fé, e os protestantes eram portadores de doutrinas estrangeiras e anti-nacionais. Na perspectiva dos protestantes liberais, a nação sempre fora dominada pela força do poder clerical, força que era necessário combater. Denunciavam os novos institutos religiosos católicos que se criavam no Brasil por visar apenas o reforço da influência da Santa Sé na política nacional, e por dar apoio às forças conservadoras e reacionárias que ainda se faziam presentes.

Deste modo, um dos aspectos típicos da atitude protestante dessa época era contrapor o progresso das nações anglo-germânicas, onde o protestantismo tornou-se religião do povo e do

Estado, e o atraso econômico das nações latino-americanas, nas quais o catolicismo dominou como religião oficial.

Após a Revolução de 1930, chegou o momento em que a Igreja Católica, sob o embalo de um triunfalismo envolvente (os movimentos religiosos em honra a Nossa Senhora Aparecida e do Cristo Redentor), recobrou uma aliança eficaz com o poder civil. Para isso, a Liga Eleitoral Católica surgiu para demonstrar a importância da Igreja como força social e política.

Tanto em Goiás, como nos outros estados, a L.E.C. refletia a preocupação da hierarquia católica de canalizar a força do povo cristão e, mediante o clero, pressionar os poderes públicos a fim de conquistar as metas da Igreja. As atividades políticas de Victor Coelho de Almeida nesta época em Goiás, quando retornava ao catolicismo, muito serviram à L.E.C. e à Igreja.

Quanto ao período final da vida de Victor Coelho de Almeida, como acadêmico em Goiás, devemos lembrar que o golpe de 1937 e as sequências políticas a que deu oportunidade, paralisaram, pela coação e pela propaganda, a incessante e múltipla atividade intelectual que procurava discutir não apenas o passado mas em especial as virtualidades do processo político e social brasileiro. A controvérsia de idéias cedeu lugar às doutrinas oficiais e, na verdade, até às perseguições e prisões dos intelectuais rebeldes. Extinguiu-se por um bom tempo o debate, a polêmica, e com elas o estímulo à pesquisa e às investigações.

A produção de Victor Coelho de Almeida e da Academia Goiana de Letras neste período só poderia refletir tal momento

político e, portanto, sem questionamentos, contribuir à perpetuação do Estado autoritário.

Neste trabalho, o recurso à psicanálise nos foi muito útil. Não custa lembrar que ela não oferece um livro de receitas mas um estilo de ver o passado. Por isso, a psico-história é compatível com todos os gêneros tradicionais: político, econômico e intelectual - assim como com a maior parte de seus métodos. A vida, que o historiador estuda seja no indivíduo ou num grupo, em eventos singulares ou em longas durações de tempo, é uma série de compromissos nos quais as pulsões irrecalcáveis, os sinais indicativos de ansiedade, as estratégias defensivas, as perseguições do superego, também desempenham um papel importante sem serem exclusivos.

Tanto a história como a psicanálise são ciências da memória, ambas rastreiam as causas no passado, ambas procuram penetrar por trás das confissões piedosas e evasões sutis. Como bem disse Peter Gay: "A história e a psicanálise parecem, assim, destinadas a colaborar em uma pesquisa fraternal pela verdade no passado."

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I - FONTES PRIMÁRIAS MANUSCRITAS

- a) Miscelânea (1897 - 1938), diário pessoal.
- b) Reminiscências (1936), relata a vida de sua avó, mãe e filha.
- c) Memórias (1935), relato de sua infância.
- d) Poesias (1940).

II - FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

2.1 - Livros de Victor Coelho de Almeida

- a) Fé e Coração, RJ, s/ed., 1920.
- b) Emancipação Religiosa do Brasil, SP, Imprensa Methodista, 1923.
- c) Goiás: usos, costumes e riquezas minerais, SP, Revista dos Tribunais, 1944.

2.2 - Folhetos de/sobre Victor Coelho de Almeida

- a) _____. A Transubstanciação, RJ, s/ed., 1905.
- b) _____. Conferências, RJ, s/ed., 1919.
- c) _____. Protestantices, SP, Livr. Catholica, 1932.

d) _____ . As Sete Igrejas do Apocalypse, SP, Livr. Catholica, 1934.

e) SANTOS, A.N. A Apostasia e Virtude: porque voltou ao catolicismo o Cônego Victor D'Almeida, SP, Livr. Catholica, 1932.

2.3 - Jornais e Revistas dirigidos por Victor Coelho de Almeida

a) A Voz do Povo (1911).

b) O Ex-Padre (1920-1925).

c) Coluna (1927-1928).

d) Brasil Central (1931-1935).

2.4 - Jornais consultados

a) A Voz do Trabalhador (1908).

b) A União (1913-1919).

c) O Puritano (1919).

d) A Razão (1919).

e) Rio-Jornal (1919).

f) Jornal do Commercio (1919).

g) O Estado de São Paulo (1919).

h) Boletim Dominical (1925).

h) A Noite (1926-1929).

2.5 - Documentos Eclesiásticos

a) Segundo Congresso Católico Brasileiro, promovido pelo Círculo católico brasileiro do Rio de Janeiro e celebrado na cidade de São

Sebastião do Rio de Janeiro, de 26 de julho a 2 de agosto de 1908, RJ, Ofic. de "O Universo" (1910).

b) Pastoral Coletiva dos senhores arcebispos e bispos das províncias eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São paulo, Cuiabá e Porto Alegre, comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das conferências dos mesmos realizadas na cidade de São paulo, de 25 de setembro a 10 de outubro de 1910, RJ, Tip. Leuzinger (1911).

c) Aos Revms. Snrs. Párocos, Capelães, Superiores Religiosos e Confessores, RJ, Typ. Martins de Araújo (1919) (excomunhão de Victor Coelho).

d) Relatório do movimento espiritual e financeiro da Igreja Evangélica Presbyteriana do Rio de Janeiro durante os anos de 1919 e 1920, RJ, s/ed., 1921(?).

e) Relatório do movimento espiritual e financeiro da Igreja Evangélica Presbyteriana do Rio de Janeiro, ano de 1922 e 1924, RJ, Typ. Marques, Araújo e Cia., 1923-1925.

III - ENTREVISTA

a) Entrevista com D. Talitha Coelho de Almeida, Rio de Janeiro, 07/01/1993 (filha de Victor Coelho).

IV - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADDOR, Carlos Augusto. A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro, RJ, Dois Pontos Ed., 1986.

ALMEIDA, Jaime de. "Há cem anos, o IV Centenário: dos horríveis sacrilégios às santas alegrias" in Estudos Históricos, RJ, vol V, nº 9, 1992, pp. 14-22.

ALVES, Márcio Moreira. A Igreja e a Política no Brasil, SP, Ed. Brasiliense, 1979.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, SP, Cia. das Letras, 1992.

ASSIS, Machado. Dom Casmurro, SP, Ed. Ática, 13 ed., 1982.

AZZI, Riolando. O Altar Unido ao Trono: um projeto conservador, SP, Ed. Paulinas, 1992.

_____. O Clero no Brasil: uma trajetória de crises e reformas, Brasília, Ed. Rumos, 1992.

_____. Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador, Brasília, Ed. Rumos, 1992.

_____. Dom Antônio de Macedo Costa: bispo do Pará - arcebispo primaz (1830-1891), SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol. 1, 1982.

_____. "O movimento brasileiro de Reforma Católica durante o séc. XIX" in Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, Ed. Vozes, vol. 34, fasc. 135, set./1974, pp.646-662.

_____. "A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920)" in CEHILA, A Mulher Pobre na História da Igreja latino-americana, SP, Ed. Paulinas, 1984, pp.94-123.

_____. "Presença da Igreja na sociedade brasileira (1921-1979)" in Cadernos do ISER, RJ, nº 13, 1981, pp.1-20.

BEOZZO, José Oscar. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização" in História Geral da Civilização Brasileira, SP, DIFEL, vol. 11, 1986, pp.271-341.

BORGES, Humberto Crispim. Retratos da Academia Goiana de Letras, Goiânia, Ed. Oriente, 1977.

_____. Da Farda ao Fardão Acadêmico, Goiânia, Artes Gráficas Pio XII, 1972.

- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos, SP, EdUSP, 1987.
- BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas, SP, EdUNESP, 1992.
- CANCELLI, Elizabeth. O mundo da violência: a polícia da era Vargas, Brasília, EdUnB, 1993.
- CARVALHO, José Murilo. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi, SP, Cia. das Letras, 3 ed., 1991.
- _____. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil, SP, Cia. das Letras, 1990.
- CEHILA, História da Igreja no Brasil, Petrópolis, Ed. Vozes, tomo II/2, 1980.
- CHAUL, Nasr N. Fayad. A construção de Goiânia e a transferência da capital, Goiânia, Cegraf, 1988.
- DELUMEAU, Jean. A Confissão e o Perdão: a confissão católica sécs. XII a XVIII, SP, Cia. das Letras, 1991.
- Enciclopédia da Literatura Brasileira, RJ, FAE, vols. I e II, 1989.

FERNADES, Maria Esther. "A 'História de Vida' como instrumento de captação da realidade social" in História, SP, EDUNESP, vol.12, 1993, pp.217-224.

FERRAROTTI, F. (et al.). Sociologia da Religião, SP, Ed. Paulinas, 1990.

FERREIRA, Joaquim Carvalho. Presidentes e Governadores de Goiás, Goiânia, EdUFG, 1980.

FRANKL, Viktor E. Psicoterapia e sentido da vida, SP, Ed. Quadrante, 1986.

GAY, Peter. Freud para historiadores, RJ, Paz e Terra, 2 ed., 1989.

GOMES, Angela de Castro. A Invenção do Trabalhismo, RJ, Ed. Vértice, 1988.

_____. "Silêncio e Orações: as relações Estado, Igreja e Classe Trabalhadora no Pós-34" in Religião e Sociedade, RJ, s/ed., 14/2, 1987, pp.88-110.

GUIMARÃES, Bernardo. O Seminarista, SP, Ed. Ática, 18 ed., 1991.

- GINZBURG, Carlo. A Micro-história e outros ensaios, Lisboa, DIFEL, 1991.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. "O Motim do Vintém e a Cultura Política do Rio de Janeiro em 1880" in Revista Brasileira de História, SP, ANPUH, vol. 10, nº 20, mar/ago. 1991, pp.211-232.
- HUNT, Lynn (org.). A Nova História Cultural, SP, Martins Fontes, 1992.
- JANZEN, Wolfram. Ocultismo: aparições, forças supra-sensoriais, espiritismo, Petrópolis, Ed. Vozes, 1992.
- LEONARD, Émile. O Protestantismo Brasileiro, SP, Ed. ASTE, 1963.
- LEONARDI, Victor; HARDMAN, Foot. História da Indústria e do Trabalho no Brasil, SP, Ed. Ática, 2 ed., 1991.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. Evolução Política dos católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação, Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Os Bispos do Brasil e a Imprensa, SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol. 2, 1983.

- _____. A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso (1889-1989), SP, Ed. Paulinas, 1991.
- _____. Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico à L.E.C. (1874-1945), SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol. 3, 1983.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história, Goiânia, Cegraf, 1990.
- MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985), SP, Ed. Brasiliense, 1989.
- MALATIAN, Teresa M. Os Cruzados do Império, SP, Contexto, 1990.
- MARIA, Pe. Júlio. A Igreja e a República (Pref. Ana Maria Moog Rodrigues), Brasília, EdUnB, 1981.
- MARCH, Euclides. "Uma utopia católica: a União Popular do Brasil" in História, SP, EdUNESP, vol 11, 1992, pp.271-285.
- MARSON, Adalberto. A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres, SP, Duas Cidades, 1979.
- MATOS, Henrique Cristiano J. "Subsídios Documentários para um estudo sobre a Formação do Catolicismo Militante em MG (1916-1936) in Atualização, BH, nº 208, jul/ago 1987.

- MENEZES, Carlos Alberto. Ação Social Católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo, SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol.7, 1986.
- MEYER, Jean. "Metodologia para uma História da Igreja na América Latina" in CEHILA. Para uma História da Igreja na América Latina, Petrópolis, Ed. Vozes, 1986, pp.13-27.
- MICELI, Sérgio. A Elite Eclesiástica Brasileira, RJ, Bertrand Brasil, 1988.
- _____. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945), SP, DIFEL, 1979.
- MONIK, Eugene. Castração e fúria masculina, SP, Ed. Paulinas, 1993.
- MONTENEGRO, João Alfredo. Evolução do Catolicismo no Brasil, Petrópolis, Ed. Vozes, 1972.
- MORAIS FILHO, Melo. Festas e Tradições Populares do Brasil, BH, Ed. Itatiaia; SP, EdUSP, 1979.
- MENDONÇA, Antônio G.; FILHO, Prócoro V. Introdução ao Protestantismo no Brasil, SP, Ed. Loyola, 1990.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A questão nacional na Primeira República, SP, Ed. Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Márcio de. Bangu: de fábrica fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica da cidade, RJ, UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1991, mimeo.

PASSOS, Mauro. A classe trabalhadora em Minas Gerais e a Igreja Católica: a ponta de uma memória (1900-1930), SP, Ed. Loyola/CEPEHIB, vol. 10, 1991.

PIERSON, Paul E. A Yonger Church in Seach of Maturity: the history of the Presbyterian Church of Brazil from 1910 to 1959, New Jersey, Princeton Theological Seminary, 1971.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O Proletariado Industrial na Primeira República" in História Geral da Civilização Brasileira, SP, DIFEL, tomo III, vol. X, 1985.

RAJA GABAGLIA, Laurita Pessoa. O Cardeal Leme (1882-1942), RJ, José Olympio, 1962.

REANAULT, Delso. O dia-a-dia no Rio de Janeiro segundo os jornais (1870-1889), RJ, Civilização Brasileira, 1982.

_____. A vida brasileira no final do século XIX: visão sócio-cultural e política de 1890 a 1901, RJ, José Olympio, 1987.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS, RJ, Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, ano III, 1939.

RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas, RJ, Simões, 1951.

_____. As Religiões do Rio, RJ, Nova Aguilar, 1976.

ROMANO, Roberto. Brasil: Igreja contra Estado: crítica ao populismo católico, SP, Kairós Ed., 1979.

SANTOS, Ferreira dos. A Archidiocese do Rio de Janeiro, RJ, Leuzinger, 1914.

SANTOS, Noronha. As Freguesias do Rio Antigo, RJ, Ed. O Cruzeiro, 1965.

SCAMPINI, Pe. José. A Liberdade Religiosa nas Constituições Brasileiras, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.

SILVA, Dinair Andrade da. Um intelectual e a história: Americano do Brasil, Brasília, s/ed., 1982.

SILVA. Gracilda Alves de A. Bangu: a Fábrica e o Bairro: um estudo histórico (1889-1930), RJ, UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1985, mimeo.

_____. Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro, RJ, Sabiá Prod. Artísticas, 1989.

SILVA, C° J. Trindade da Fonseca e. Lugares e Pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás, SP, Escolas Profissionais Salesianas, vol. 1, 1948.

SEVECENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República, SP, Ed. Brasiliense, 3 ed., 1989.

PORTELLI, Hugues. Gramsci e a Questão Religiosa, SP, Ed. Paulinas, 1984.

TUCHMAN, Bárbara W. A Prática da História, RJ, José Olympio, 1991.

VIEIRA, Maria do Pilar de A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHORY, Yara Maria Aun. A Pesquisa em História, SP, Ed. Ática, 1989.

VOLNOVICH, Jorge. A psicose na criança, RJ, Relume-Dumará, 1993.